

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

JOSÉ DA SILVA SIMÕES

**MARCADORES INTERACIONAIS E
MODALIZADORES DO PORTUGUÊS E DO
ALEMÃO FALADOS**

Vol. I

Dissertação apresentada ao Departamento de
Letras Modernas da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade
de São Paulo, para obtenção do grau de
Mestre em Letras

Orientadora:
Profa. Dra. Masa Nomura

SÃO PAULO
1997

“O Senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas — mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão. E, outra coisa: o diabo, é às brutas; mas Deus é traiçoeiro! Ah, uma beleza de traiçoeiro — dá gosto! A força dele, quando quer — moço! — me dá o medo pavor! Deus vem vindo: ninguém não vê. Ele faz é na lei do mansinho — assim é o milagre. E Deus ataca bonito, se divertindo, se economiza.”

— *Grande Sertão: Veredas* —

Guimarães Rosa

Agradecimentos,

ao CNPq, pelo apoio dado aos meus estudos, e, sobretudo, à Masa, por ter-me ajudado tão cuidadosamente na afinação deste trabalho.

SUMÁRIO

Páginas

Resumo	8
Abstract	9
Zusammenfassung	10
0. INTRODUÇÃO	11
1. - FUNDAMENTOS TEÓRICOS	14
1.1 Fundamentos da Pragmática	14
1.1.1 As regras e o Jogo de Linguagem de Wittgenstein	15
1.1.2 A Teoria dos Atos de Fala de Austin e Searle	17
1.1.3 As contribuições de Henne & Rehbock para a Análise da Conversação	19
1.1.4 A abordagem de Grice e suas relações com a Nova Retórica	21
1.1.5 Atos de fala indiretos	23
1.1.5.1 Os atos de fala indiretos e o aspecto fraseológico-idiomático	23
1.1.5.2 Diretividade e acúmulo de intenções	25
1.1.5.3 A convencionalidade no discurso oral, a polidez e os AFIs: estudos mais recentes	27
1.2 Tópicos de Análise da Conversação	30
1.2.1 Os níveis do discurso oral e as marcas linguísticas da interação	30
1.2.1.1 O turno e a unidade conversacional	30
1.2.1.2 A unidade discursiva e os marcadores conversacionais	32

1.2.2	O monitoramento do discurso oral	33
1.2.2.1	A questão da gestão do turno	34
1.2.2.2	A questão da gestão do tópico	35
1.2.3	Formulação e reformulação	39
1.2.4	A interação verbal: níveis de análise dos marcadores conversacionais	41
1.2.5	A modalização do discurso oral	49
1.2.6	A modalização no português falado	51
1.2.7	A modalização no alemão falado	53
2. -	MODELO DE ANÁLISE	63
2.1	Marcadores conversacionais: uma definição	63
2.2	Articuladores discursivos: uma categoria à parte de marcadores	66
2.2.1	Marcadores, articuladores e polifonia	67
2.3	Marcadores interacionais	70
2.3.1	Marcadores de gestão dos turnos	70
2.3.2	Marcadores de gestão dos tópicos	73
2.3.2.1	Marcadores na organização dos segmentos tópicos	73
2.3.2.2	Marcadores na organização das unidades discursivas	75
2.4	Marcadores modalizadores	80
2.4.1	As formas de modalização	81
3. -	ANÁLISE	85
3.1	Apresentação do corpus: a tipologia dos textos analisados	85

3.1.1	Quadro tipológico comparativo dos diálogos	86
3.1.1.1	Prós e contras da análise comparativa dos corpóra	88
3.1.2	Normas para transcrição dos corpóra	90
3.2	Análise do Córpus	94
3.2.1	Marcadores da gestão dos turnos ✓	94
3.2.1.1	Marcadores do falante	94
3.2.1.1.1	Marcadores de sustentação da formulação	95
3.2.1.1.1.1	Sustentação baseada na verificação intermediária	97
3.2.1.1.1.2	Sustentação lexicalizada baseada na dúvida	97
3.2.1.1.1.3	Marcadores de reformulação	98
3.2.1.1.2	Marcadores finais de entrega do turno	99
3.2.1.1.2.1	Marcadores finais de entrega de turno requerida	99
3.2.1.1.2.2	Marcadores finais de entrega consentida	100
3.2.1.2	Marcadores do ouvinte	101
3.2.1.2.1	Marcadores de sustentação do falante	101
3.2.1.2.1.1	Marcadores de reforço	101
3.2.1.2.1.2	Marcadores de concordância	102
3.2.1.2.1.3	Marcadores de aviso	103
3.2.1.2.1.4	Marcadores de pedido de esclarecimentos (verificação)	103
3.2.1.2.2	Estratégias de tomada e assalto ao turno	104
3.2.2	Marcadores de gestão dos tópicos ✓	108
3.2.2.1	Marcadores na organização das unidades discursivas	108
3.2.2.1.1	Marcadores paratáticos	109
3.2.2.1.1.1	Marcadores paratáticos de continuidade tópica linear	109
3.2.2.1.1.2	Marcadores paratáticos de continuidade tópica hierárquica	112
3.2.2.1.2	Marcadores hipotáticos	114

3.2.2.1.2.1	MCs em parênteses	114
3.2.2.1.2.2	MCs em digressões	116
3.2.2.2	Marcadores de organização dos segmentos tópicos: marcadores de superordenação hierárquica	122
3.2.3	Marcadores modalizadores ✓	126
3.2.3.1	Marcadores modalizadores epistêmicos	126
3.2.3.1.1	Marcadores epistêmicos asseverativos	126
3.2.3.1.1.1	A co-ocorrência com articuladores discursivos	129
3.2.3.1.1.2	A questão da ordenação dos modalizadores	136
3.2.3.1.2	Marcadores epistêmicos quase-asseverativos	141
3.2.3.1.2.1	A co-ocorrência com articuladores discursivos	141
3.2.3.1.2.2	Os quase-asseverativos e a atenuação	143
3.2.3.1.2.3	A atenuação e o contraste tipológico dos corpóra	144
3.2.3.1.3	Marcadores epistêmicos delimitadores	147
3.2.3.2	Marcadores deônticos	151
3.2.3.3	Marcadores afetivos	155
4.	CONCLUSÕES	160
	Referências bibliográficas	165

RESUMO

Este é um estudo contrastivo (alemão falado culto-português falado culto) sobre o papel desempenhado pelos marcadores conversacionais (MCs) nos diferentes planos do discurso oral. Propomos, aqui, que há dois níveis de análise possíveis dos MCs, de acordo com a função que os mesmos exercem na organização do evento conversacional. Assim, reconhecemos, de um lado, a existência de marcadores interacionais, atuando no monitoramento dos turnos (marcadores de gestão dos turnos) e dos tópicos (marcadores de gestão dos tópicos). De outro lado, estudamos a função modalizadora desempenhada pelos MCs, como recurso argumentativo específico da interação verbal (marcadores modalizadores). A análise baseia-se em um corpus constituído de três diálogos do português falado culto na cidade de São Paulo (NURC-SP) e de quatro conversações do alemão falado culto (*Freiburger Korpus*).

ABSTRACT

This dissertation presents a contrastive analysis (spoken German-spoken Brazilian Portuguese) about the function performed by conversational markers (CMs) in the different levels of oral discourse. We discuss there are two possible levels to analyze CMs, according to the function they perform in the organization of a conversational event. So, firstly we recognize the existence of interactional markers affecting the management of the turns (turn-management markers) and the management of the topics (topic-management markers). On the other hand, we study the modal function performed by the CMs as an specific argumentative strategy in the verbal interaction (modality markers). This analysis is based on a *corpus* of three dialogues of spoken Brazilian Portuguese of the city of São Paulo (NURC-SP) and of four conversations of spoken German (*Freiburger Korpus*).

ZUSAMMENFASSUNG

Diese Dissertation handelt von einer kontrastiven Analyse (gesprochenes Deutsch-gesprochenes brasilianisches Portugiesisch) über die Rolle der Konversationsmarker (KM) in den unterschiedlich zu analysierenden Ebenen der Konversation. Wir argumentieren, daß die Analyse der KM in zwei Ebenen unterteilt werden kann, je nachdem welche Funktion sie innerhalb des Gesprächs erfüllen. Wir differenzieren zwischen den Interaktionsmarkern, die eine gewisse Rolle sowohl bei der Organisation der Gesprächsschritte (Gesprächsschrittmarker) als auch bei der Organisation der Gesprächseinheiten (Gesprächseinheitmarker) spielen, und der Modalträgerfunktion der KM als spezifische argumentative Strategie bei der Interaktion (Modalitätsmarker). Die Analyse basiert auf einem Korpus von drei Dialogen im brasilianischen Portugiesisch der Stadt São Paulo (NURC-SP) und auf vier Diskussionen vom gesprochenen Deutsch (*Freiburger Korpus*).

0. Introdução

Nos últimos anos, muitas têm sido as pesquisas feitas na área de Análise da Conversação em várias línguas. Vários desses estudos têm-se limitado à análise de dados específicos de uma determinada língua. Alguns autores têm procurado, dentro da Linguística Aplicada, desenvolver pesquisas contrastivas sobre a linguagem falada e sobre aspectos que podem ser analisados em mais de uma língua natural. Temos estudos comparativos realizados entre o inglês e o alemão¹, o alemão e o grego², o chinês e o inglês³, o igbo e o inglês⁴ e entre o inglês e o francês⁵. Dentre os estudos feitos sobre as línguas neolatinas, destaca-se o de Koch & Oesterreicher (1990), no qual os autores analisam contrastivamente o francês, o espanhol e o italiano falados. Poucos, no entanto, são os estudos comparativos sobre linguagem falada entre o português falado culto e o alemão falado culto. Mais recentemente, Meireles (1991) analisou a questão da negação explícita em diálogos do português e do alemão, procurando evidenciar o aspecto argumentativo que envolve a negação. Neste sentido, constatada a falta de outros estudos contrastivos sobre o alemão e o português falados, a análise a que nos propusemos, aqui, provém da motivação de identificar marcas da argumentação presentes nestas duas línguas.

Este trabalho propõe-se ao estudo contrastivo entre os marcadores conversacionais do português brasileiro falado culto, da cidade de São Paulo, e do alemão falado culto, baseado em três entrevistas do tipo D2 (Diálogos entre Dois Informantes) do *corpus* do Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta de São Paulo (NURC-SP) e de quatro conversações do Projeto *Freiburg* da Alemanha.

¹ Schlobinski & Schütze-Coburn (1992); House e Kasper (1981); Coulmas (1981).

² Pavidou (1994).

³ Chen (1993).

⁴ Nwove (1992).

⁵ Larue & Trognon (1993).

O estudo está baseado nos princípios da Pragmalinguística, com um recorte voltado para a Análise da Conversação. Inicialmente, traçamos um elo de ligação entre as diversas teorias, a partir das considerações filosóficas de Wittgenstein (1984), que primeiro discorreu a respeito das noções de Regra e dos Jogos de Linguagem. Tal abordagem acaba encontrando ecos na Teoria dos Atos de Fala de Austin (1975) e Searle (1969). Dai, partimos para os Princípios Conversacionais de Grice (1975) e suas relações com a Nova Retórica (Perelman, 1976 *apud* Gimeno, 1986), que propõe o estudo da conversação sob o viés da análise da intencionalidade, da convencionalidade e do planejamento argumentativo, notadamente demarcados em questões como a polidez.

Discorremos, também, a respeito da noção de atos de fala indiretos, elementos primordiais para a compreensão do fluxo dialógico, uma questão que está presente no monitoramento dos turnos e nas negociações efetuadas entre os falantes. Para isto, fundamentamo-nos nas considerações de Levinson (1990) sobre a Teoria das Inferências (dos Idiomatismos), Leech (1983), Allwood (1976) e House & Kasper (1981).

De tais considerações, desenvolvemos o nosso modelo de análise, que se baseia, fundamentalmente, na proposta de categorização dos marcadores conversacionais. Este estudo propõe-se, sob o viés da análise contrastiva (português falado culto-alemão falado culto), a uma categorização dos marcadores conversacionais (1) como marcas meramente formais, no plano da interação (marcadores interacionais), e (2) como marcas carregadas de argumentatividade (marcadores modalizadores), no plano da intencionalidade dos falantes, que fazem uso destes recursos para atenuar ou intensificar o seu discurso.

O modelo de pesquisa adotado para a análise partiu do nosso questionamento a respeito dos elementos que, em ambas as línguas, poderiam estar influenciando os falantes na escolha dos marcadores conversacionais. Dentre os objetivos, especificamente relacionados aos **marcadores conversacionais interacionais** como elementos formais do discurso dialógico, focalizamos a questão do papel desenvolvido

pelos mesmos (3) no plano do monitoramento dos turnos, observando as funções desempenhadas pelos mesmos em estratégias de manutenção e de tomada de turnos, tal como em turnos inseridos (se de reforço, concordância, de aviso, de colaboração, resumo, pedido de esclarecimento), e (4) no plano da gestão dos tópicos, verificando suas funções na construção das propriedades de coesão e coerência do evento conversacional através de estratégias de organização das unidades discursivas e dos segmentos tópicos. Dentre os objetivos traçados para análise dos **marcadores conversacionais modalizadores**, propomos (5) uma tipologia dos mesmos como marcas de argumentação, levando em conta as abordagens propostas em outros trabalhos a respeito da modalização na linguagem falada. De maneira geral, procuramos também (6) evidenciar, nos corpórea do português e do alemão, de que maneira o contexto social (*social framework*) influencia na escolha dos marcadores. Um último ponto também deverá ser considerado por nós e que se refere a uma questão primordial na comparação dos corpóra: (7) verificar que propriedades semântico-sintáticas específicas podem ser evidenciadas para cada uma das línguas e de que maneira realizações de marcadores conversacionais semântica e pragmaticamente idênticas podem realizar-se, p. ex., em uma ordenação sintático-sequencial distinta em cada uma das línguas.

Assumimos que, para categorizar os marcadores conversacionais satisfatoriamente, é preciso fazer uma dissociação entre a análise meramente estrutural e formal destas marcas e a análise argumentativa, que está totalmente baseada na dimensão ilocutória de que fala Koch (*in* Castilho, 1993).

1. - Fundamentos teóricos

1.1 Fundamentos da Pragmática

A fim de melhor especificar a abordagem aqui adotada, faremos, inicialmente uma breve apresentação dos autores que desde o início do século têm colaborado para o desenvolvimento dos estudos da Pragmática, seja ela voltada para a Sociopragmática ou para a Pragmalingüística, assim como a separa Leech (1983), por um lado, e por outro, baseada nos preâmbulos da Filosofia da Linguagem proposta por Wittgenstein em suas **Investigações Filosóficas** (1945)⁶, quando, pela primeira vez, ele apresenta os Jogos de Linguagem (*Sprachspiele*) como elementos básicos da conversação.

Tais considerações relacionam Wittgenstein com o que mais tarde veio a se chamar de Teoria dos Atos de Fala. Embora não tendo tido contato direto com a filosofia de Wittgenstein, Austin (1975) desenvolveu em suas aulas uma Teoria dos Atos de Fala sobre pressupostos idênticos aos dos Jogos de Linguagem. Esta teoria foi, mais tarde, ampliada e reorganizada por Searle (1969) em suas pesquisas.

A visão aparentemente simplista e reducionista da Teoria de Austin e Searle viria mais tarde a ser reelaborada por Grice (1975) em termos de princípios de comunicação, tais como o seu Princípio de Polidez e o Princípio da Cooperação que devem existir entre locutor e alocutário. A abordagem de Grice aproxima-se dos fundamentos retóricos propostos por Perelman em seu Tratado de Retórica (Perelman, 1976 *apud* Gimeno, 1986).

⁶. *Apud* Marcuschi (1986).

Uma vez apresentadas as idéias básicas de cada uma destas teorias, iremos proceder a um recorte teórico, para analisar os marcadores conversacionais, não sem antes demarcar o lugar dos mesmos dentro da Análise da Conversação.

1.1.1 As regras e o Jogo de Linguagem de Wittgenstein

Um dos primeiros a se preocupar com a linguagem do ponto de vista filosófico, de maneira a estabelecer uma relação entre a linguagem em si, os falantes e o mundo, foi Ludwig Wittgenstein, cuja produção se divide em duas partes. Fazem parte da primeira fase a sua Gramática Filosófica, o Tratado Lógico Filosófico (1984), estudo este, no qual ele desenvolve a teoria de que os objetos e os fatos simples (*Tatsachen*) existem mesmo fora do complexo no qual estão inscritos. A relação de existência desses fatos ou objetos com outros estaria, assim, demarcada unicamente através de sua realização na linguagem.

Nas Investigações Filosóficas (IF, 1945), estudo publicado postumamente e marco da segunda fase, ele acentua que o significado das palavras e a sua função só podem ser determinados através de seu uso. Criticando e ampliando as idéias expostas no *Tractatus Logico-Philosophicus*, Wittgenstein reconhece, assim, que a denominação dos fatos e das coisas só pode acontecer dentro de um determinado contexto. Ele abandona a idéia de que a significação seja exclusivamente representada e assume a concepção de que os signos se associam entre si e só têm força comunicativa em um dado contexto. Daí ter surgido a sua definição de Jogos de Linguagem, estabelecendo esta relação entre os signos e o mundo. Assim argumentando, refere-se à definição canônica dos tipos de enunciados (*Sätze*) - *Afirmação, Pergunta e Ordem* - como sendo insuficiente para abranger tantas outras possibilidades de ação linguística:

*"Imagine a multiplicidade de jogos de linguagem nestes e em outros exemplos:
ordenar e agir sob ordem...
descrever um objeto segundo a sua aparência ou suas medidas...
produzir um objeto a partir de uma descrição (desenho)..."*

relatar um fato...
fazer suposições sobre o fato...
criar uma hipótese e pô-la à prova...
apresentar os resultados de um experimento através de tabelas e diagramas...
inventar uma história e lê-la...
fazer teatro...
recitar versos (de roda)...
solucionar enigmas...
contar piadas...
traduzir de uma para outra língua...
pedir, agradecer, praguejar, cumprimentar, rezar."⁷

Allwood (1976), ao discorrer sobre a noção de interação conversacional, assim interpreta os Jogos de linguagem de Wittgenstein:

"Any interaction between at least two persons involves a language game if 1. a sender tries to verbally display or signal information to a receiver, 2. a receiver apprehends and reconstructs that information, 3. a receiver understands and takes a stand on the information, 4. a receiver behaviorally reacts to the information, within a relatively short period of time after he has apprehended and understood it." (Allwood, 1976:217)

Para Allwood, alguns dos fatores mais importantes que determinam as interações comunicativas, em geral, são a informação que o falante sinaliza e a ocorrência de comportamento de conteúdo convencional ou de força convencional. Para o nosso trabalho, é importante notar que tanto o conteúdo convencional como a força convencional desempenham um papel importante na realização dos atos de comunicação dialógica. Ele ainda considera como elementos significativos da ação linguística: a informação que o receptor-alocutário apreende e sua atitude para com esta informação e as normas de cooperação ideal - requisitos convencionalizados particulares -, como as questões referentes à influência da posição social (hierarquia dialógica) e da solidariedade na progressão da interação. Assim, leva-se em conta também o alocutário e a sua reação face ao que foi dito, de forma que a questão da intencionalidade (e a sua

⁷ tradução nossa do trecho: "Führe dir die Mannigfaltigkeit der Sprachspiele an diesen Beispielen, und anderen, vor Augen: Befehlen, und nach Befehlen handeln - Beschreiben eines Gegenstandes nach dem Ansehen, oder nach Messungen - Herstellen eines Gegenstandes nach einer Beschreibung (Zeichnung) - Berichten eines Hergangs - Über den Hergang Vermutungen anstellen - Eine Hypothese aufstellen und prüfen - Darstellen der Ergebnisse eines Experiments durch Tabellen und Diagramme - Eine Geschichte erfinden, und lesen - Theater spielen - Reigen singen - Rätsel raten - Einen Witz machen: erzählen - Ein angewandtes Rechenexempel lösen - Aus einer Sprache in die andere übersetzen - Bitten, Danken, Fluchen, Grüßen, Beten." (Wittgenstein: 1984: § 23, p. 250)

efetividade) possa, assim, ser melhor caracterizada pelo locutor e satisfatoriamente captada pelo alocutário.

As idéias de Allwood acima expostas referem-se diretamente à noção de Regra utilizada por Wittgenstein, ou seja, todo e qualquer ato de comunicação está carregado de convencionalidade e a intencionalidade a ela submetida. Marcuschi (1986) interpreta a regra como sendo um dado não inteiramente fixo e estanque de uma ou de várias línguas. Tomemos, até, a noção de língua como uma linguagem universal, dentro da qual habitam as Regras de que fala Wittgenstein em suas Investigações Filosóficas:

“Uma regra funciona assim como uma tabela em que as palavras se correspondem (IF § 48), ou como um esquema em que as palavras se correspondem (IF § 74), ou um indicador de caminho (Wegweiser) (IF § 85 e § 198) ou um adiestramento (IF § 198) uma ordem a ser seguida (IF § 206), um costume (IF § 199) ou trilhos (IF § 218).”
(Marcuschi:1986:87-88)

É aí, então, que se incluem não só os marcadores conversacionais, objeto de nosso estudo, mas também as expressões ilocutivas indiretas (*indirect speech acts*) e outros idiomatismos, que fazem parte de uma tabela - no sentido wittgensteiniano -, na qual estão disponíveis, ao alcance do falante, e são parte integrante de um conjunto maior de regras e de costumes de uma determinada comunidade linguística. Elas são subcategorizadas e motivadas pelos falantes de acordo com a necessidade, o contexto, a situação, o grau de conhecimento entre os falantes . etc.

1.1.2 A Teoria dos Atos de Fala de Austin e Searle

John L. Austin, em sua Teoria dos Atos de Fala (1975), definiu o ato de fala como sendo uma ação linguística mínima, que ocorre simultaneamente em três níveis de realização:

(i) **o ato de locução:** a realização de uma proposição com sentido determinado e referência determinada;

(ii) o **ato ilocutivo** (ilocutório ou ilocucional): reconhecer, pedir, prometer algo através da realização de uma proposição, baseando-se na **força convencional** que está ligada à proposição (ou com sua paráfrase performática explícita);

(iii) o **ato perlocutivo** (perlocutório ou perlocucional): a efetivação de reações sobre o alocutário através da realização da proposição, levando-se em conta que as reações são dependentes das condições externas à proposição em si.

A ação linguística, entendida assim, divide-se em três dimensões de sua realização: uma a do ato de expressão mesmo, da produção do enunciado (ato de locução), outra no plano da expressão com força ilocutiva, do enunciado associado a uma intenção objetiva pelo locutor e, finalmente, no plano da interpretação por parte do alocutário, do enunciado associado a uma intenção e sua correspondente interpretação por parte do receptor.

Relevante é o aspecto da convencionalidade que norteia o ato ilocutivo. Enquanto que, de um lado, temos regras gramaticais que determinam a locução, de outro lado, temos regras de enunciação que determinam o ato intencional (ilocutivo) , que serão fundamentais para a realização efetiva e satisfatória da intencionalidade no plano do ato perlocutivo. Assim, da mesma forma que há regras morfológicas e sintáticas para a elaboração do enunciado, existem **regras de convenção** que regem a relação locutor/alocutário no processo de ação linguística.

Embora evidências históricas mostrem que Austin não teve grande contato com as investigações de Wittgenstein, ele chega a proposições bastante semelhantes, como as feitas na oitava aula de seu curso sobre a Teoria dos Atos de Fala:

"Realizar um ato de locução significa, também, genericamente e eo ipso, realizar um ato ilocutivo, como eu gostaria de denominá-lo. Assim, na realização de um ato de locução realizamos também um ato tal como:

*fazer uma pergunta ou responder;
informar, dar uma certeza, advertir;
exprimir uma resolução, uma intenção;
dar um veredicto;*

*recorrer, apelar, julgar;
identificar ou descrever;"*
(Austin,1962: p. 116)⁸

Os estudos realizados na área de Teoria dos Atos de Fala colaboraram consideravelmente para o progresso nas pesquisas da linguagem oral e mais tarde, para a pesquisa em **Análise da Conversação (AC)** e, por extensão, para a pesquisa pragmática. Muitas foram, no entanto, as críticas feitas às idéias de Austin e Searle, cujas proposições foram taxadas posteriormente de simplistas, pois resumiam-se à análise de atos aparentemente isolados de um contexto maior. Muitos linguistas preferiram dedicar-se mais ao aspecto também levantado por Austin, mas por ele pouco explorado, como o de **Convencionalidade**, retomado mais tarde por Grice em seus estudos sobre a linguagem e os princípios básicos que regem a ação linguística.

1.1.3 As contribuições de Henne & Rehbock para a Análise da Conversação

Dentro dos estudos de AC, ressaltamos as pesquisas feitas na Alemanha por Henne & Rehbock (1982), que têm para o ato de fala uma subcategorização que leva em conta os dados interpessoais, contextuais e situacionais do enunciado. Henne & Rehbock redefinem o ato de fala de Austin e Searle para *Ato de Conversação (Gesprächsakt)*:

"atos de conversação são unidades conversacionais comunicativas mínimas de fala e de unidades gestuais-nímicas mínimas, que têm dentro de uma conversação uma importância específica e de ação planejada" (Henne & Rehbock:1982,182)⁹

⁸ tradução nossa do trecho em alemão: "Einen lokutionären Akt vollziehen heißt im allgemeinen auch und eo ipso einen illokutionären [illocutionary] Akt vollziehen, wie ich ihn nennen mochte. So werden wir im Vollzug eines lokutionären Aktes auch einen Akt vollziehen wie etwa: eine Frage stellen oder beantworten; informieren, eine Versicherung abgeben, warnen; eine Entscheidung verkünden, eine Absicht erklären; ein Urteil fällen; berufen, appellieren, beurteilen; identifizieren oder beschreiben."

⁹ tradução nossa: "Gesprächsakte sind sprachliche und gestisch-nímische minima kommunikative Gesprächseinheiten, die innerhalb eines Gesprächs einen handlungsplanmäßigen, auf jeden Fall spezifischen Stellenwert haben"

Já em termos de regras básicas que fazem parte dos atos de conversação, tais como normas e obrigações inerentes à conversação, afirmam que tais normas “*não são universais, mas valem para culturas, níveis, instituições e grupos de interação específicos e não são de igual modo fundamentais, mas estendem-se de regras básicas até as convenções mais específicas.*”¹⁰

Esta definição parece dar conta da abordagem pragmática que tem sido visada nos últimos trabalhos de AC. Para o estudo dos marcadores conversacionais, importa-nos consideravelmente a questão de **planejamento da locução**, pois nela reside grande parte da significação e da diretividade ou não dos atos de fala.

Em grande parte, a crítica que se faz a Austin e Searle deve-se também ao fato destes não terem considerado a reação produzida pelo enunciado no ouvinte/alocutário, pois somente através dela é que se pode concluir se a intenção almejada foi efetivada ou não e, em que medida o alocutário reage ao ato ilocutivo indireto, às vezes até mesmo com outro ato de fala indireto, de forma a manter o diálogo no mesmo nível de não-diretividade, mostrando, por conseguinte, que é capaz de argumentar no mesmo plano do locutor. No exemplo abaixo, podemos observar claramente esta tendência à não-diretividade do discurso:

<i>Ele</i>	<i>Ela</i>
<i>a. A menina fez nas calças...</i>	<i>b.</i>
<i>c. Por mim eu colocava uma outra fralda nela.</i>	<i>d. Que bom...</i>
<i>e. Você pode colocar uma fralda nela, ou não?</i>	<i>f. Você também pode...</i>
<i>g1. Eu preciso ir embora logo</i>	
<i>g2. Vai logo, coloca a fralda!</i>	

(Schoenthal, 1979:54)¹¹

¹⁰ tradução nossa: "Diese [Normen] sind nicht universal, sondern gelten spezifisch fuer Kulturen, Schichten, Institutionen, Interaktionsgruppen, und sie sind nicht in gleicher Weise fundamental, sondern reichen von Basisregeln bis zu spezielsten Konventionen." (Honne & Rehbock:1982:201)

¹¹ tradução nossa.

Na verdade, a transcrição do exemplo anterior não contém dados suficientes para uma análise mais correta, tais como descrição do gestual e da tessitura dos turnos; além disso, faltam-lhe, é claro, o contexto situacional e dados interpessoais. No entanto, vê-se que, através desta seqüência, é possível subsumir-se todo um conteúdo sociocultural em que a relação homem/mulher/criança é delineada.

1.1.4 A abordagem de Grice e suas relações com a Nova Retórica

A pragmática linguística, ocupando-se da estreita relação do signo com os atuantes que dele fazem uso (tanto como locutor ou como alocutário), deu novos rumos aos estudos linguísticos na medida em que fez com que a pesquisa se estendesse da simples análise da frase para a análise do discurso como um todo e suas relações com outros discursos. Grice (1975) fala em seus trabalhos de Princípios Conversacionais que norteiam a ação linguística. São eles o Princípio de Cooperação e o Princípio de Polidez. Grice introduz também o termo Implicaturas Conversacionais, que em sentido mais estrito, podem ser vistas como atenuantes do discurso ou como eufemismos.

Sob o Princípio da Cooperação, ele distingue quatro categorias de máximas: de quantidade (“não diga nem mais nem menos do que o necessário”), baseado na informatividade do enunciado, a máxima de qualidade (“só diga coisas para as quais tem evidência adequada; não diga o que sabe não ser verdadeiro”), baseado no valor de verdade, a máxima de relevância (“diga somente o que é relevante”) e a máxima de modo (“seja claro e conciso; evite a obscuridade, a prolixidade, etc.”), centrada na organização do enunciado em relação à obscuridade, à ambigüidade, que devem ser evitadas, e na procura por brevidade e ordem no enunciado.

Estas colocações feitas por Grice são similares às de Perelman em seu Tratado de Retórica, no qual são especificados os lugares, também de quantidade, qualidade e ordem, do existente, da essência e da pessoa. Para Perelman, a argumentação apoia-se em hierarquias várias: *abstratas* (onde predominam a superioridade do justo-útil, causa-

efeito, uno-múltiplo), *homogêneas* e *heterogêneas*, que se relacionam com valores concretos e abstratos. Ele leva também em consideração valores universais como o justo, o belo e o bem, desprovidos do maniqueísmo muitas vezes marcado em pares de valores como bom-mau, belo-feio. Para Perelman, a base da argumentação, sob o viés desta Nova Retórica, prescinde da adaptação do orador ao seu auditório e, por conseguinte, da adesão do público às teses.

A visão retórica da pragmática completa-se em Halliday (*apud* Leech, 1983), que distingue duas retóricas, uma interpessoal e a outra, textual, a primeira estando intimamente ligada à relação entre os falantes (Princípios de Polidez, de Cooperação e de Ironia), regulativa, e a outra submetida ao (próprio) enunciado e aos processos de organização (processabilidade, clareza, economia, expressividade), portanto constitutivos, que o falante/locutor deve seguir. Outro estudioso da Pragmática Linguística, Leech (1983), subdivide a intencionalidade do enunciado em dois planos: a *força ilocutiva* e a *força retórica* do enunciado que, juntas, consistem na *força pragmática*.

Uma vez admitido que os atos de fala indiretos fazem parte de um elenco de expressões convencionalizadas de uma língua, do qual o falante pode dispor de acordo com o seu objetivo e a situação, devemos nos perguntar, no entanto, em que medida as convenções podem ser consideradas numa abordagem pragmática da linguagem. Convencionalidade e intencionalidade estão em estreita relação, já que o falante não pode deixar de fazer uso de determinadas convenções, tais como os atos de fala indiretos, para alcançar o seu objetivo (a realização da intenção). Muitas vezes, os atos de fala indiretos são expressos em linguagem falada através de marcadores conversacionais.

"the difference may be summarized in the formula: grammar is primarily conventional and secondarily motivated; pragmatics is primarily motivated and secondarily conventional" (Leech: 1983:29-30)

Não há, portanto, como deixar de analisar aspectos estritamente constitutivos de uma ou várias línguas se quisermos proceder a uma análise dos mecanismos argumentativo-pragmáticos de que faz uso um dado falante.

1.1.5 Atos de fala indiretos

Os atos de fala indiretos (AFIs), assim como os descreveram, entre tantos, principalmente Austin (1975) e Searle (1969), são descritos, *generalizadamente*, como sendo expressões de força ilocucionária não literal, sem que tenha sido feita uma categorização, levando-se em conta o aspecto argumentativo das mesmas num contexto maior, tal como o de suas ocorrências em conversações. Dado o seu aspecto intrinsecamente fraseológico, os AFIs estabelecem uma relação direta com o objeto de nosso estudo, os marcadores conversacionais. Desta forma, é de extrema importância observar as considerações feitas sobre os AFIs, para que possamos reconhecer, através de sua realização na interação verbal, as marcas formulaicas a que nos referimos e neles reconhecer ocorrências de marcadores conversacionais.

1.1.5.1 Os atos de fala indiretos e o aspecto fraseológico-idiomático

Da mesma maneira que podemos elencar verbos, substantivos, adjetivos, artigos e pronomes de uma língua, é também possível fazer um rol dos idiomatismos e das expressões singulares a uma determinada língua. Assim o fazendo, estaremos no nível das regras constitutivas de uma dada língua. Na medida em que submetemos estes elementos a uma análise semântica, e sua relação com o falante num determinado contexto, procedemos com uma análise de regras reguladora da ação lingüística e, portanto, retórica (textual) e pragmática.

AFIs podem ser vistos, portanto, como idiomatismos de uma dada língua, muitas vezes encontrados com as mesmas regras constitutivas em várias línguas, p. ex., verbo *poder* (subjuntivo) + *por favor*. Em fraseologia, fala-se de fórmulas, de rotinas conversacionais, que são utilizadas pelo falante constantemente e que de um lado são

regras constitutivas do discurso, as quais são usadas com caráter regulador para alcançar-se um determinado objetivo. São, assim, chamadas de fórmulas situacionais, para cujo estudo importam questões de uma etnografia da comunicação. Elas são etiquetas conversacionais, que são usadas pelos falantes como mecanismos de preservação da face e exercem uma função estratégica, como no caso dos AFIs de ordem. Seu grau de diretividade, de literalidade e, por conseguinte, de intencionalidade são o reflexo de uma força metafórica exigida, concomitantemente, por convenção e por questões de planejamento conversacional.

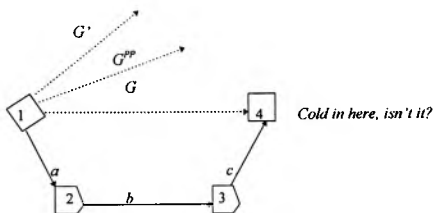
Levinson (1990) entrevê um agravante na definição dos AFIs como idiomatismos. Em sua concepção, idiomatismos são expressões que se diferenciam de uma comunidade linguística para outra. Segundo ele, uma **teoria dos idiomatismos** deveria, portanto, ser acrescentada de uma teoria pragmática, como uma **teoria da inferência**. Assim, a estrutura *Você pode VP¹²?* teria a força de uma pergunta, que segundo uma inferência (por parte do alocutário), que seria realizada através da sua localização dentro de condições contextuais, teria, acessoriamente, a força indireta complementar de um pedido. Pensando-se nestes termos, teríamos a força indireta como **perlocução, implicatura griceana ou ilocução complementar convencionalmente específica**.

Ainda segundo Levinson (1990:270), esta **teoria da inferência** apresentaria regras básicas para a avaliação dos enunciados: (i) o significado literal e a força literal de um enunciado são avaliados pelos falantes e estão disponíveis para estes; (ii) para que um enunciado seja um ato de fala indireto, é preciso que exista um índice de inferência através do qual possa ser gerada a força literal do enunciado; (iii) é preciso que haja regras e princípios de inferência para que da força do significado literal e do contexto possa ser reconhecida a força indireta relevante do enunciado.

¹² do inglês *verbal phrase (VP)*.

1.1.5.2 Diretividade e acúmulo de intenções

O AFI é um ato ilocucionário realizado indiretamente através da performance de um outro ato (Searle, 1969). Ilocuções indiretas são simplesmente ilocuções que são mais indiretas que outras, e a não diretividade é um problema de grau (Leech, 1983:38). São fórmulas convencionalizadas que fazem parte de um ritual, de regras para manter-se uma boa conversação. O contexto determina a convenção apropriada. A força convencional provém de forças sociais que cada grupo impõe ao seu meio. O grau de institucionalização varia de uma convenção para outra (Allwood, 1976:122). Através de AFIs, o falante pretende ver realizados, no seu alocutário, não só um, mas outros objetivos que se acumulam num só enunciado. Consideremos o seguinte gráfico, onde esta idéia fica mais clara:



- 1 = initial state (*s* feels cold)
- 2 = intermediate state (*h* understands that *s* is aware that it is cold)
- 3 = intermediate state (*h* understands that *s* wants the heater on)
- 4 = final state (*s* feels warm)
- G_j = goal of attaining state 3 (getting warm)
- G^{PP} = goal of observing the Politeness Principle
- G^* = further goal(s) (unspecified)
- a* = *s*'s action of remarking that it is cold
- b* = *s*'s action of telling *h* to switch on the heater
- c* = *h*'s action in switching on the heater

(Leech, 1983:38)

Imaginando-se que o falante cria uma estratégia indireta para realizar o objetivo, a razão para isto é simplesmente a de que se quer alcançar algum outro objetivo em adição a G. Esta é a justificativa para a adição de um objetivo extra G^{PP} de preservar o PP e, por conseguinte, manter boas relações sociais (Leech 1983:39-40). Assim concomitantemente, aliados à performance de um AFI de ordem, podem ser visados outros objetivos, que dependerão exclusivamente da responsividade do alocutário, ao qual cabe exclusivamente interpretar a ilocução como coercitiva ou impositiva. Consideremos, para tanto, o gráfico de pares e triades dos termos da ação comunicativa proposto por Allwood (1976:219)¹³:

falante: inicial	receptor: resposta	falante: resposta
1. requerer, comandar, ordenar, forçar	obedecer, protestar, refutar, ceder	agradecer, reconhecer, repreender
2. afirmar, reportar, informar	assentir, negar, objetar, declarar, repudiar, recusar, reconhecer, confirmar, acrescentar	atender, admitir, reconhecer
3. acusar, repreender, recriminar	admitir, negar, confessar, opor-se, aceitar, objetar, confirmar, refutar	perdoar
4. atacar, saltar, desafiar	defender-se, insultar, desafiár	
5. pedir, implorar, solicitar	concordar, refutar, asseverar, prometer	reconhecer

A prototipicidade (P) ou não da ordem fica demarcada, desta forma, pelo grau de diretividade (D) com que é expressa a ordem:

P	D	PP	
-	-	+	<i>Será que o senhor poderia me passar o açúcar?</i>
			<i>O senhor poderia me passar o açúcar?</i>
			<i>O senhor pode me passar o açúcar?</i>
			<i>O senhor me passa o açúcar?</i>
			<i>Passe-me o açúcar, por favor!</i>
			<i>Passe-me o açúcar!</i>
+	+	-	<i>(X) aponia para o pote de açúcar)</i>

Parece-nos, assim, que a dicotomia pedido-ordem presente nos AFIs de ordem fica melhor esclarecida e sinalizada.

¹³ tradução nossa.

1.1.5.3 A convencionalidade no discurso oral, a polidez e os AFIs: estudos mais recentes

Em estudos mais recentes, Boxer (1993) e Rundquist (1992) abordam a questão dos atos de fala sob uma perspectiva social e comportamental. Outros autores, como Chen (1992), Fraser (1990b), Kasper (1990), Nwoye (1992), Pavlidou (1994), Sarangi (1992) e Wildner-Basset (1994) referem-se, completam-se e reorganizam a noção de polidez sob a perspectiva de Grice, de Brown & Levinson (1978) e de Fraser (1975 e 1981), assumindo elementos de cada uma destas abordagens para organizar, assim, um método mais voltado para a análise etnometodológica proposta por Sacks, Schegloff e Jefferson (1974).

Outra linha de pesquisa, ligada à noção de convenção no discurso oral, está voltada para a questão do monitoramento tópico no discurso oral, assunto ao qual dedicaram especial atenção Höiker (1989), Kayser (1989), Koch (1993), Lötscher (1992) e Schlobinski (1992)¹⁴.

Destacamos o trabalho de Pavlidou (1994) que, em seu artigo, compara os estilos conversacionais do alemão e do grego, analisando a presença ou não das formas fáticas nos atos de fala de iniciação de conversas telefônicas, discutindo sobre a polidez não apenas como um ato puramente de preservação da face - mecanismos de figuração (Grice (1975) - , mas dentro do contexto do evento conversacional como um todo, e aponta para algumas consequências da teoria de Brown & Levinson (1978, 1987)¹⁵. Neste estudo, ela alerta para o fato de que não se pode discutir polidez numa perspectiva meramente social, nos termos de “bons modos”, pois sob esta perspectiva, as conclusões de seu trabalho levariam a julgamentos subjetivos como: os alemães são menos polidos que os gregos em conversas telefônicas. Colocando em questão esta abordagem, ela evidencia elementos que estariam atuando neste tipo de conversação, de forma a

¹⁴ Tal perspectiva é de grande valia para a análise dos marcadores e parte destes estudos será apresentada no capítulo seguinte. e de tais abordagens deriva parte do modelo de análise proposto no capítulo três.

¹⁵ Apud Pavlidou (1994:487)

comprovar a presença ou ausência dos **marcadores fáticos**. A partir da análise da razão do telefonema (social ou prática), benefício do telefonema (do falante ou do receptor), da relação destes dois elementos entre si, conclui que a ausência de elementos fáticos na conversação telefônica em alemão denota a tendência dos alemães a serem mais diretos e práticos neste tipo de conversação - daí a relação do aspecto sociocultural com o linguístico. Enquanto os alemães privilegiam o conteúdo da conversação (*repport-oriented*), o grego privilegia a formulação, assim o evento discursivo (*rappport-oriented*). Isto invalida a idéia de que gregos, em telefonemas, sejam mais polidos do que alemães, já que a polidez, expressa através de AFIs, jamais pode ser avaliada somente por um grau de diretividade em uma escala absoluta para todas as línguas. Nem os enunciados podem ser *ipso facto* polidos, nem as línguas podem ser mais ou menos polidas (Fraser, 1990a:233).

Partindo destes pressupostos, nosso estudo reforça a idéia de que não se pode discutir a questão sociocultural referente a uma comunidade linguística, sem levar em conta os dados intra-linguísticos e de contrato conversacional (Fraser, 1990a:232) inerentes aos processos de interação conversacional, sejam eles quais forem.

Tais considerações valem para o meu estudo sobre as marcas da argumentação no discurso falado na seguinte medida: (1) não importa para nós saber se alemães produzem maior ou menor número de atos de fala indiretos, ou se utilizam mais ou menos marcadores de atenuação ou intensificação que falantes do português brasileiro; (2) a análise comparativa dos dados pretende apenas elencar as ocorrências de tais fenômenos em ambas as línguas e analisar o seu caráter constitutivo de acordo com um modelo que permita o encaixe destas marcas em categorias distintas, no plano meramente interacional e no plano da intencionalidade de que estão revestidas.

Os tópicos tratados nesta seção serviram-nos de orientação para encontrar o lugar dos marcadores conversacionais dentro do estudo da Pragmalingüística. No capítulo seguinte, passamos a um recorte mais específico, ligado aos estudos sobre a Análise da Conversação e as abordagens de interpretação dos marcadores

conversacionais no português e no alemão falados. Naturalmente, é necessário evidenciar que outros elementos estão envolvidos na utilização dos marcadores conversacionais. Desta forma, identificamos as unidades básicas do evento conversacional, tais como as unidades discursivas, os turnos, os segmentos tópicos e sua distribuição dentro dos quadros tópicos. Traçamos também a definição da noção de tópico discursivo e das estratégias de gestão de turnos e de tópicos.

1.2 Tópicos de Análise da Conversação

O campo de estudo da Análise da Conversação teve origem nos estudos interacionistas, também chamados etnometodológicos, dos lingüistas americanos, entre eles Sachs, Schegloff, Jefferson (1974)¹⁶. Inicialmente, estes autores preocuparam-se com a análise da estrutura dialógica na interação, observando os mecanismos usados pelos falantes para distribuição das falas, tais como a administração de tomada e entrega de turnos.

Entretanto, na Europa, desenvolveu-se uma nova perspectiva do estudo da Análise da Conversação, e em especial na Alemanha, onde as análises, já no final da década de 60, indicavam uma abordagem mais lingüística (menos psicológica) dos eventos conversacionais, procurando observar quais as características dos tipos de discurso orais, tais como conversas telefônicas, conversações semi-planejadas (pedidos de informações em repartições públicas como correio, bilheteria de estação de trem; debates radiofônicos e televisivos, etc.) e eventos mais planejados.

1.2.1 Os níveis do discurso oral e as marcas lingüísticas da interação

1.2.1.1 O turno e a unidade conversacional

Desde que foram iniciadas as pesquisas em Análise da Conversação, muitos foram os estudos que tiveram como centro de sua atenção a questão dos aspectos formais que regulam a interação entre o falante e o ouvinte. Se, de um lado, para a formulação em linguagem escrita, respeitam-se normas definidas em relação à pontuação, à ortografia e à sintaxe específicas de cada texto, no que se refere à linguagem falada, por outro lado, outras são as regras que interagem na produção do

¹⁶ *Apud* Galembeck *et alii*, in Preti e Urbano, 1990:61.

texto. Em linguagem escrita, temos vírgulas demarcando pausas e enumerações, pontos definindo o final de períodos, quer sejam finais, de exclamação ou de interrogação. Já para a linguagem falada, outros são os mecanismos que demarcam essa função específica de segmentação do texto produzido.

Bastante característica da interação conversacional é a alternância entre os interlocutores nos papéis de falante e ouvinte. Chamamos esta alternância de contribuições de **trocas** (Henne, 1982). Convencionou-se chamar estas contribuições, também, de **intervenções** (Galembeck, 1993:60)¹⁷. Assim, cada troca corresponde a qualquer uma das intervenções do falante, de qualquer extensão, entre o final de uma intervenção e o início da contribuição seguinte do interlocutor.

As noções de **troca** ou **intervenção** estão ligadas à questão meramente formal na segmentação da interação. Já a noção de **turno conversacional** compreende tanto a questão distribucional das intervenções como os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos das contribuições.

Sacks *et alii* (1974) consideram como turno "*cada intervenção dos interlocutores constituída ao menos por uma unidade construcional de turno, unidade cuja definição deve atender a critérios de natureza sintático-semântico-pragmática, e a critérios entonacionais*" (Galembeck *et alii*, in Preti:1990:68).

Assim, é possível que nem em todas as intervenções o turno seja plenamente desenvolvido, podendo, assim, ser estendido por várias intervenções. Dai falar-se comumente da completude ou incompletude dos turnos. Isto se deve em grande parte às intervenções de interrupção dos interlocutores. Como no exemplo a seguir:

- | | |
|-----|---|
| (i) | I |
| L1 | eu acho que não |
| | tem... mas precisa ((tosse)) ver quando falha o esquema |
| | ou não... porque enquanto... funcionar né?... mas será |
| | que na hora que começa a entrar muito ... criação do |

¹⁷ In Preti *et alii* (1993).

- próprio homem ele não vai anular isso sem querer?...
 porque eu acho que essa criação não tem nada que ver
 {
 depende porque.... se for... consciente...
 L2
 L1 com o esquema (D2-343:1427-1433)¹⁸

Notamos que, apesar da intervenção de L2, o turno de L1 está em andamento, e percebe-se que L1 não se deixa intimidar pela interrupção e continua a sua formulação na intervenção seguinte.

1.2.1.2 A unidade discursiva e os marcadores conversacionais

Assim como na linguagem escrita temos uma unidade que chamamos de frase, que pode ser composta de uma ou mais orações, da mesma forma temos algo equivalente na linguagem falada. Marcusch (1986:61-62) afirma (Cf. Rath, 1979) que “a expressão unidade comunicativa (UC) pode ser tomada como substituto conversacional para ‘frase’, ou seja, é a expressão de um conteúdo que pode dar-se, mas não necessariamente, numa unidade sintática tipo frase”. Castilho (1987, *apud* Rosa, 1992:18) fala da unidade discursiva (UD), que equivale, em princípio, à UC.

Desta forma, podemos afirmar que cada turno compõe-se de uma ou mais UD's. Observe-se o seguinte exemplo:

- (ii)
 L1 a Globo tem uma série de Globo Repórter... sobre por exemplo a poluição das águas... ainda ontem – se não me engano -- ... num trecho num grande trecho do Globo Repórter de ontem que foi terça-feira ... enfocava o problema da poluição das águas... e da MORTE ou do deCREto da morte do rio Mo/ Moji Guaçu . . . (D2-255:1026-1031)

¹⁸ A notação das ocorrências referentes ao Projeto NURC devem ser lidas da seguinte forma: D2 = diálogo entre dois informantes, 343 = número da entrevista no projeto, :1427-1433 = linhas referentes à transcrição convencionalizada pelo Projeto NURC.

No entanto, observando o texto (ii), vemos que a leitura visual está seriamente comprometida por reticências, por interrupções na formulação, por pontuação pouco clara e pela presença de letras maiúsculas seguidas em algumas palavras. Se prestarmos mais atenção ao conteúdo do texto (ii), veremos que concorrem ainda para dificultar o processamento imediato das informações algumas expressões como *ah...*, *ahm*, *se:...*, etc. Como, então, poderemos definir onde começa e onde termina uma UD, se no lugar de vírgulas e de pontos encontramos outros elementos, às vezes lexicalizados (*sabe?*), às vezes não lexicalizados (*ahm*, *uhm*) e às vezes com marcas de pausa (...) ou alongamentos (e:)? Pois são exatamente estes elementos que muitas vezes (mas nem sempre) definem o início ou fim de cada uma das unidades conversacionais, portanto, de cada uma das frases conversacionais. Chamaremos estes elementos de **marcadores conversacionais**, que, em regra geral, funcionam como sinais de pontuação do discurso oral, com funções amplas e específicas, sobre as quais pretendemos falar no decorrer da análise aqui proposta.

1.2.2 O monitoramento do discurso oral

O discurso conversacional, como fruto da interação conversacional, apresenta necessariamente características exclusivas desta formação textual. Dai, dizer-se que a conversação baseia-se na negociação dos falantes para administrar o discurso oral. Isto acaba interferindo na produção textual, *a priori*, em dois níveis básicos: o nível da gestão dos turnos entre os falantes, ou seja, quem fala o que e durante quanto tempo; e o nível da gestão da progressão tópico-discursiva, que representa como o sequenciamento e a segmentação do discurso vão sendo negociados pelos falantes. Abaixo, discorremos a respeito destas estratégias.

É preciso considerar, ainda que o planejamento da produção oral ocorre simultaneamente com a enunciação própria ou do ouvinte. Pode-se concluir, então, que o processo de elaboração, o próprio planejamento que envolve o raciocínio mental, acaba sendo expresso oralmente, através de marcas específicas, as quais estaremos estudando neste trabalho.

1.2.2.1 A questão da gestão do turno

Através do modelo etnometodológico baseado em Sacks, Schegloff & Jefferson (1974), analisa-se a segmentação das intervenções de cada um dos falantes, levando-se em consideração as duas possibilidades de sua ocorrência, ou seja, como **turno nuclear** (justaposto ou em andamento), caso em que a centração tópica, ou o assunto sobre o qual se fala, está sendo orientado por um falante X que pode ou não ser interrompido pelo seu interlocutor-ouvinte através de um **turno inserido**, indicando, através de sua intervenção, que ele, como interlocutor, acompanha ou segue o enunciado do locutor (*apud* Galembeck, *in* Preti, 1993: 63).

Também neste nível, é possível que se faça a análise do grau de simetria do desenvolvimento do tópico conversacional. Convencionou-se chamar o estudo destas questões como a análise da centração tópica, ou seja, em que medida os interlocutores colaboram para que a progressão de um mesmo tópico seja desenvolvida e em que circunstâncias ocorre a mudança de assunto (descontinuidade tópica).

É importante salientar que o ouvinte pode, a qualquer momento, através de algum mecanismo de tomada ou assalto ao turno, marcados por **turnos inseridos** de aviso, passar a orientar a progressão ou o desvio do tópico discursivo. Por outro lado, se o ouvinte estiver de acordo com a maneira como o seu interlocutor conduz a conversação, ele poderá emitir sinais de colaboração através de turnos inseridos, tais

como sinais de reforço, de concordância, de colaboração na formulação, ou de pedido de esclarecimento.

Quanto à função dos turnos na seqüência que estrutura a negociação, podemos observar a ocorrência de (1) **turnos de função ilocutória iniciativa**, através do qual se apela para uma reação do interlocutor. Em termos sintáticos, isto pode realizar-se através de verificação expressa em uma pergunta ou mesmo através de sua forma parafraseada por verbo performativo (*apud* Silva & Koch, 1993:22); (2) **turnos de função ilocutória reativa**, resposta à intervenção iniciativa e (3) **turnos de função ilocutória reativo-iniciativa**, que resultam no acúmulo das duas funções anteriores, ou seja, o ouvinte responde a pergunta e aproveita o turno para iniciar um novo enunciado seu.

1.2.2.2 A questão da gestão do tópico

Ao contrário do que ocorre em um texto escrito, no qual o tópico discursivo é delimitado por apenas uma pessoa, na conversação o assunto a ser discutido é negociado pelos falantes no escopo de todo o discurso desenvolvido.

Primeiramente, é preciso ter-se em conta a noção de **tópico conversacional** como o assunto sobre o qual se fala ou como a *“unidade de análise de estatuto discursivo, adequada à descrição textual-interativa”* que se manifesta *“na conversação, mediante enunciados formulados pelos interlocutores a respeito de um conjunto de referentes explícitos ou inferíveis, concernentes entre si e em relevância num determinado ponto da mensagem.”* (Jubran, 1992:361).

Assim, convencionou-se dizer que o tópico conversacional abrange duas propriedades que o definem: a *centração* e a *organicidade*. A primeira envolve elementos que possibilitam o reconhecimento dos segmentos tópicos: a *concernência*,

que revela a relação de interdependência semântica entre os enunciados, ou seja, que evidencia o “assunto” sobre o qual se está falando (um determinado grupo léxico); a *relevância*, evidenciada através das relações tema-rema criadas entre os elementos de determinados segmentos (dêixis tópica) e, por último, a *pontualização*, que indica o lugar do segmento no evento conversacional.

Considerando que, em uma única conversação, os interlocutores podem desenvolver vários temas, e portanto, vários tópicos, podemos concluir que é possível abstrair-se desse evento uma dada *organicidade*¹⁹, expressa na distribuição dos assuntos em **quadros tópicos**. Esta organicidade pode ser observada e analisada em dois níveis: no **plano hierárquico** e no **plano seqüencial**.

No plano hierárquico, observam-se os desdobramentos das seqüências tópicas em **supertópicos (ST)** e **subtópicos (SbT)**.

O quadro a seguir exemplifica melhor a questão da organicidade no plano hierárquico:

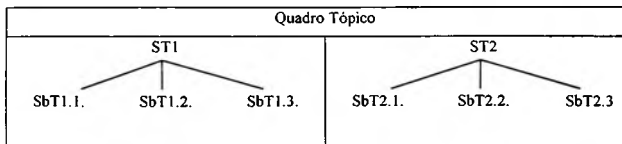


Figura 1: *Organicidade do tópico conversacional de uma conversação no plano hierárquico (ST = Supertópico; SbT = Subtópico)*

Naturalmente, o esquema acima assinala uma conversação ideal na qual as seqüências tópicas estariam sendo desenvolvidas de uma maneira linear e contínua, o que naturalmente não deve ocorrer em eventos autênticos, nos quais o grau de descontinuidade discursiva é orientado por fatores como o grau de conhecimento entre

¹⁹ Apud Fávero (1993:40)

os falantes, o grau de planejamento do evento (conversa informal, entrevista surpresa ou planejada, etc.) e o grau de publicidade do evento, entre outros.

No plano seqüencial, podem ser analisadas as questões de **continuidade e descontinuidade discursivas**. A continuidade pode ser verificada no esgotamento de um tópico e no início de outro.

A descontinuidade está expressa na suspensão definitiva ou na cisão de um tópico em partes, evidenciada na ocorrência de movimentos de inserção conversacional. Segundo Dascal e Katriel (1982)²⁰, as inserções podem ser expressas através de:

(a) **digressões baseadas no enunciado**, nas quais estabelece-se “*uma espécie de relação de conteúdo (semântico ou pragmático) entre o enunciado principal vigente e o digressivo*” (apud Fávero, 1993:51-52);

(b) **digressões baseadas na interação**, que remetem à instância da relação conversacional, ou seja, são apartes relacionados com a situação imediata na qual os falantes estão inseridos, tal como perguntar, de repente, sobre o horário, sem que este seja o tópico em andamento na conversação;

(c) **digressões baseadas em seqüências inseridas**, tais como perguntas feitas sobre perguntas a fim de obter esclarecimentos, executar correções, etc. Há, portanto, uma alternância de perguntas e respostas até que a pergunta primeira seja respondida.

O movimento tópico pode ocorrer, então, de variadas maneiras: através de formulações alternativas, ao se falar de entidades da mesma classe, através da exemplificação, bem como através de formulações inseridas para fazer sínteses, análises ou comparações.

²⁰ Apud Fávero (1993).

Naturalmente, um elemento que anteriormente era apenas marginal poderá, mais adiante, ser expandido e atingir o nível de subtópico.

Em suma, todas estas estratégias de reformulação, quer sejam orientadas pelo falante (auto-iniciadas), quer sejam administradas pelo interlocutor/alocutário (hetero-iniciada), cada uma delas ocorre baseada na intenção dos interlocutores de dizer algo do estado de coisas, do seu ponto de vista particular. Dessa forma, não se pode dissociar o caráter argumentativo presente em cada uma das marcas que acompanham esses movimentos.

Sob o viés da organização do tópico, é preciso agora delimitar uma unidade de sentido menor do que supertópicos e subtópicos, já que as conversações não se processam no seu todo centradas apenas em um aspecto da base tópica. No entanto, ela deve ser maior que a unidade discursiva e o turno, já que nem sempre os mesmos dão conta do esgotamento de um aspecto do tópico em desenvolvimento. Fala-se, então, dos **segmentos tópicos** como unidades que, em termos de centração, revelam *concernência* no conjunto semântico de seus elementos, *relevância* na sequência dêitica dos mesmos elementos e se localizam num determinado ponto do evento conversacional (*pontualização*), submetidos à *organização* tópica negociada pelos falantes. Em outras palavras, Jubran (1992:370) caracteriza estes **segmentos tópicos** como sendo cada conjunto de enunciados com uma uniformidade e completude na centração temática.

Estes segmentos também apresentam uma organização interna observável através das marcas que aparecem em sua *abertura, meio e fecho*. Estas marcas podem ser os marcadores conversacionais (atos ilocutórios, silêncios, pausas e hesitações) que podem ou não ser articuladores discursivos, tais como *e, mas, então, porque, agora*, marcas prosódicas como a entonação ascendente ou descendente; as marcas morfosintáticas, como a topicalização além das marcas léxico-semânticas, como as paráfrases, repetições, frases feitas, ditados populares e os enunciados conclusivos.

Em nosso trabalho, estaremos analisando somente a presença dos marcadores conversacionais nos contornos dos segmentos tópicos, ou seja, sua ocorrência no começo, meio ou fim dos segmentos.

1.2.3 Formulação e reformulação

Qualquer evento conversacional está carregado de uma força ilocucional presente nos enunciados produzidos pelos interlocutores. A intenção se expressa na escolha dos elementos disponíveis na língua. Dentre muitas das intenções possíveis, podemos observar as seguintes: requerer, ordenar, forçar, afirmar algo a alguém.

A cada intervenção, o falante processa a suas idéias e as vai expondo, seguindo um esquema. Assim, ele **formula** as suas idéias, à medida que vai construindo o seu enunciado. Como muitas vezes a intenção não antecede a formulação, pois é algo que se processa durante o evento, é natural que o texto enunciado esteja marcado pela dúvida ou pela insegurança. Tal fato revela-se no uso de elementos estranhos à linguagem escrita, como já dissemos acima. Estas marcas, que a introduzem, denotam, portanto, mecanismos de **reformulação** daquilo que se quer dizer. Mais uma vez nos referimos aos marcadores conversacionais, que podem ser encontrados nas margens do enunciado reformulado. Eles tanto podem introduzir ou finalizar uma reformulação que abranja o todo do enunciado, como podem introduzir ou finalizar uma reformulação que envolva apenas um elemento do enunciado.

Dentre os mecanismos mais comuns de reformulação do dito, podemos encontrar atividades como a paráfrase, a correção, a repetição, a digressão, a justificação, etc. Vários autores brasileiros têm estudado estas estratégias no português falado na cidade de São Paulo, como Hilgert (1990, 1993a e 1993b) e Barros (1993).

Para cada uma das ocorrências de reformulação, podemos encontrar marcas linguístico-discursivas que pontuam estas atividades. Jubran *et alii* (1992) já havia apontado para a presença destes elementos no português brasileiro, que podem ser detectados nas margens ou no escopo das unidades conversacionais.

Os mesmos autores alertam para o fato de que estas marcas podem ser facultativas, ou seja, as unidades conversacionais ou os tópicos nem sempre têm as suas margens marcadas; podem ser multifuncionais, isto é, estas marcas não são portadoras apenas de função meramente interacional, mas sim, colaborando para a construção ideacional do discurso, como é o caso dos marcadores de estrutura tópica como o *agora* e o *aí*; e podem ser co-ocorrentes, aparecendo em cascata junto com outros marcadores, como em *então... como eu estava dizendo...*, o que denota a necessidade de se dissociar estes elementos em dois grupos diferentes de marcadores. É preciso também no caso de formas co-ocorrentes, verificar qual a força ilocucionária presente nestes elementos.

No capítulo seguinte, serão apresentadas algumas das abordagens, através das quais tentou-se fazer uma categorização destas marcas baseadas nos níveis em que o discurso oral é processado: o interacional, o pragmático e o ideacional.

Para o presente trabalho, importa-nos tão somente verificar quais são as marcas linguísticas que se apresentam nas margens destes segmentos, e de que forma elas podem ser categorizadas. No capítulo seguinte, estaremos discorrendo a respeito de como a esquematização proposta através deste modelo poderá ser de valia para a análise do uso de marcadores conversacionais nos vários planos em que a conversação ocorre. Antes, porém, será necessário acrescentar algumas considerações a respeito da noção de marcadores conversacionais funcionando dentro do evento conversacional. Na seção seguinte, procuramos fazer um apanhado sobre a noção de **marcadores discursivos**, em cujo grupo estão inseridos os marcadores conversacionais e o que mais adiante chamamos de **articuladores discursivos**, também considerados por nós como marcadores conversacionais.

1.2.4 A interação verbal: níveis de análise dos marcadores conversacionais

Mais recentemente, os marcadores conversacionais têm sido analisados sob a ótica da coerência discursiva. Schiffrin (1987), ao analisar onze tipos de marcadores do inglês falado²¹, expôs em seu estudo sobre os marcadores discursivos uma abordagem que abrange cinco planos da realização conversação:

- (a) o da **estrutura ideacional**: no qual as idéias expressas em um enunciado introduzem relações referenciais e coesivas para formar uma estrutura ideacional;
- (b) o da **estrutura acional** (*action structure*): enunciados funcionam como atos de fala situados co- e con-textualmente, ocorrendo em seqüências lineares como parte de uma estrutura acional;
- (c) o da **estrutura de intercâmbio** (*exchange structure*): os enunciados se combinam para formar seqüências de turnos que seguem os parâmetros requeridos para o monitoramento mecânico da conversação, criando, assim, uma estrutura de intercâmbio.
- (d) o da **estrutura de participação**: a autora afirma que a coerência não é independente dos produtores e receptores da conversação e de seus conhecimentos e considera as relações de falante/ouvinte e de falante/enunciado como o contorno da estrutura de participação;
- (e) o do **plano informacional** (*information state*): o conhecimento relevante dos participantes e o meta-conhecimento são modelados em um componente separado.

Schiffrin propõe a seguinte definição para marcadores discursivos: “*sequentially dependent elements which bracket units of talk*” (1987:31) e são elementos lingüísticos, paralingüísticos ou não verbais que sinalizam relações entre as unidades de conversação através de suas propriedades sintáticas e semânticas, se assim a possuírem, e através de

²¹ oh, well, y'know. I mean, now, then, and, but, or, so, because.

sua posição seqüencial inicial ou final, demarcando as margens destas unidades (1987:35-40).

Esse trabalho trouxe muitas contribuições para a análise dos marcadores conversacionais, principalmente no que se refere ao estudo dos articuladores discursivos ou marcadores de estruturação tópica de que estaremos falando mais adiante. Por outro lado, autores como Fraser (1990b) e Redeker (1991), ao fazerem uma análise crítica da abordagem de Schiffrin, propuseram uma reordenação nos planos de análises apontados pela autora.

Redeker (1991) reconhece a importância do estudo de Schiffrin (1987) dentro da análise da coerência discursiva, mas discorda da autora, ao afirmar que a estrutura de conteúdo (ligada à noção de estado de coisas) e a estrutura pragmática são dois aspectos complementares de um mesmo paradigma de coerência discursiva. Isto poderia, também, ser observado no fato de que muitos marcadores discursivos podem ter, concomitantemente, funções pragmáticas e ideacionais.

Quanto à noção de marcadores discursivos, ela argumenta que a posição de Schiffrin é muito simplista, e propõe uma reformulação desta definição:

"a discourse operator is a word or phrase - for instance, a conjunction, adverbial, comment clause, interjection - that is uttered with the primary function of bringing to the listener's attention a particular kind of linkage of the upcoming utterance with the immediate discourse context. An utterance in this definition is an intonationally and structurally bounded, usually clausal unit" (Redeker, 1991:1168)

A autora chama a atenção para o fato de que marcadores afetando apenas uma parte do enunciado não devem ser considerados na classe de marcadores discursivos que tem um função definida na construções da coerência. Casos de dêiticos de tempo, como o *então* e *agora* só funcionam como marcadores quando em uso anafórico, e desde que tenham abrangência sobre o escopo de toda a frase ou do enunciado.

Percebe-se, aqui, que se está falando de marcadores que regulam basicamente o evento da interação, e por tal motivos, vêm sendo chamados de *articuladores discursivos*, mais voltados para a progressão do discurso. Estes marcadores são tratados em nosso estudo como sendo uma subcategoria de um grupo maior de marcadores conversacionais e são de vital importância para a organização das UDs e dos segmentos tópicos no plano da gestão dos tópicos.

Redeker (1991) propõe ainda uma simplificação do modelo de Schiffrin (1987) para uma análise em dois níveis, nos quais:

(a) duas unidades discursivas estão *ideacionalmente relacionadas* se, no contexto dado, seus enunciados apresentarem o envolvimento do falante (*speaker's commitment*) com a existência daquela relação no mundo descrito pelo discurso. Exemplos disso são as seqüências temporais, a elaboração, causa, razão, consequência, etc.;

(b) duas unidades discursivas são consideradas *retoricamente relacionadas* se a relação mais forte não estiver entre as proposições expressas nas duas unidades, mas entre as intenções ilocucionárias almejadas.

As relações acionais (*actional*) e retóricas entre segmentos discursivos adjacentes ocorrem em **transições seqüenciais**, que podem ser **paratáticas** ou **hipotáticas**. Relações paratáticas correspondem aos movimentos de transição intertópica ou intratópica (progressão ou continuidade do tópico). Relações hipotáticas são expressas através de formulações parentéticas, tais como comentários, correções, paráfrases, apartes, digressões ou interrupções.

Fraser (1990b) foi outro autor que se preocupou com a questão da delimitação do campo de estudo dos marcadores discursivos. Ele também visualiza na abordagem de Schiffrin (1987) os mesmos pontos problemáticos detectados por Redeker (1991). Segundo o autor, o modelo proposto por Schiffrin (1987) mostra-se pretensioso ao

tentar abarcar várias categorias de marcas linguísticas que concorrem para dar coerência ao discurso conversacional.

O autor também propõe uma simplificação do modelo em dois níveis: o **nível do conteúdo** e o **nível pragmático**. No nível do conteúdo, o estado de coisas se reflete nas proposições, sejam elas de quais tipos forem, ou seja, apesar das formas diferenciadas de enunciado, o conteúdo proposicional é o mesmo:

*João ama Maria.
João ama Maria?
Sugiro que João ama Maria.*

No nível pragmático, estão expressas as intenções comunicativas dos falantes, através de marcadores pragmáticos (Fraser 1987, 1989)²², indicando os tipos de mensagens diretas (em oposição às indiretas) que o falante pretende usar ao enunciar a sentença.

Marcadores pragmáticos são elementos analisáveis em três categorias: *marcadores básicos*, que denunciam a força ilocucionária explicitamente, *marcadores de comentário*, que marcam tanto o conteúdo proposicional como a força ilocucionária, abrangendo, assim, a sentença toda, e os *marcadores paralelos*, que também abrangem a sentença toda, mas marcam uma proposição implícita contida no enunciado que foi realizado.

Percebe-se, aqui, que Fraser (1990b) dissociou o nível proposicional (conteúdo) do nível interacional (pragmático). Para o autor, as marcas linguísticas da ilocução estão no nível interacional, e é neste plano que devem ser analisadas. No entanto, a tentativa de categorizar os marcadores pragmáticos, vistos sob esta perspectiva, ainda não está clara, uma vez que o autor se concentrou apenas em *marcadores de força ilocucionária*.

Ecos destas discussões podem ser notados em Schiffrin (1992), em uma revisão de seu modelo (Schiffrin, 1987), ao analisar o uso anafórico do marcador *então*. Mais

²² *Apud* Fraser (1990b).

uma vez, a autora retoma a noção de *marcadores discursivos* e, levando em consideração as críticas ao seu modelo, dá um novo enfoque no estudo destas marcas.

Schiffirin (1992) reconhece para os marcadores discursivos os dois níveis de análise propostos pelos outros autores (o ideacional e o pragmático), e fala do *então* e seu uso anafórico em três possibilidades de ocorrência:

- (a) uso **anafórico temporal** local de *então*: que marca as relações interfrásticas entre os enunciados adjacentes, denunciando a continuação do tempo de referência textual ou a progressão no tempo de referência textual;
- (b) uso **global textual** de *então*: que marca o engate ou reengate na progressão do tópico discursivo (digressão, interrupções, etc.);
- (c) uso **epistêmico** de *então*: que marca operações lógicas de condição (frases condicionais com *se*) e em seqüências de inferência e conclusão.

É importante salientar que nem todas as ocorrências de *então*, relacionadas no artigo, podem ser traduzidas como marcadores conversacionais. Vale, para isto, a regra de que um marcador se caracteriza primordialmente por ser um elemento à margem da unidade discursiva (entenda-se que o *status* de elemento marginal refere-se à não-integração sintática ou semântica deste elemento na unidade discursiva; dessa forma, nada impede que os marcadores ocorram em posição intermediária no enunciado). Assim, é preciso saber reconhecer, entre as formas homônimas, quais elementos se caracterizam como marcadores discursivos.

Em estudo recente a respeito da metalinguagem e o uso dos marcadores discursivos em conversações bilíngües (hebreu e inglês), Maschler (1994) afirma que uma das categorias básicas da interação é a função metalingüística. Ele considera marcadores discursivos como elementos pertencentes a uma subcategoria das expressões metalingüísticas que ocorrem nas fronteiras da atividade verbal. Ainda segundo o autor,

marcadores discursivos são metalingüísticos porque seu plano de operação é, antes de tudo, o de demarcar fronteiras entre as várias partes do texto, não se referindo ao mundo extralingüístico.

Baseado em Becker (1988)²³, ele aponta para o fato de que na concepção de linguagem como um processo contínuo, cada ato de linguagem se realiza sempre em dois planos: o discursivo lingual e o discursivo metalingüístico. Os enunciados são produzidos, tanto no plano da linguagem como no da metalinguagem, em um (ou mais de um, simultaneamente) dos seis níveis de realização abaixo:

(a) o plano da **estrutura lingüística**: o todo estrutural de que faz parte o enunciado. Aqui, ele considera como marcadores, elementos como os operadores lógicos *e*, *então*, *ou* e as expressões organizadoras do discurso como *primeiramente*, *só um minuto*, *espere um minuto*;

(b) o plano das **relações interpessoais** entre os participantes do ato textual. Neste nível, pragmático, o autor elenca como marcadores os elementos confirmadores *sim*, *eh*, *certo*, *isso*, utilizados em respostas, ou acompanhamento; os verbos de percepção: *veja*, *olha*, *ouça*, e outras expressões como *deixe-me dizer uma coisa*;

(c) o plano do **prior-text**: memória de usos anteriores do enunciado para cada participante. Aqui, ele ressalta elementos que fazem parte do domínio da fraseologia, tais como os idiomatismos, os provérbios e os aforismos;

(d) o plano da **referência**: o mundo extralingüístico cuja existência é percebida além da linguagem. O autor parece estar se referindo, neste plano, a um dos elementos do *organon* proposto por Bühler²⁴. Aqui, são elencados os dêiticos anafóricos: *agora*, *ai*, *então*, etc.; os marcadores de causa: *porque*; os marcadores de contraste: *mas*; os marcadores de consequência: *assim*;

²³ Apud Maschler (1994).

²⁴ A referência indica um dos elementos da teoria da linguagem de Bühler (1934): expressão (*Ausdruck*), apelo (*Appell*) e representação (*Darstellung*).

(e) o plano do **meio** através do qual a interação toma lugar. Ai, são considerados elementos que marcam a constatação de uma nova informação: *ah, oh*; marcas de autocorreção: *quer dizer*; e outras marcas da formulação, como as hesitações: *ah, uh, ahn*;

(f) o plano do **silêncio**: aquilo que não pode ser dito na linguagem ou que permanece não dito na interação linguística. As considerações feitas a respeito deste plano lembram o silêncio proposto pelo Wittgenstein²⁵ da primeira fase. Como marcas deste plano, ele enumera os elementos usados pelo falante para evitar o silêncio: *eh, uh, bom, ahn*.

Embora a categorização dos marcadores proposta por Maschler seja muito abrangente, a análise dos fenômenos no seu corpus de falantes bilíngües denuncia dados importantes para o estudo dos marcadores. A conversação entre os interlocutores se deu em língua inglesa, e o hebreu sempre foi usado nas margens dos enunciados, ou seja, no papel de marcadores conversacionais, o que reforça a hipótese de que estas marcas marginais funcionam para chamar a atenção do ouvinte para o que é dito, quer seja por estarem orientadas para o discurso em si, quer seja para a idéia que ele carrega, ou pela maneira como o falante vê um certo estado de coisas no mundo extralinguístico.

Em um artigo bastante abrangente sobre o tópico, Schlobinski e Schütze-Coburn (1992) analisaram as várias acepções atribuídas ao termo. Dentre elas, destacamos a noção de tópico como aquilo sobre o que se fala em uma conversação. Sob este ponto de vista, um discurso pode ser analisado pela sua *progressão temática*, cuja organização varia de um evento discursivo para outro:

²⁵ § 3.221: "Die Gegenstände kann ich nur *nennen*. Zeichen vertreten sie. Ich kann nur *von* ihnen sprechen, *sie* aussprechen kann ich nicht. Ein Satz kann nur sagen, *wie* ein Ding ist, nicht *was* es ist. § 7: "Wovon man nicht sprechen kann, darüber muß man schweigen." Wittgenstein (1993:150-151). Tradução de Luiz Henrique Lopes dos Santos: "3.221 Os objetos, só posso *nomeá*-los. Sinais substituem-nos. Só posso falar *sobre* eles, não posso *enunciá*-los. Uma proposição só pode dizer *como* uma coisa é, não *o que* ela é."

- a. (i) *progressão linear simples;*
 - (ii) *progressão com salto temático;*
 - b. *tema contínuo;*
 - c. *progressão com um tema derivado;*
 - d. *progressão com um tema interrompido (split thema).*
- (Daneš, 1974:114)²⁶

Os autores reconhecem a existência de marcadores conversacionais orientando o enquadramento tópico das interações, tais como (1) **topicalizadores** (Button and Casay, 1984)²⁷, utilizados pelos falantes para “intensificar”, ou “renovar a força” do tópico que possa ter sido atenuado (*downgraded*) na intervenção pregressa de algum dos falantes; (2) **marcadores de transição tópica** (*topic-shift markers*) (Duranti and Ochs, 1979; Maynard, 1980; Wald, 1981; Jefferson, 1984 e Schifffrin, 1987)²⁸, utilizados para “engatar” um novo tópico na interação e (3) **marcadores de continuidade tópica** (*topic-continuity markers*) (Schlobinski, 1988), cuja função é a de manter, conservar o tópico em andamento.

Recentemente, outros estudos apontam para essa função coesiva do texto através deste tipo de marcadores, denominando-os de **articuladores discursivos**. Riso (1993 e 1996) analisou formas como o *agora* e o *então*. A autora também faz uma distinção entre estes marcadores, que em seu trabalho considera com sendo do “primeiro plano” da interação, e entre os marcadores do “segundo plano”, centrados mais na sinalização direta da interação, entre os quais destacam-se os ora interrogativos ora asseverativos *certo, sabe, entendeu, claro, né, hum-hum, tá, sei e basicamente*.

As considerações feitas pelos autores acima são de grande valia para o nosso estudo, mas a categorização dos marcadores por eles propostos não evidencia os limites necessários a um recorte de análise definido. Nenhuma das análises abrange o todo do grupo dos marcadores. Ou falam de marcadores discursivos, ou falam de marcadores de força ilocucionária. Através de nossa análise, tentaremos propor um modelo que

²⁶ - *Ipud* Schlobinski & Coburn (1992:112)

²⁷ *Idem*

²⁸ *Ibidem*

abarque, pelos menos em linhas gerais, as supercategorias dos marcadores conversacionais.

1.2.5 A modalização do discurso oral

Outro aspecto muito importante a ser observado quando se analisa a interação é a maneira como os falantes expressam, traduzem a sua concepção do que pode ser verificado no estado de coisas (*Sachverhalt*). Portanto, um estudo mais apurado dos recursos utilizados pelos interlocutores para modalizar os seus enunciados se faz necessário, quando se quer proceder a uma análise da intencionalidade que regula a ação linguística dos interlocutores.

Do ponto de vista discursivo, destaca-se o estudo de Halliday (1970:325)²⁹ sobre a modalização. Ele afirma que a modalização deriva de uma função interpessoal e é freqüentemente expressa através de verbos (incluindo os auxiliares modalizadores) e outros itens lexicais como os advérbios, adjetivos e substantivos. No entanto, ele afirma o seguinte a respeito do lugar da modalização no escopo do enunciado e da complexidade que envolve a análise da mesma:

"There is thus no one single place in the clause where modality is located. It is a strand running prosodically through the clause; and this effect is further enhanced by the fact that in addition to the forms above it may be realized also by the intonation contour, or tone." (Halliday, 1970:331)³⁰

Lyons, posteriormente, fala da modalização em dois planos: o **epistêmico** (plano do verdadeiro, do possível e do provável) e o **deôntico** (plano do obrigatório, do permitido e do necessário). Dentre os epistêmicos, existem ainda dois subtipos: os **epistêmicos objetivos**, que se referem à conclusão lógica de probabilidade, e os **epistêmicos subjetivos**, que se referem à qualificação subjetiva do falante em relação ao

²⁹ *Apud* Maynard (1993).

³⁰ *Apud* Maynard (1993:33).

componente eu-digo-assim do seu enunciado. Ele define a modalização como “*the speaker’s opinion that the proposition describes.*” (Lyons, 1977:452).³¹

Esta noção de modalização, segundo Maynard (1993), está ligada à concepção de subjetividade, pois, de acordo com o próprio Lyons (1981:238)³², a modalização epistêmica subjetiva nada mais é que “*the locutionary agent’s qualification of his epistemic commitment*”.

Em um estudo sobre indicadores da modalização do discurso (*discourse modality indicators*) no japonês, Maynard diz que descrevemos os objetos e os fatos do mundo através de uma construção proposicional e que, pela maneira como apresentamos esta proposição, personalizamos o nosso discurso, expressando-nos e revelando-nos a nós mesmos. Assim, distinguimos entre uma *descrição objetiva do mundo* de uma *auto-expressão do usuário da língua*, portanto, subjetiva. Dentre estes indicadores, ele relaciona elementos tais como (1) os conectores discursivos (*portanto, mas, porque*); (2) advérbios modalizadores (*verdadeiramente, certamente, possivelmente*); (3) formas verbais (*dever, poder, querer*); (4) partículas interacionais (*isso, tá, claro, sim, eh::*); (5) elementos paralingüísticos (entonação, pausas, etc.); (6) indicadores sintáticos (voz passiva e ativa, ordem das palavras); (7) indicadores complexos (*eu acho, é o seguinte, me parece*) e (8) indicadores articuladores multifrásticos (*multi-phrase*), que funcionam para manipular a organização do discurso e para a manipulação narrativa³³ (*mas, e, porque*). Ele define a modalização da seguinte forma:

“Discourse Modality refers to information that does not or only minimally convey objective propositional message content. Discourse Modality conveys the speaker’s subjective emotional, mental or psychological attitude toward the message content, the speech act itself or toward his or her interlocutor in discourse. Discourse Modality operates to define and to foreground certain ways of interpreting the propositional content in discourse; it directly expresses the speaking self’s personal voice on the basis of which the utterance is intended to be meaningfully interpreted.”
(Maynard, 1993:38-39)

³¹ *Idem*, p. 34.

³² *Apud* Maynard (1993).

³³ Este item parece estar em concordância com o termo *articulador discursivo* proposto por Rizzo (in Castilho, 1996).

Outros autores preocuparam-se também com outros aspectos mais pragmáticos da modalização, tal como Coates (1988)³⁴, que vê na modalização também uma forma de o falante marcar o seu ponto de vista, de servir como estratégia de preservação da face, como forma de expressar estratégias de polidez negativa e de exprimir opiniões sem assumir um comprometimento mais profundo.

1.2.6 A modalização no português falado

Dentre os estudos realizados a respeito da modalização no português falado, destaca-se o estudo sobre os marcadores de atenuação, minuciosamente estudados por Margaret Rosa (1992). A questão dos advérbios modalizadores no português falado também tem sido objeto de estudo de Ilari (1990)³⁵ e Castilho (1992b). Este último estudou a modalização presente nos advérbios de sentença, distribuindo-os nas seguintes categorias: epistêmicos, deônticos e afetivos. Tal abordagem orienta-nos na criação do modelo de análise dos MCs no plano da intencionalidade. Mais recentemente, estão sendo feitas pesquisas a respeito dos adjetivos modalizadores (Castilho, 1992b). A modalização dentro dos processos de argumentação foi também estudada por Koch (1993) e, em estudo mais recente (Koch, 1995), sobre o papel da modalização na interação.

Em seu estudo sobre a argumentação, Koch (1993:87) elenca os vários tipos de lexicalização possíveis para a modalização do discurso, importantes para a formulação argumentativa, a saber:

- a) *performativos explícitos: eu ordeno, eu proíbo, eu permito, etc.*
- b) *auxiliares modais: poder, dever, querer, precisar, etc.*
- c) *predicados cristalizados: é certo, é preciso, é necessário, é provável, etc.*
- d) *advérbios modalizadores: provavelmente, certamente, necessariamente, possivelmente, etc.*
- e) *formas verbais perifrásticas: dever, poder, querer, etc. + infinitivo.*

³⁴ Apud Maynard (1993).

³⁵ In Castilho (1990).

f) *modos e tempos verbais: imperativo; certos empregos de subjuntivo; uso do futuro do pretérito com valor de probabilidade, hipótese, notícia não confirmada; uso do imperfeito do indicativo com valor de irrealidade, etc.*

g) *verbos de atitude proposicional: eu creio, eu sei, eu duvido, eu acho, etc.*

h) *entonação (que permite, por ex., distinguir uma ordem de um pedido, na linguagem oral).*

i) *operadores argumentativos: pouco, um pouco, quase, apenas, mesmo, etc.*

Nosso estudo se limita apenas à análise dos elementos formuláicos, cristalizados ou semi-cristalizados, presentes predominantemente no discurso oral. Portanto, importam-nos, do elenco acima, os elementos que nos remetem aos marcadores conversacionais, tais como as formas possíveis em (a), construções idiomáticas que aparecem com alguma frequência em alguns tipos de discurso oral, e em (c), (d), (g) e (i) como formas de atenuação ou intensificação do discurso, funcionando como marcas da presença ou não da polidez do falante, quer pelo baixo, quer pelo alto grau de diretividade das proposições.

Um estudo bastante completo a respeito de **marcadores da atenuação** foi desenvolvido por Margaret Rosa (1992), onde a mesma elenca os vários procedimentos utilizados pelos falantes do português para atenuar o seu enunciado. A autora aponta em seu trabalho que se deve distinguir entre procedimentos de atenuação e marcadores de atenuação. Para isto, recorre a dois critérios básicos de distinção que caracterizam os últimos: (1) a posição e a relação sintático-semântica face ao núcleo da UD, ou seja, ocorrendo em suas margens e (2) o critério de fixidez da forma linguística (associe-se a isto a questão de formulaicidade das expressões).

A autora relaciona dois grupos básicos de ocorrência de MCs de atenuação. De um lado os marcadores que promovem o apagamento da instância da enunciação, os chamados marcadores de distanciamento (*parece que, é provável que, diz que; man weiß, es ist sicher daß, man sagt daß*) que diluem o comprometimento do falante com o seu enunciado. De outro lado, ela relaciona o grande grupo das marcas da enunciação: os marcadores de opinião (*eu acho que, na minha opinião, essa é a minha visão; ich glaube daß, meines Erachtens, das meine ich*); os marcadores *hedges* indicadores de atividades cognitivas (*assim, quer dizer, eh: so, besser gesagt, eh*) ou indicadores de

incerteza (*talvez, quem sabe, de certo modo; vielleicht, also, irgendwie*) e os marcadores de rejeição (*que eu saiba, não sei se... mas; soweit ich weiß, ich weiß nicht... aber*). Fazem parte, ainda, das marcas da enunciação os marcadores metadiscursivos que introduzem algum tipo de enunciado e que podem co-ocorrer com qualquer outro tipo de MC (*agora o que eu acho é o seguinte, eu vou falar uma coisa; ich wollte noch etwas dazu sagen, dazu möchte ich noch was ergänzen*).

O trabalho de Margaret Rosa (1992) a respeito dos MCs da atenuação no português falado é bastante completo e funcionou como *leitmotiv* de orientação para o nosso estudo contrastivo.

Em nosso trabalho, estaremos cotejando estes estudos, toda vez que possa ser feita uma correlação dos mesmos com a ocorrência de MCs. Parece ser de vital importância salientar que muito do que se tem estudado a respeito das partículas modalizadoras do alemão se adapta ao que se tem falado a respeito de advérbios modalizadores e de outras expressões modalizadoras no português falado. Assim confrontados, os estudos completam-se e dão margem a que se possa eliminar algumas dúvidas a respeito de casos limitrofes, que muitas vezes ocorrem pela presença de marcas homônimas em contextos diferentes, as quais podem ser enquadradas dentro das categorias por nós propostas no capítulo seguinte.

1.2.7 A modalização no alemão falado

Em um estudo contrastivo sobre o francês, o italiano e o espanhol falados, Koch e Oesterreicher (1990) discorreram a respeito das características universais presentes no discurso oral destas línguas. No nível textual-pragmático, analisaram as palavras conversacionais (*Gesprächswörter*), elementos equivalentes a marcadores conversacionais. Procuraram, então, fazer uma categorização desses elementos, embora sem considerar os dois níveis de análise: o interacional e o ideacional (ilocutório). Elencaram procedimentos usados pelos falantes como os sinais de estruturação

(*Gliederungssignale*), sinais de monitoração do turno (*Turn-taking-Signale*), sinais de contato (*Sprecher- und Hörsignale*), fenômenos de hesitação, sinais de correção, interjeições e, finalmente, os fenômenos de gradação ou atenuação (*Abtönungs-Phänomene*), tais como as partículas de nuance (*Abtönungspartikeln*) tão usadas no alemão e cujo uso em línguas românicas obedece a outros esquemas de modalização do discurso.

O acúmulo das duas funções (interacional e ideacional) também foi por eles observado, reconhecendo os marcadores como *"elementos que, basicamente, indicam as instâncias e os fatores de comunicação (contato entre produtor e receptor, seus papéis de falante, discurso/texto, 'formulação', constelação dêitica, contextos e emoções) ou que, em contrapartida, são uma instância da comunicação"* ³⁶ (Koch/Oesterreicher, 1990:51).

Anteriormente, Helbig e Buscha (1987:500-512) consideraram em sua *"Deutsche Grammatik"* a existência de três classes de palavras que, segundo a concepção tradicional da gramática, convencionou-se chamar de advérbios. São elas: os advérbios propriamente ditos (*Adverbien*), as palavras modais (*Modalwörter*) e as partículas (*Partikeln*).

Advérbios pertencem à classe de palavras não flexionáveis, podem ser termos constituintes da sentença (*Satzglieder*) ou partes dos termos constituintes (*Satzgliedteile*). Semanticamente, os advérbios denunciam sob que circunstâncias um estado de coisas existe ou se realiza, na medida em que funcionam para situá-lo no tempo e no espaço e para dar aos enunciados relações modais e causais. Deste grupo fazem parte os advérbios circunstanciais de lugar e de tempo (*heute, hier*), os aspectuais (*oft, häufig*) e os advérbios de causalidade (*daher, darum, trotzdem*)

³⁶ tradução nossa da citação: *"Elemente, die ausschließlich auf Instanzen und Faktoren der Kommunikation verweisen (Kontakt zwischen Produzent und Rezipient, ihre Gesprächsrollen, Diskurs/Text, 'Formulierung', deiktische Konstellationen, Kontexte und Emotionen) oder aber selbst einen Instanz der Kommunikation sind"*.

O outro grupo é o das **partículas**. A fim de diferenciar um elemento do outro, os autores propõem os seguintes testes para as partículas:

- (a) partículas **não** são termos constituintes autônomos (*selbständige Satzglieder*), mas somente parte dos constituintes;
- (b) por não serem termos autônomos da frase, as partículas não podem ocupar a posição inicial no enunciado:

*Er hat die Prüfung ziemlich gut bestanden.
/ele [aux..pretérito] a prova muito bem passar/
(Ele tirou uma ótima nota na prova)*

**Ziemlich hat er die Prüfung bestanden.
/*Muito [aux.] bem ele a prova passar/
(*Ótimo ele tirou nota na prova)*

- (c) partículas não respondem autonomamente a perguntas polares (*Entscheidungs-Fragen*), de **sim e não**:

*Kommt er heute?
*Ziemlich, *nur, *spät*

- (d) elas não contribuem para as condições de verdade de frases declarativas;
- (e) e dessa forma, do ponto de vista sintático, podem ser apagadas sem prejuízo do valor de verdade dos enunciados. Do ponto de vista semântico intrínseco, o seu apagamento não afeta o valor de verdade da frase;
- (f) apesar disso, o seu apagamento pode afetar o valor semântico-pragmático do enunciado, pois elas podem modificar o conteúdo semântico de um constituinte ou do escopo da sentença.

Dentre os elementos que podem ser elencados como partículas, estão as **partículas de nuance** (*Abtönungspartikeln*), as **partículas de gradação**, as **partículas de intensificação**, as **partículas responsivas**, as **partículas de negação** e as **partículas de infinitivo**.

Helbig (1990:56-63) indica, também, funções especiais que são desempenhadas pelas partículas de nuance (*Abtönungspartikeln*). São elas:

(a) **Expressões de opinião, atitudinais ou de posicionamento** (*Einstellungsausdrücke*)³⁷: as partículas modalizadoras denunciam algo sobre a atitude e a posição do falante frente ao que se quer dizer. Tais posicionamentos referem-se às suas idéias, expectativas, emoções a respeito de suas proposições e às do seu interlocutor;

(b) **Expressões definidoras de situações** (*situations-definierend*): contêm índices que remetem à compreensão e à avaliação da intenção de fala concreta em si, definindo, assim, a situação.

(c) **Expressões indicadoras ou modificadoras da ilocução** (*ilokutionsindizierend oder -modifizierend*): elas acompanham determinados tipos de frases: declarativas, interrogativas e imperativas; denunciam o tipo de ilocução: conselho, ordem, etc.

(d) **Expressões monitoradoras da conversação** (*konversationssteuernd*): organizam a conversação, articulando o discurso, indicando a localização do enunciado no discurso, tais como *übrigens, überhaupt, ja, so, also* (aliás, enfim, bem, então, agora), por serem catafóricas ou anafóricas,³⁸

(f) **Expressões de estratégias de interação** (*interaktionsstrategisch*): nesse sentido elas requerem do interlocutor um alto grau de inferência a respeito da formulação do falante. O uso de *etwa, nicht, doch* em perguntas indica ao ouvinte que este deve responder de acordo com as expectativas assim demarcadas pelo falante. Fala-se aqui da função metacomunicativa, de uma função sinalizadora para o ouvinte, que o orienta como entender o conteúdo informacional do enunciado e como reagir a ele;

(g) **Expressões conectoras** (*konnectierend*): assumindo funções conectivas de idéias, que em linguagem escrita seriam realizadas através de conjunções, p.ex.:

*Ich gehe nicht schwimmen, weil das Wasser noch viel zu kalt ist.
Eu vou não nadar, porque a água ainda muito fria está..
(Não vou nadar, porque a água ainda está muito fria.)*

³⁷ tradução nossa.

³⁸ Nesse sentido deverão ser consideradas como **articuladores discursivos**.

*Ich gehe nicht schwimmen, das Wasser ist ja viel zu kalt.
/Eu vou não nadar, a água está mesmo muito fria.
(Não vou nadar, a água está mesmo muito fria.)*

O terceiro grupo, o das **palavras modais** (*Modalwörter*), igualmente como os **advérbios modalizadores** - como os descreveram Ilari e outros (1990) e Castilho (1992b) -, também têm características que consideramos aproximadas às dos MCs, uma vez que sua ocorrência revela algum tipo de comentário parentético sobre o que está sendo dito, estando assim, às margens do enunciado, pois sua predicação se estende à sentença. Helbig e Buscha assim as caracterizam:

As **palavras modais (Pmods)** são uma classe relativamente fechada de palavras no alemão e compreendem dois grupos:

- (a) Pmods que não podem ser usadas como atributo, não declináveis e não comparáveis, tais como *allerdings, anscheinend, fraglos, freilich, gottlob, hoffentlich, kaum, etc.* Dentre elas, destacam-se os advérbios derivados de adjetivos e participios terminados em *-weise* (equivalente ao *-mente* do português), tais como *möglicherweise, ertaunlicherweise, freundlicherweise* (*possivelmente, surpreendentemente, felizmente*).
- (b) Pmods homônimas de elementos usados também como atributos de constituintes da sentença, e portanto declináveis e comparáveis, tais como *angeblich, vermutlich, wirklich, gewiß* (*possível, suposto, real, evidente, certo*).

Para diferenciá-las das outras duas formas de advérbios acima mencionadas, os autores propõem testes sintáticos que ajudam na sua caracterização:

- (1) É possível fazer uma paráfrase desses elementos com uma oração principal:

Er kommt <i>vermutlich</i> .	(palavra modal)
Ele vem <i>provavelmente</i> .	
<i>Ich vermute (es wird vermutet, es ist vermutlich so), daß er kommt.</i>	
<i>Eu suponho (supõe-se, é de se supor), que ele vem.</i>	
Er kommt <i>pünktlich</i> .	(advérbio)
Ele chega <i>pontualmente</i> .	
<i>*Es ist pünktlich, daß er kommt.</i>	
<i>*(E) pontualmente, que ele chega.</i>	

(2) A paráfrase das Pmods com uma oração principal permite o uso da conjunção integrante *daß* (que) ou *wie* (como), enquanto que os advérbios a fazem somente com *wie* (como):

<i>Es ist vermutlich, daß er kommt.</i>	(palavra modal)
<i>É provável, que ele venha.</i>	
<i>Es ist schnell, wie er kommt.</i>	
<i>É rápido, como ele vem.</i>	(advérbio)

(3) As Pmods podem ser parafraseadas por um construção parentética:

<i>Er hat den Zug vermutlich nicht erreicht.</i>
<i>Ele provavelmente não alcançou o trem.</i>
<i>Er hat den Zug - wie ich vermute - nicht erreicht.</i>
<i>Ele não alcançou o trem - como eu suponho.</i>

(4) A palavra modal pode autonomamente servir de resposta a uma pergunta polar (de sim ou não):

<i>Kommt er?</i>
<i>Provavelmente</i>
<i>Vermutlich.</i>
<i>*Pünktlich.</i>
<i>*Pontualmente.</i>

(5) Via de regra, as Pmods, ao contrário dos advérbios, não podem ser usadas em orações interrogativas, imperativas ou subjuntivas:

<i>Kommt er schnell?</i>
<i>Ele vem rápido?</i>
<i>*Kommt er vermutlich?</i>
<i>*Ele vem provavelmente?</i>
<i>Kommt schnell!</i>
<i>Venham depressa!</i>
<i>*Kommt vermutlich!</i>
<i>*Venham provavelmente!</i>
<i>Käme er doch schnell!</i>
<i>Ah, se ele viesse depressa!</i>
<i>*Käme er doch vermutlich!</i>
<i>*Ah, se ele viesse provavelmente!</i>

(6) A negação aparece sempre depois da palavra modal, e antes do advérbio:

<i>Er kommt nicht pünktlich.</i>
<i>Ele chega não pontualmente/</i>
<i>Er kommt vermutlich nicht.</i>
<i>Ele chega provavelmente não/</i>
<i>*Er kommt pünktlich nicht.</i>

- *Ele chega pontualmente não/
- *Er kommt nicht vermutlich.
- /*Ele chega não provavelmente/

(7) Os advérbios podem ser substituídos por *so* (*assim*), ao contrário das Pmods:

- Er kommt schnell.*
- Ele vem depressa.*
- Er kommt so.*
- Ele vem assim.*
- Er kommt vermutlich.*
- Ele vem provavelmente.*
- **Er kommt so.*
- **Ele vem assim.*

(8) As Pmods não são comparáveis e dificilmente podem ser coordenadas (com a conjunção *e*, p. ex.):

- Er kommt pünktlicher.*
- Ele vem mais pontualmente/ = Ele é mais pontual*
- **Er kommt vermutlichher.*
- **Ele vem mais provavelmente/*
- Er kommt pünktlich und schnell.*
- Ele chega pontualmente e depressa.*
- **Er kommt vermutlich und leider.*
- **Ele chega provavelmente e infelizmente.*

(9) Ao contrário dos advérbios, as Pmods não podem ser usadas em construções performativas explícitas:

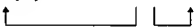
- Ich frage dich hiermit, wann du kommst.*
- !*Eu lhe pergunto agora, quando você vem.*
- **Ich frage dich vermutlich (leider), wann du kommst.*
- *!*Eu lhe pergunto provavelmente (infelizmente), quando você vem.*

Segundo os autores, as Pmods não qualificam o traço objetivo do acontecimento (como os advérbios), mas expressam a atitude subjetivo-modal do acontecimento através do falante. Não é a maneira como se deu o fato e sim, a postura do falante em relação ao acontecimento que é descrita. Desta forma, eles não se restringem à predicação de apenas um constituinte da frase, mas de todo o escopo da sentença. Assim, por serem elementos que se “encaixam” nas frases, elas são também conhecidas como “palavras de engate” (*Schaltwörter*), de “encaixe” (*Einschubwörter*) ou parentéticas (*Parenthetika*). Advérbios são condensações de predicados; em contrapartida, as Pmods são **operadores de atitude** através dos quais fica expressa a opinião do falante. As Pmods não são afirmações, mas sim, **comentários** do falante sobre as afirmações. Resumindo, as Pmods

devem ser consideradas *sintaticamente* como palavras de engate, *semanticamente* como operadores de atitude e *pragmaticamente* como comentários.

Assim como Castilho (1992b:230), além do seu uso prototípico (termo autônomo e predicação do escopo da frase), Helbig e Buscha admitem a possibilidade de uso dos modalizadores com um valor paragógico, ou seja, quando o advérbio modalizador apresenta as duas possibilidades de predicação tanto da sentença (S) como de um constituinte:

As frutas estavam realmente caras.
S (as frutas estavam realmente caras)



Er hat eine zweifellos gute Dissertation geschrieben.
/Ele escreveu uma indubitavelmente boa dissertação/
Ele escreveu uma redação indubitavelmente boa.
a. Er hat eine Dissertation geschrieben. Die Dissertation ist zweifellos gut.
Ele escreveu uma dissertação. A dissertação é indubitavelmente boa.
b. Die Dissertation ist zweifellos gut.
A dissertação é indubitavelmente boa.

Ilari (1990) e Castilho (1992b) discorrem também a respeito das possibilidades distributivas dos advérbios modalizadores em português e apontam a sua ocorrência nas posições iniciais (1) e finais (2) das sentenças e as posições intermediárias na sentença, antes ou depois do sujeito (3), entre o verbo e seus argumentos (4). A questão da ordem dos MCs na fronteira da UD deve ser levada em consideração, principalmente devido às funções que os mesmos desempenham como modalizadores.

Helbig e Buscha relacionam ainda expressões que se assemelham às Pmods, que, no entanto, não podem ser consideradas como tais. Ao contrário de Castilho, ele exclui da categoria das Pmods:

(1) as expressões de negação, em geral, inclusive *keinesfalls*, *keineswegs* (*de forma alguma, de jeito nenhum*), por não expressarem a modalização da sentença, mas sim, a qualificação da sentença (afirmativo-negativo);

(2) a negação *nein* (não), bem como as correspondências positivas *ja* (sim) e *doch*³⁹;

(3) construções parentéticas adverbiais em geral e (4) os advérbios de domínio tanto em sua ocorrência paragógica, atribuída a algum participio, como sob a forma de construção parentética:

Offen gesagt (,) *hat er seine Aufgabe nicht erfüllt.*
/Abertamente falado, ele sua tarefa não fez/
Falando claramente, ele não fez sua tarefa.
Er hat das Problem wissenschaftlich betrachtet.
Ele viu seu problema cientificamente.
Wissenschaftlich gesehen, ist das kein Problem.
/Cientificamente visto, é isto nenhum problema/
Visto de maneira científica, isso não é um problema.

Alguns autores, como Castilho (1992b:217-218), destacam também formas concorrentes que, tal como as Pmods, podem expressar algum tipo de modalização:

(1) Verbos plenos de modalização (*modale Vollverben*) ou adjetivos em orações principais:

Wir vermuten, daß er krank ist.
Supomos que ele está doente.
Wahrscheinlich ist er krank.
Provavelmente ele está doente.
Es ist wahrscheinlich, daß er krank ist.
É provável que ele esteja doente.

(2) Verbos de modalização epistêmica ou adjetivos em construções de engate (*Schaltsätze*):

Er hat die Prüfung vermutlich bestanden.
Ele provavelmente passou na prova.
Er hat die Prüfung - wie wir vermuten - bestanden.
Ele passou na prova - como supomos.

(3) Verbos auxiliares modais: *können, dürfen, mögen, sollen, müssen, wollen*;

(4) Tempos verbais que contenham algum fator de modalização:

Er wird sich verspätet haben.
Ele terá se atrasado.
Er hat sich wahrscheinlich (vermutlich, vielleicht) verspätet.
Ele provavelmente, possivelmente, talvez se atrasou.

³⁹ Em alemão, *doch* indica nas respostas uma negação a alguma declaração negativa, p. ex.: *Kommst du heute nicht?*
Doch, ich komme! = Você não vem hoje? Claro, eu vou (sim).

(5) Sintagmas preposicionados:

*Er war dem Anschein nach im Garten.
:Ele estava o indício segundo no jardim/
Ao que tudo indica, ele estava no jardim.
Er war anscheinend im Garten.
Ele aparentemente estava no jardim.*

Em resumo, em nossa análise sobre os marcadores modalizadores, estaremos assumindo as categorias de **palavras modais** e de **partículas de nuance** apresentadas por Helbig e Buscha para o alemão e as categorias de **advérbios modalizadores** estudadas por Ilari (1990) e Castilho (1992b) para o português, juntamente com as outras formas de modalização possíveis de serem consideradas MCs (loquções adverbiais, expressões verbais, prefácios e posfácios marcadores de opinião e frases estereotipadas), com exceção dos elementos prosódicos, como os alongamentos e a mudança da tessitura nas palavras.

Em resumo, as considerações feitas nas seções anteriores demonstram que optamos por uma abordagem que englobe concomitantemente os dois planos anteriormente propostos para a análise dos marcadores conversacionais do português brasileiro e do alemão: o plano pragmático-interacional e o plano da modalização. Até o momento, procuramos traçar as linhas gerais que norteiam o trabalho e referendar-nos em literatura adequada sobre Pragmalingüística, mais especificamente orientada para a AC, que embasa o estudo.

Neste capítulo, introduzimos as posições de determinados autores a respeito da categorização dos MCs, as quais assumimos. Com base nessa categorização, propomos o modelo de análise, explicitado no capítulo seguinte. Eventuais rearranjos do modelo deverão ser comentados na própria análise dos corpora e oportunamente serão ressaltados e comentados.

2. - Modelo de Análise

2.1 Marcadores conversacionais: uma definição

Nas seções anteriores, fizemos algumas considerações sobre a noção de marcadores conversacionais, objeto de estudo de nosso trabalho. Passamos, agora, a uma delimitação mais apurada das características destes marcadores, para depois traçarmos o modelo de análise adotado para este estudo.

Muitos estudiosos têm se preocupado com os marcadores conversacionais em seus trabalhos, procurando uma definição mais específica para tais elementos. Há consenso entre vários autores a respeito da noção de marcadores como sinais de pontuação da interação conversacional. Míguez (1984:1 *apud* Preti, 1990:71) refere-se a eles como *"palavras e expressões que permeiam a linguagem falada para proceder a abertura, continuidade e fechamento de um ato conversacional; para marcar a pontuação e mudança de assunto ou tópico"*.

No entanto, cotejando as definições de vários autores, percebemos que estas marcas acumulam mais de uma função na realização da interação, além da pontuação do texto conversacional. Castilho chega a denominar uma parte destas marcas como "operadores conversacionais", que servem para *"designar as execuções verbais, às vezes, esvaziadas de conteúdo semântico e de papel sintático, irrelevantes para o processamento do assunto, porém, indispensável na tarefa de engajamento numa conversação"* (Castilho, 1986:38 *apud* Preti, 1990:71), mas reconhece que, além desta função, eles são *"segmentos sintaticamente independentes do verbo, que ocorrem no início, no meio ou no final dos turnos, e que funcionam no monitoramento da fala, na modalização do conteúdo do que se vai dizer, ou mesmo para chamar a atenção do interlocutor, mantendo-o preso à conversação"* (Castilho 1986:6 *apud* Rosa, 1992:17-18).

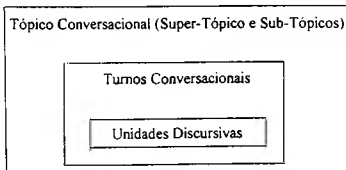
Então, num sentido mais amplo, os marcadores conversacionais desempenham um papel importante na construção da interação, não só como pontuadores, mas também como elementos que funcionam para dar coesão e coerência ao texto falado. Urbano (1993 *apud* Marcuschi 1989:282) afirma que eles atuam

"como articuladores não só das unidades cognitivo-informativas do texto como também dos seus interlocutores, revelando e marcando, de uma forma ou de outra, as condições de produção do texto, naquilo que ela, a produção, representa de interacional e pragmático (...) amarram o texto não só enquanto estrutura verbal cognitiva, mas também enquanto estrutura de interação interpessoal".

Encontramos, também, em literatura específica da área de estudos de idiomaticidade, o termo *gambitos* (Keller, 1979:220), como elementos usados para gerar engates (*shifts*) entre os níveis da conversação ou para preparar o ouvinte para o próximo turno no argumento lógico. Kasper e Faerch (1984:69-70) os definem como elementos cuja função primeira é a de manter e regular o discurso, (i) estabelecendo coerência dentro dos turnos e entre os turnos, bem como (ii) regulando a distribuição dos turnos entre os falantes no tocante à tomada, manutenção e entrega dos turnos e (iii) demarcando as áreas limites do discurso.

A partir daí, conclui-se, então, que os marcadores desempenham funções diversas na construção do discurso oral. Digamos que eles desempenham a mesma função controladora e pontuadora em níveis diferentes da interação conversacional. Para isto, é preciso que deixemos desde já claros os níveis a que nos referimos aqui.

Observemos a segmentação de uma conversação (entenda-se aqui a interação conversacional entre dois ou mais falantes) de acordo com o esquema a seguir:



Para isso, assumiremos que os marcadores conversacionais, sob esta perspectiva, desempenham uma função genérica que chamaremos de articuladora ou estruturadora do discurso oral, ou seja, eles aqui funcionam para pontuar o discurso oral, demarcando principalmente os limites entre as UD's, entre os segmentos tópicos e entre os turnos. Assim sendo, diremos que os marcadores que se restringem a organizar estes segmentos do discurso oral sejam reconhecidos como marcadores de monitoramento dos turnos e dos tópicos ou (1) **marcadores interacionais**. Sob este ponto de vista, formas homônimas de marcadores conversacionais podem ser analisadas segundo sua função distinta nos planos da gestão dos turnos e dos tópicos. Tal ressalva é muito importante para o procedimento de análise aqui adotado, pois freqüentemente estaremos encontrando formas idênticas, mas com funções distintas ou co-ocorrentes, de acordo com o contexto em que aparecem.

Por outro lado, é negável o papel modalizador destes marcadores se observamos o quanto da intencionalidade dos interlocutores está presente no seu uso. Ocorrências como *eu acho, eu penso que, a minha impressão é que..., eu até... mas..., basicamente, realmente, simplesmente* demarcam, sem dúvida, uma determinada força ilocutória inerente ao enunciado nos quais compõem o contorno. Reconhecemos, então, a partir daqui, uma segunda função dos marcadores conversacionais, a saber, a função modalizadora. Tal papel é desempenhado através de mecanismos de atenuação (Rosa, 1992) ou intensificação (Koch e Oesterreicher, 1990). Aos marcadores analisados sob o viés da intencionalidade chamaremos de (2) **marcadores ideacionais ou modalizadores**. Também aqui é necessário lembrar que, ao analisar a classe dos marcadores conversacionais, o fazemos em dois níveis distintos: o plano pragmático-interativo e o plano da modalização. Naturalmente, quando se fala de aspectos pragmáticos, não podemos de todo dissociar a interação da modalização. No entanto, para efeito de análise, preferimos proceder na análise nestes dois níveis.

2.2 Articuladores discursivos: uma categoria à parte de marcadores

Cabe aqui fazermos um recorte estratégico e decisivo para a nossa análise: verificar a existência de categorias distintas de elementos, com funções primordialmente diferenciadas no plano da interação, que possam interferir na classificação dos marcadores conversacionais como um todo.

Os marcadores de monitoramento da interação, dos quais falamos acima, remetem-nos a outra categoria de elementos que está ligada aos desdobramentos da conversação: os **marcadores articuladores do discurso**⁴⁰ (*e, mas, então, agora, bom, hem, porque, aí, depois, enfim, certo, já, assim*), tal como discurremos em seções anteriores (1.2.3 e 1.2.4).

Gülich (1970)⁴¹ já apontava, num estudo sobre os marcadores conversacionais no francês falado, uma função correlata a esta dos marcadores, funcionando como **sinais de estruturação** (*Gliederungssignale*), elementos que organizam a interação num nível mais amplo, a saber, o desenvolvimento do tópico. Mais tarde, este fenômeno foi retomado por Auchlin (1981)⁴², referindo-se a **marcadores de estruturação da conversação** como elementos que "*diferentemente dos marcadores de função ilocutória e dos de função interativa, que indicam aspectos ilocutórios ou pragmáticos específicos, (...) têm sua atenção voltada para o 'o encadeamento ou desdobramento na estrutura hierárquica do discurso' (Roulet et alii, 1985:32)" (apud Rizzo in Castilho, 1993:31). Assim, quer como "sinais de estruturação", ou como "apoios do discurso" (Luzatti, 1982)⁴³, ou como marcadores de "pontuação oral" (Brancart e Schneuwly, s.d.)⁴⁴, ou como "lubrificantes discursivos" (Edmonson e House, 1981)⁴⁵, os marcadores*

⁴⁰ Adotamos aqui a terminologia sugerida por Rizzo (in Castilho, 1996).

⁴¹ *Apud Rizzo in Castilho (1993).*

⁴² *Idem.*

⁴³ *Apud Rizzo in Castilho, 1993.*

⁴⁴ *Idem.*

⁴⁵ *Ibidem.*

de estruturação da conversação são elementos que articulam o desenvolvimento do tópico.

É natural que tal função articuladora nos remeta a questões de argumentação, e parece ser exatamente esta a função destes elementos que muitas vezes funcionam como verdadeiros **operadores lógicos**, também presentes no fluxo da argumentação escrita, como *e, mas, então e agora*, entre outros. Em linguagem falada, estes índices assumem características típicas deste tipo de discurso, apresentando-se acompanhados de fórmulas idiomatizadas (também marcadores conversacionais) como *quer dizer, daí, o que eu acho é o seguinte, é o seguinte éh::, por exemplo*. A co-ocorrência com estas expressões parece desempenhar bem o engate de que se falou acima, e seu uso faz lembrar a denominação de “embreagem”, manipulada pelo falante para avançar ou retroceder no tempo da instância da enunciação (*hom como eu havia dito, agora aquilo que eu falei, então aquela coisa de:: que eu falei*).

Assim, é necessário dissociar a função organizadora dos **articuladores do discurso** da função pragmático-interativa dos **marcadores de formulação e reformulação** no plano do monitoramento dos turnos e dos tópicos. Desta forma, falaremos, a partir daqui, de duas categorias distintas que podem ou não co-ocorrer, de acordo com a escolha e a intenção de cada um dos interlocutores: os **articuladores discursivos** e os **marcadores de formulação e de reformulação**. É imprescindível salientar, no entanto, que as duas formas devem ser consideradas dentro do grande grupo dos **marcadores conversacionais**.

2.2.1 Marcadores, articuladores e polifonia

Pelo próprio valor lógico dos **articuladores** e de um determinado grau de modalização acompanhando os **marcadores de gestão de turnos e tópicos**, é fácil reconhecer o caráter argumentativo que se acumula às funções articuladora e pragmática. Isto reforça, portanto, a necessidade de analisá-los sob a perspectiva das

duas funções primordiais dos MCs às quais nos referimos: a função pontuadora interacional e a função modalizadora argumentativa. Outros autores alertam para essa dicotomia presente nos MCs. Urbano (*in* Preti, 1993:99) afirma que

"os marcadores conversacionais são elementos que estruturam o texto, considerado não só como uma construção verbal cognitiva, mas também como uma organização interacional interpessoal. Ou seja, são recursos que sinalizam orientação ou alinhamento recíproco dos interlocutores ou destes em relação ao discurso."⁴⁶

Na verdade, para proceder à classificação dos marcadores, a dissociação desse acúmulo de funções presentes nos marcadores em geral fica bastante comprometida se observarmos que muito da função articuladora de gestão dos turnos e dos tópicos está ligado à função de gestão ideacional do falante em relação ao que quer dizer e como quer dizê-lo. Isto está estreitamente relacionado à noção de modalização do discurso que abordaremos mais adiante (2.4.1). Muitas pistas indicam o valor ideacional (conteúdo) inerente a estes operadores discursivos (Schiffrin, 1987 e 1992; Redeker, 1990 e 1991; Fraser, 1990b).

Um olhar mais abrangente sobre os corpórea denuncia, no entanto, a **função estruturadora dos articuladores** como sendo primordial e intrinsecamente recorrente. Já o aspecto argumentativo pode ser diferenciado, uma vez que se nota uma maior ou menor gradiência na força semântica específica de cada uma destas marcas. Isso nos permite, então, considerá-los, dentro do escopo deste trabalho, como subtipo dos **marcadores interacionais**, juntamente com os outros marcadores anteriormente especificados.

Outro indicio que reforça esta hipótese reside no fato de que é justamente esta bifuncionalidade dos **articuladores discursivos** e dos demais **marcadores de gestão dos turnos e dos tópicos** que nos permite distinguir entre elementos típicos do evento conversacional de meros **operadores lógico-argumentativos**, que ficam desde já excluídos da análise. Assim, elementos que não apresentarem características pragmáticas

⁴⁶ grifo nosso.

(interacionais) reguladoras da conversação não devem ser considerados marcadores conversacionais. É o caso de algumas ocorrências de *mas, então, porque, ou...ou, portanto*, entre outras, cuja distinção no seu caráter funcional foi levantada pelos autores acima (1.2.4).

O quadro abaixo dá conta de algumas das ocorrências possíveis de articuladores discursivos encontrados nos corpóra:

	Ocorrências em português	Ocorrências em alemão
Articuladores discursivos	<i>e, mas, então, agora, bom, bem, porque, ai, depois, enfim, certo, é, assum (com valor prospectivo), já, inclusive, se bem que, talvez</i>	<i>und, aber, dann, jetzt, also, gut, denn, nun, ja, immerhin, insofern, übrigens, allerdings, vielleicht</i>

2.3 Marcadores interacionais

2.3.1 Marcadores de gestão dos turnos

Uma vez assumida a orientação demarcadora da gestão dos turnos, que pode ser desempenhada pelos marcadores, faz-se necessário lembrar que, dentro da estrutura interna de cada um dos turnos e a sua relação com o tópico em questão, o falante faz uso de processos de formulação do seu discurso, e por meio de processos de reformulação, organiza o seu enunciado. Assim, podemos detectar a ocorrência de dois subtipos dentre os marcadores de gestão do turno, a saber, os **marcadores da formulação** (hesitações, pausas, alongamentos, verificações, etc.) e os **marcadores de reformulação** (sinais de correção, introdutórios de paráfrases e de repetições, etc.). É muito importante salientar que estas funções são concomitantes às funções desempenhadas nas estratégias das quais os interlocutores fazem uso para gerir o movimento na dicotomia falante-ouvinte, como a manutenção, entrega, assalto e tomada do turno. Dessa forma, podemos distinguir, dentro do grupo dos **marcadores de gestão dos turnos**, os **sinais do falante** e os **sinais do ouvinte**, que estariam cumprindo a função pontuadora acima descrita, indicando a organização interna do turno e demarcando as passagens de turno e a ocorrência de interrupções. Castilho (1989:273-274 *apud* Urbano *in* Preti, 1993:91) fala de "marcadores interpessoais" como marcadores que servem para administrar os turnos conversacionais e de "marcadores ideacionais"⁴⁷ como elementos usados pelos falantes para efetuar a negociação do tema.

Adotamos, para a análise neste trabalho, a subdivisão do grupo dos **marcadores interacionais de gestão do turno** em dois subgrupos: os **marcadores do falante** e os **marcadores do ouvinte**. Esta segmentação também está centrada nos processos de

⁴⁷ Em nossa análise, utilizamos o termo **marcador modalizador** no sentido acima proposto para **marcadores ideacionais**.

formulação e reformulação esboçados anteriormente. Isto equivale a dizer que, dentre os **marcadores do falante**, podemos reconhecer marcas da formulação através dos seguintes tipos de marcadores: **marcadores de sustentação do turno** (baseada na formulação e na reformulação) e **marcadores de entrega do turno** (requerida e consentida). Dentre os **marcadores do ouvinte**, podemos destacar os **marcadores de reforço, concordância, de aviso** (da tomada do turno) e de **verificação** (pedido de esclarecimentos) e os **marcadores de assalto ou tomada de turno**.

No que se refere à análise contrastiva dos marcadores na gestão dos turnos, levaremos em questão o seguinte questionamento:

1. Que tipos de ocorrências de MCs do falante e do ouvinte podem ser encontradas em ambas línguas?
2. Quais as funções desempenhadas pelos MCs nas estratégias de sustentação, entrega e tomada do turno?
3. É possível verificar o mesmo tipo de estratégias para gerir os turnos em ambas as línguas?
4. Que tipos de articuladores são usados como recursos de gestão dos turnos e quais as funções por eles desempenhadas?

Quadro 1: Marcadores de Gestão dos Turnos

		Ocorrências em português		Ocorrências em alemão	
Marcadores do falante	Marcadores de sustentação do turno	Marcadores da formulação	<p>entende? sabe? né? okay? ch: uhn: ahn: assim: certo? acho assim, assim sabe?, em termos de... em termos gerais, de uma certa forma, em termos mais... inclusive... por exemplo, que... bom...; sab, e: né?, lai, e lai, sei lá, essas coisas, você está entendendo né?, é que, ainda, eu considero para mim, e não sei que mais, você entendeu?, correto?, não é?, não é mesmo, você veja, você percebe, porque você veja o seguinte, é o que eu digo... bom, realmente, basicamente na realidade, simplesmente, eu acho assim, não sei, aí sei lá, mas sei lá, mas enfim, pô</p>	<p>nich wahr, also, nich also, ja gerade, zum Beispiel, so... gerade, das heißt, auch mal, eben, nicht?, sagen wir einmal, würde ich sagen, beispielsweise, ja, denn... und...; sagen wir, sozusagen, aber, ich meine</p>	
	Marcadores de entrega do turno	Marcadores da reformulação	<p>assim digamos, vamos dizer, por exemplo, tipo, meio assim, quer dizer... não + correção, acho assim, digamos sabe?, ch:: ahn:: né? certo?, tá?, sabe?, você não achar?, não é?, ou não?, então..., por favor, diga</p>	<p>so...; ja also...; zum Beispiel, sagen wir mal, ja...; beispielsweise, das heißt, um ein Beispiel zu geben, nein + correção</p>	
	Marcadores de sustentação do falante	Marcadores de entrega requerida	<p>pode falar, diz..., fala..., mas você queria falar de... uhn. ahn. tá::</p>	<p>also...; nicht wahr?, nicht?, glaube ich, ja?, ja, darf ich Sie bitten, bitte</p>	
Marcadores do ouvinte	Marcadores de sustentação do falante	Marcadores de entrega consentida	<p>Marcadores de reforço</p>	<p>nun darf ich sie bitten..., sie wollten doch noch was dazu sagen... ja...; uhn. aha</p>	
		Marcadores de concordância	<p>sim, claro, certo, i::sso, é isso aí, tá, ah sim</p>	<p>ja, eben, sicher, selbstverständlich, das ist richtig, genau, ja ja, ja, ja eben, das meine ich, gut, jawohl</p>	
	Marcadores de aviso	Marcadores de verificação	<p>oi?, como?, ahn?, hein?, opa?</p>	<p>wie bitte?, was?, ahn?</p>	
	Marcadores de assaio ou tomada de turno	Marcadores de aviso	<p>ch::; olha, por exemplo, oh, mas, acho que, não, bom, é o seguinte, eu vejo assim, sim tudo bem, tá... mas, então... mas, agora, não sei, é mas, espera aí, posso?</p>	<p>Augenblick, Moment, ja, darf ich?</p>	

2.3.2 Marcadores de gestão dos tópicos

2.3.2.1 Marcadores na organização dos segmentos tópicos

Pelo exposto em (1.2.2.2), observamos que os MCs têm funções amplas e específicas no monitoramento dos tópicos desenvolvidos durante um evento conversacional. Basicamente, eles funcionam como uma das estratégias das quais os interlocutores fazem uso para chamar a atenção do ouvinte para a organização interna do discurso conversacional, denunciando se o próximo movimento na interação indica uma progressão no tópico em desenvolvimento ou se revela uma ruptura instantânea ou definitiva no fluxo do evento, de forma a acrescentar um aspecto novo ao tema abordado ou à interação no seu todo.

Nossa análise deve restringir-se apenas às funções desempenhadas exclusivamente pelos MCs, mas, primeiramente, é necessário reconhecer sob que condições e em que circunstâncias eles ocorrem. Para isto, é necessário, primeiramente, observar como se estrutura a distribuição das UDs e como elas se organizam, para em seguida, verificar de que forma estes mesmos marcadores podem ser arranjados em categorias, sob a perspectiva da organização tópica do discurso oral, seja ela *linear* ou *hierárquica*. Para isto, escolhemos o **segmento tópico**, assim como o mesmo foi definido anteriormente (1.2.2.2), como unidade de análise no plano da gestão dos turnos.

No plano da *organização linear*, destacamos o conceito de **mudança de tópico** que irá nos orientar para a caracterização da *continuidade* e da *descontinuidade*, que podem ser encontradas nas seguintes possibilidades: a introdução de um novo segmento por esgotamento da propriedade de centralização do segmento anterior, a introdução de um novo segmento por meio de movimentos de transição que não assumem o papel de segmento, por sua incompletude e *turbulência*, no que se refere à superposição nas contribuições dos falantes e, por último, a introdução de um novo segmento por abandono do anterior.

Do ponto de vista da *seqüencialidade*, a *continuidade* pode ser observada na “*relação de adjacência que ocorre na circunstância específica de esgotamento do tópico anterior*”⁴⁸. Para que ela assim seja caracterizada, é necessário o preenchimento de duas condições: a contigüidade (inter-tópico) e o esgotamento (intra-tópico). A *descontinuidade* indica alguma interrupção específica que se insere em algum ponto da conversação. No entanto, desde já deixamos claro que a descontinuidade é um fenômeno observável apenas no plano da *linearidade*, dado o seu caráter de segmentação revelada em inserções. No plano da *hierarquia*, aquilo que é considerado descontinuo, apresenta-se como conjunto coeso no todo do evento, ou seja, várias inserções - tais como os variados tipos de digressões baseadas no enunciado ou memo na interação - podem formar um grupo coeso que, cindido pelas mesmas, constitui um subtópico do evento. Tal fato também pode ser notado se observamos que estas construções apresentam *centração*, ou seja, têm, portanto, estatuto tópico e podem estabelecer relações léxico-sintáticas com tópicos anteriores ou posteriores.

No entanto, no que se refere à questão de apagamento da *descontinuidade* do plano linear, vista sob o prisma da organização hierárquica, há que ser feita uma ressalva. Há casos de inserções que não representam nem a expansão de um tópico anteriormente desenvolvido nem a introdução de um novo segmento tópico. Trata-se aqui das inserções sob a forma de *parênteses*, unidades discursivas de menor extensão textual que não contêm estatuto tópico, uma vez que não apresentam *centração tópica*. Entre outros elementos que os distinguem das digressões, destaca-se a ausência de conectores do tipo lógico que estabeleçam relações léxico-sintáticas com o tópico anterior, quebrando, portanto, o esquema tema-rema. Normalmente, são usados pelos interlocutores para inserir algum tipo de comentário, advertência, ressalva ou esclarecimento (*bom... esse é o meu ponto de vista...; also... das wollte ich noch sagen...*).

Naturalmente, dependendo do grau de informalidade do evento conversacional, a fixidez tópica difere bastante. Assim, quanto maior o grau de informalidade entre os

⁴⁸ (Jubran in Ilari, 1992:365)

falantes, menor será a rigidez na fixação dos temas desenvolvidos, permitindo que muitas das construções hipotáticas se desenvolvam como novo tema da conversação.

Observamos, no *cópus* do alemão, que o entrevistador monitora de forma rígida a fluidez da conversação, evitando que os interlocutores “se deixem levar” pelas interrupções que vão acontecendo durante a conversação. Em português, dado o caráter menos formal dos diálogos, e justamente pelo papel quase apagado do documentador, as interrupções desembocam em novos tópicos que aos poucos vão sendo desenvolvidos, o que não impede que se volte ao tema posteriormente. Por conseguinte, durante a análise que segue dos marcadores da gestão dos tópicos, iremos pouco a pouco fazendo as nossas ressalvas no tocante a estas questões devidas à tipologia um tanto diferenciada dos *cópora* postos em contraste.

2.3.2.2 Marcadores na organização das unidades discursivas

Outro plano de análise na gestão dos tópicos é o da *organização interna dos segmentos*, onde observamos a presença (ou não) de MCs tanto nas margens dos segmentos (início, meio, fim) como nas margens das UDs internas que compõem os segmentos.

Dentro da organização interna dos segmentos, podemos observar três tipos de construções: (1) as construções de continuidade tópica linear e (2) as construções de continuidade tópica hierárquica que estabelecem relações paratáticas entre as UDs e, por último, (3) as construções de descontinuidade tópica linear que estabelecem relações hipotáticas entre as UDs.

As **construções paratáticas lineares** indicam uma progressão da conversação, onde os tópicos são ordenados de forma a que um tema se desdobre de forma coordenada e sequencialmente linear sem interrupções.

As **construções paratáticas hierárquicas** podem revelar uma descontinuidade linear, mas representam a retomada do tema interrompido pela construção hipotática e devem ser entendidas como continuadoras no âmbito da organização hierárquica. A continuação pode traduzir-se em retomada imediata de tema brevemente interrompido, como também na retomada de um tema interrompido num ponto anterior mais distante no plano sequencial.

As **construções hipotáticas** revelam a quebra da linearidade sequencial, pois através de interrupções (digressões) sob a forma de *apartes*, *justificativas*, *opiniões*, *exemplos*, *contraposições*, *comparações* ou *adjunções*, a atenção sobre o tema em questão é voltada para alguma informação nova, algum adendo ao tema em questão, que pode (ou não) desencadear um novo fluxo temático no evento. Em tese, elas permitem a volta ao tema desenvolvido anteriormente à interrupção. E esta retomada revela-se numa construção de continuação, como foi caracterizada acima. No entanto as construções hipotáticas podem desencadear uma nova sequência tópica, com centração em outro tema. Por estas duas propriedades básicas, no plano da *sequencialidade* (horizontal) elas revelam a *descontinuidade* do discurso oral, mas no plano da *hierarquia* (vertical) dos segmentos, as inserções, na grande maioria das vezes, podem ser vistas como marcas de coesão da *continuidade* tópica. As construções hipotáticas são um fenômeno primordialmente encontrado no fluxo do evento conversacional, pois traduzem na produção oral a co-ocorrência das atividades cognitivas dos interlocutores com a formulação própria do enunciado e são normalmente usadas pelos interlocutores como recurso argumentativo que reforça o enunciado.

As noções de **parataxe** e de **continuação** envolvem, no escopo deste trabalho, a questão de coesão discursiva do texto oral, ou seja, as construções paratáticas da interação correspondem à coordenação de UD's e de segmentos tópicos interligados pelas propriedades da centração e referem-se portanto à organização hierárquica das UD's e dos segmentos concernentes entre si. A **hipotaxe** refere-se à organização sequencial das mesmas UD's e segmentos, vistos do ponto de vista de ordenação linear, ou seja, uma UD pode ser *hipotática* em relação à anterior (linearmente descontinua) no

nível sequencial, mas pode ser *paratática* em relação a uma UD ou segmento localizados em outro ponto qualquer da conversação, se observada do ponto de organização hierárquica dos segmentos. Quando isto ocorre, temos o fenômeno de continuação.

Desta forma, optamos por distribuir a análise da funções dos articuladores e dos outros marcadores nos seguintes grupos: (1) no plano da organização das UD's dentro dos segmentos: a. **marcadores de continuidade tópica linear**, b. **marcadores de continuidade tópica hierárquica** e c. **marcadores de descontinuidade tópica linear** e (2) no plano da organização dos segmentos: os **marcadores de superordenação hierárquica**. É importante notar, mais uma vez, que formas homônimas de articuladores e outros MCs podem ser consideradas tanto paratáticas como hipotáticas. O contexto em que aparecem é que nos permitirá dizer se desempenham esta ou aquela função. É o que acontece, por exemplo, com o articulador *bom* que tanto pode indicar uma estratégia de continuação tópica linear, como inserir uma digressão (continuação tópica hierárquica).

Uma vez que a delimitação de algum movimento ou manutenção na centração tópica só possam ser constatados no contexto em que ocorrem, diferentemente dos marcadores de gestão do turno, só podemos elencar as ocorrências de articuladores e marcadores de maneira generalizada. Assim, no quadro que segue, os exemplos não estão distribuídos nas categorias a que nos referimos anteriormente, pois, como já dissemos anteriormente, formas homônimas podem ocorrer com funções distintas em contextos diferentes.

Quadro 2

Marcadores de gestão dos tópicos	
Ocorrências genéricas de marcadores	
português	alemão
<p>acho assim. acho que. eu acho, tenho a impressão que. acontece o seguinte. é o seguinte. [agora] que isso. assim. digamos, em termos de, dá impressão que. assim digamos, assim em termos, de uma certa forma. às vezes, é o tal negócio, é o/isso que eu digo, é o seguinte. você veja o seguinte, você vê, você vê que. você pega assim, você deve conhecer, é que. em geral. acredito que, uma coisa que.... o que eu acho é o seguinte. você estava dizendo. estou vendo. eu não sei. eu não sei se... [mas], eu vejo assim. por exemplo, inclusive, sabe. [mas]... que nem. [mas] aí tem que ver que.... para mim, parece que. acho que aí, o que eu sinto é que, quer dizer, digamos, se não me engano, deixa eu ver, diz que, eu costumava dizer, eu devo assinalar que, há quem diga, a verdade é esta, estão dizendo que, às vezes a gente diz, eu acho também, eu noto que, me parece que, me disseram que, não sei se vocês.... o que eu disse é o seguinte. o que me parece é que olha, olha, se não me engano, tenho ouvido dizer que, você citou, você reparou, vocês devem estar lembrados de.... a gente percebe que, a gente sente que, é a mesma coisa que eu digo,</p>	<p>ich muß besser sagen. [insofern] gob ich Ihnen in Ihrem Ausgangspunkt recht, [insofern] muß ich Ihnen NN widersprechen, sie sagten sj ja] gerade, wenn ich sagen darf. [zunächst mal] ganz kurz gesagt, da möchte ich sagen, [aber] ich muß sagen. [aber] ich sage das nur um ihnen zu sagen... daß, [also] sehen sie doch, da muß ich unterbrechen NN, da muß man crinnern daß, daraus folgere ich, darf ich auch [noch] eine kleine Zwischenfrage?, darf ich eine Frage stellen?, darf ich etwas sagen?, darf ich kurz unterbrechen? darf ich ihnen sagen? darf ich mich zu Worte melden?, darf ich NN bitten? darf ich sie bitten NN?, darf ich [vielleicht], wenn sie erlauben?, darf ich [zunächst] einem etwas zu... sagen?, das heißt, das ist die Frage, das ist eine andere Frage, das seh ich zum Beispiel vollkommen anders, das würde ich damit erklären, denken sie an, ich meine, erst einmal möchte ich sagen, es hieß, ich bin der Überzeugung daß, ich bin [ja] nicht dafür, ich darf [hier] ein persönliches Erinnerungs-bekenntnis ablegen, ich darf [inzwischen] jetzt sagen, wir müssen feststellen</p>
Tipologia	
No plano da organização dos segmentos tópicos	Marcadores de superordenação tópica
No plano da organização das UD's	Marcadores paratáticos de continuidade tópica linear
	Marcadores paratáticos de continuidade tópica hierárquica
	Marcadores hipotáticos (digressões e parênteses)

O papel dos articuladores na organização dos tópicos é naturalmente primordial e merece destaque neste nível da análise. Levando-se em conta as considerações acima, observaremos as seguintes questões na análise dos MCs no plano da organização tópica:

1. Qual a função desempenhada pelos MCs na organização dos tópicos em português e alemão?
2. A classificação proposta para os MCs no plano da gestão dos tópicos abrange todos os fenômenos encontrados?
3. Quais as funções desempenhadas pelos articuladores no monitoramento dos tópicos?
4. De que forma se processa a co-ocorrência dos articuladores e de outros MCs nas margens das UDs e dos segmentos tópicos?
5. Que aspectos sintáticos diferenciam a ordenação dos MCs em português e alemão?
6. Que articuladores e MCs carregam funções múltiplas (de gestão do turno, de gestão dos tópicos e de modalização)?

2.4 Marcadores modalizadores

No capítulo anterior, traçamos um panorama dos estudos feitos sobre a modalização no português e no alemão falados. Assumimos como MCs as categorias de **palavras modais** e de **partículas de nuance** (Helbig e Buscha, 1987 e 1990) para o alemão e as categorias de **advérbios modalizadores** (Ilari, 1990 e Castilho, 1992b) para o português. Entre outras possibilidades de realização de **marcadores modalizadores** (Mmods), reconhecemos locuções adverbiais, expressões verbais, prefácios e posfácios marcadores de opinião e frases estereotipadas (Rosa, 1992). Ficam excluídos da análise os elementos prosódicos, como os alongamentos e a mudança da tessitura nas palavras. O teste proposto para reconhecimento de um Mmod, desta forma, obedece a dois princípios:

(1) Mmods são elementos que aparecem nas margens das UD's, de forma a predicar o escopo da sentença. Enquanto marcas da interação, não qualificam o traço objetivo do acontecimento, mas expressam a atitude do falante em relação ao fato. Sendo assim, mesmo em posição sequencial intermediária, as ocorrências paragógicas de Mmods (predicando um termo e ao mesmo tempo toda a sentença), tais como as construções parentéticas, deverão ser consideradas MCs;

(2) Mmods são elementos, normalmente de curta extensão, que apresentam uma determinada fixidez na forma e têm alto grau de formulaicidade ou convencionalidade. Note-se que os parâmetros usados para aferir o grau de formulaicidade são evidentemente derivados das condições que instauram a instância da enunciação, ou seja, os interlocutores podem criar estruturas que extra-interacionalmente não deveriam ser consideradas MCs, mas que, no contexto do evento, tornam-se fixas e são recorrentes.

2.4.1 As formas de modalização

Assim como já foi dito anteriormente (1.2.5), a modalização exprime uma qualificação do conteúdo da forma de P, de acordo com o julgamento do falante, através de seu relacionamento com o conteúdo proposicional, de forma a avaliar o seu valor de verdade.

Assumimos para o modelo de análise dos marcadores modalizadores as duas formas de modalização comumente adotadas na descrição de fenômenos da interação: a **epistêmica**, a **deôntica** e adotamos *a priori*, também, a modalização **afetiva** (Castilho, 1992b:223; Koch, 1993:74).

A modalização epistêmica revela a atitude do falante em relação às condições de verdade do enunciado. Do domínio das expressões epistêmicas fazem parte construções como *eu sei que P, (do ponto de vista X) eu acho que P, é provável que P*. Os **modalizadores epistêmicos** compreendem três subgrupos: os **asseverativos**, os **quase-asseverativos** e os **delimitadores**.

Os **modalizadores epistêmicos asseverativos** indicam que o falante toma o escopo da proposição inerente ao enunciado e afirma - aqui, através do MC - que as suas propriedades são verdadeiras (*na verdade, naturalmente, sem dúvida: natürlich, zweifellos, logischerweise*). Os **modalizadores epistêmicos quase-asseverativos** indicam uma insegurança do falante em relação à validade de P (*é possível que, talvez, quem sabe; vielleicht, ich bin nicht sicher, vermutlich*).

Os **delimitadores** (assim chamados por Castilho 1992b) são também conhecidos como *hedges*¹⁹, ou quase-modais, uma vez que delimitam, circunscrevem, limitam o ponto de vista sob o qual P pode ser considerada correta. Dentre este grupo de marcadores, destacam-se as expressões delimitadoras *praticamente, em termos gerais,*

¹⁹ Lakoff (1972) *apud* Castilho in Hilari *et alii* (1992:222)

de certa forma, em português, e *grundsätzlich, praktisch, in erster Linie*, em alemão, e os modalizadores de domínio, tais como *tecnicamente, geograficamente, cientificamente, em termos científicos*, em português, e *wissenschaftlich, biologisch, gefühlsmäßig, juristisch gesehen*, em alemão.

Os **modalizadores deônticos** indicam que o conteúdo de P deve ocorrer obrigatoriamente. De seu domínio fazem parte as noções de: obrigatório, proibido, ordenado, permitido, facultativo e indiferente. Exemplos disso são os marcadores *obrigatoriamente, necessariamente, é preciso, é necessário, você precisa entender que...*, em português, e *darf ich eine Frage stellen, ... sollte man sagen, sie müssen verstehen*, em alemão.

Por último, temos **modalizadores afetivos**, que indicam alguma reação emotiva do falante diante do conteúdo proposicional, predicam concomitantemente o referente da enunciação e o falante/interlocutor (*felizmente, é curioso que, sinceramente; glücklicherweise, erfreulicherweise, bedauerlicherweise, ich bedaure daß...*).

Resumidamente, uma vez verificado o *status* de marcadores dos modalizadores, deverá ser levado em conta o seguinte questionamento a seu respeito:

1. Que tipo de modalização (epistêmica, deôntica, afetiva) é introduzida pelo Mmod?
2. Há articuladores acompanhando os Mmod? Que tipo de articuladores os acompanham (adversativos, conclusivos, de continuidade tópica) e qual a sua função na co-ocorrência com os mesmos? O mesmo esquema pode ser observado em ambas as línguas?
3. Há co-ocorrência com outros modalizadores? A co-ocorrência com outros Mmods de classe modalizadora diferente (p.ex. asseverativo + quase-asseverativo, *eu acho que com certeza; ich glaube eben*) produz que efeito de sentido (atenuação, intensificação)?
4. Que efeito de sentido do deslocamento do padrão de ordenação dos Mmods nas UD's (posições 1 e 2) produz em ambas as línguas?

5. Que funções desempenham os Mmods utilizados de forma exclusivamente responsiva (*certo, pronto, isso, correto; eben, doch, sicher, allerdings*)?

Quadro 3: Marcadores modalizadores		Ocorrências em alemão
	Ocorrências em português	naturlich, selbstverständlich, sicher, sicherlich, überhaupt, tatsächlich, unbedingt, wirklich, zweifellos, das kann man zweifellos sagen, darüber dürfte eigentlich kein Zweifel bestehen, darüber ist kein Zweifel, ich weiß... aber, die Tatsache daß..., das ist klar, sicherlich, es ist richtig, sehr richtig, eben, sie sehen also, keinesfalls, in keiner Weise, aber (wirklich), auch (vor allem), ja wohl (auch), (zweifellos) doch, eben, eben (so), eigentlich, einfach, (auch) einmal, genau, immerhin, ja, ja (respuesta), schon, sowieso, jawohl
Asseverativos	a verdade é esta, sem dúvida, evidente que, evidente, óbvio, é óbvio que, na verdade, isso é verdade mesmo, a verdade é esta, realmente, evidentemente, naturalmente, certamente, lógico porfórito, exato, pronto, na realidade	anscheinend, möglicherweise, scheint mir also, scheint mir, mir scheint eben daß..., und das scheint mir, scheint also, vielleicht mag es darauf zurückzuführen sein daß..., vielleicht ist es möglich also, vielleicht, wahrscheinlich, wohl, glaub ich, ich glaube, aber ich glaube, (glaube ich), ich meine, meines Erachtens, ich bin nur de Meinung, meiner Ansicht nach, jedenfalls
Epistémicos	acho que, eu acho, mas eu acho também, de maneira que eu suponho que, eu suponho que, eu acho provável isso, provavelmente, eu acredito que, creio, é o que eu penso, acredito que, quem sabe, suponho que talvez, não sei, talvez, mas talvez assim, sei lá, me parece que, digamos assim, eu vejo muito assim, eu considero, eu tenho a impressão seguinte	auf alle Fälle, zu einem großen Teil, im Grunde, grundsätzlich, hauptsächlich, im allgemeinen, im übrigen, irgendwie, in vielen Fällen, in erster Linie, schon... aber, im ganzen, im großen, vor allem, ganz allgemein gesprochen, biologisch, theoretisch, wissenschaftlich
Delimitadores	em termos de..., de certa maneira, basicamente, fundamentalmente, normalmente, geralmente, pessoalmente, numa certa medida, de certa forma, numa certa situação, assim em termos gerais, geograficamente, biologicamente, politicamente falando, teoricamente	und etwas was betont werden muß, wir müssen hier etwas erklären, und wir müssen festhalten daß..., aber ich muß da dem eigentlich entgegenhalten daß..., ich muß da noch etne Gegenfrage stellen, muß ich nur noch ganz kurz sagen, ich muß (besser) sagen, und da muß man erinnern daß..., da muß ich sie unterbrechen, (während) man ja doch feststellen muß daß, andererseits muß man sagen daß, und man muß vor allem darauf bodacht sein daß, wenn ich schon wieder was sagen soll, und dazu ist unbedingt notwendig daß, es ist notwendig
Debênticos	mas precisa ver..., é preciso ver que, eu devo assinalar, mas aí você tem que ver, tem que ver que	
Aferivos	infelizmente, isso é terrível, eu acho muito desagradável, foi	das ist um so bedauerlicher, leider, mißlich

Uma análise detalhada sobre descriptiva

3. - Análise

3.1 Apresentação do corpus: a tipologia dos textos analisados

A análise comparativa, aqui realizada, baseia-se em estudo feito por amostragem de um corpus de três entrevistas em língua portuguesa e de quatro discussões em alemão.

As conversações que formam o corpus em língua alemã são procedentes do Projeto *Freiburger Korpus*⁵⁰:

Quadro 4

Nº. da Discussão	FK-334	FK-573	FK-577	FK-568
Bobina	164	212	213	211
Duração	36 min 40 seg	25 min 10 seg	29 min 45 seg	37 min 30 seg
Data do Registro	24.5.1970	17.6.71	15.7.71	21.6.71
Título-Tema	Doentes mentais são encadeados de nossa sociedade?	Política cultural no exterior. Mas como?	Sexo antes do casamento	Moral 71. Por Exemplo: Aborto.
Número de Participantes e dados sociais dos falantes	4: M: moderador; L1: Prof. Schulte (diretor da clínica neurológica da Universidade de Tübingen); L2: Prof. Müller, presidente da Grupo de Estudos Federal dos Mantenedores de Hospitais Psiquiátricos; L3: Frank Fischer	5: L1: Hans-Georg Seltzer; Walter Höllerer (moderador); L2: Claus Schulz; L3: Albert Wasener e L4: Karl-Ernst Hüdepohl	9: L1: Hildegard Hachenburg; Corinna Hauswedell; M: Gerhard Adler (moderador); L2: Jürgen Messing; L3: Rudolf Müller; L4: Anton Andreas Gaa; L5: Erwin Utters; L6: Peter Wien e L6: Hackmann; Lf. Lm e L?	7: + público participante; R: Repórter; M: Professor Dr. Paul Matusek (moderador); L1: Dr. Müller-Emmert (representante da Comissão do Código de Penas do Parlamento Alemão); L2: Sr. Losotz (Procurador do Estado da Bavária); L3: Dr. Runge; L4: Dr. Brandenburg (médico em Osnabrück); L5: Professor Dr. Heer (Viena); L?: participantes do público

⁵⁰ OS, 1974.

As entrevistas que formam o corpus em português brasileiro (PB) são do Projeto NURC-SP⁵¹:

Quadro 5

Inquérito	D2SP-343	D2SP-255	D2SP-333
Bobina	130	95	145
Nº. dos informantes	441 e 442	303 e 304	502 e 503
Duração	80 minutos	82 minutos	75 minutos
Data do Registro	15/03/76	19/11/74	19/11/76
Temas	A cidade, o comércio	Transportes, viagens, cinema, televisão, rádio e teatro, os meios de comunicação e difusão, a cidade e o comércio	Vestuário e diversões
Faixa etária	1ª	2ª	3ª
Sexo	masculino x feminino	masculino x masculino	masculino x feminino

3.1.1 Quadro tipológico comparativo dos diálogos

Para proceder a uma análise mais adequada, foi feito um levantamento das categorias comunicativo-pragmáticas dos corpóra, segundo o modelo de Henne & Rehbock (1982), a fim de detectar elementos que pudessem gerar conflito durante a análise. No quadro a seguir, uma adaptação do modelo citado acima, transcrevemos as principais categorias postas em contraste, a fim de verificar que elementos demonstram a processabilidade da comparação dos corpóra e de evidenciar as possíveis diferenças, resultantes de condições dialógicas distintas.

⁵¹ Castilho, 1987.

Quadro 6

Categorias comunicativo-pragmáticas da conversação ⁵²			
1. Tipologia da conversação		Alemão	Português
	1.1. conversação natural		
	1.1.1. conversação natural espontânea		X
	1.1.2. conversação natural planejada	X	X
	1.2. conversação ficcional		
	1.3. conversação encenada		
2. Relação de tempo-espaco (contexto situacional)	2.1. comunicação de proximidade: temporalmente simultânea e espacialmente próxima (face-a-face)	X	X
	2.2. comunicação à distância: temporalmente simultânea e espacialmente distanciada		
3. Constelação dos falantes entre si	3.1. conversação interpessoal diádica		X
	3.2. conversação em grupo		
	3.2.1. em pequeno grupo		X
	3.2.2. em grande grupo	X	
4. Grau de publicidade	4.1. privado		X
	4.2. não-público		
	4.3. semi-público		X
	4.4. público	X	
5. Relação social dos falantes	5.1. relação simétrica		X
	5.2. relação assimétrica		
	5.2.1. antropológicamente condicionada		
	5.2.2. socioculturalmente condicionada		
	5.2.3. condicionada por especialidade técnica e especificidade temática	X	
5.2.4. condicionada pela estrutura dialógica	X	X	
6. Dimensões da ação comunicativa	6.1. diretiva		
	6.2. narrativa		X
	6.3. discursiva		
	6.3.1. cotidiana	X	X
	6.3.2. científica	X	
7. Grau de conhecimento entre os falantes	7.1. amigos		
	7.2. bastante conhecidos		X
	7.3. conhecidos		X
	7.4. ligeiramente conhecidos	X	
	7.5. desconhecidos	X	
8. Grau de planejamento temático dos falantes	8.1. não preparado		X
	8.2. preparado rotineiramente	X	X
	8.3. especialmente preparado	X	
9. Fixidez temática da conversação	9.1. sem fixidez temática		X
	9.2. núcleo temático fixado	X	X
	9.3. tema altamente fixo	X	

⁵² (Henne und Rehbock, 1982:32-33)

3.1.1.1 Prós e contras da análise comparativa dos *córpora*

O levantamento feito através do quadro apresentado no quadro (6) demonstra que, dentre os nove níveis de categorias, há sete pontos de semelhanças entre os *córpora* das duas línguas e somente em dois destes pontos há uma ou mais desigualdades nas categorias que compõem a formação discursiva das entrevistas do PB e das conversações do alemão.

As semelhanças se estabelecem em (1), na tipologia da conversação, embora em PB possa ser detectado um maior grau de espontaneidade, promovido pelo caráter semi-privado das entrevistas. Em (2), há semelhanças, dado que em ambas as línguas a comunicação é face-a-face. A relação social dos falantes, em ambas as línguas, está condicionada pela estrutura dialógica (5.2.4). Apesar disso, diferenciam-se, em parte, entre si (5.2.3) pela especialidade técnica e especificidade temática das discussões em alemão e por (5.1) uma relação mais simétrica em português, dado o caráter /+público/ de uma e /+privado/ de outra.

Em (6), a intersecção se dá no caráter /+cotidiano/ das dimensões da ação comunicativa. Diferem entre si, no entanto, por serem as conversações do alemão /+científicas/ e as de PB muitas vezes /+narrativas/. Em (8), o encontro se dá no grau de planejamento temático dos falantes, uma vez que todos são /+rotineiramente preparados/. Em português, este grau parte do /-preparado/ para o /+preparado rotineiramente/. Em alemão, este grau parte do /+preparado rotineiramente/ para o /+especialmente preparado/. O núcleo temático (9) dos *córpora* se apresenta como /+fixado/. As entrevistas do português apontam menor fixidez temática do que as do alemão, que estão centradas num tema núcleo que funciona como a base da discussão.

As desigualdades detectáveis na constelação dialógica (3) dos falantes entre si; as diferenças no grau de publicidade das conversações (4) e o grau de conhecimento entre os falantes influenciam de alguma forma as categorias acima, ou seja, o número desigual de falantes e o caráter /+ ou - público/ são elementos que interferem na produção oral

dos falantes, e isto não pode ser desconsiderado aqui. Desta forma, as diferenças no uso dos MCs geradas pela influência destas condições serão ressaltadas à medida que forem encontradas durante a análise dos corpóra.

Outro fator que salta aos olhos do pesquisador é a temática abordada nas duas línguas em questão. Elas diferem, intrinsecamente, no que se refere a questões de argumentatividade inerentes a cada uma delas. Os textos aqui apresentados são um recorte do contexto social de ambas as culturas durante os primeiros anos da década de 70. Enquanto a Europa "festejava" uma maior abertura no que se refere a questões como sexo e política, entre outras questões relevantes, o Brasil estava submetido ao domínio ditatorial do regime militar, representando, naqueles anos, o auge de sua opressão intelectual. Daí o fato de que as entrevistas do Projeto NURC não contenham elementos que demarquem maiores questionamentos em relação a temas tabu para a época, tal como as questões de direitos sociais e política. Estes fatores, gerados pelo contexto social, devem ter influenciado de forma decisiva a produção linguística dos falantes do português. As marcas do silêncio, das reticências e das informações "entre-linhas" estariam, assim, nitidamente presentes no discurso produzido naquela época no Brasil. Isso, em parte, explica a escolha dos temas "discutidos" nas entrevistas do NURC.

É importante ressaltar que, face a esta tipologia dos corpóra, o trabalho comparativo a que nos propomos em relação às ocorrências de MCs é orientado por dois níveis: 1) a **comparação por semelhanças** no nível pragmático e, quando possível, no nível gramatical e sua relação com o primeiro, e 2) a **comparação por diferenças** encontradas nos mesmos níveis citados a fim de verificar que elementos poderiam estar influenciando esta ou aquela escolha das marcas por nós estudadas. Somente através da confrontação destes dois níveis de comparação é que a análise pode ser, a nosso ver, efetivamente válida. Afinal, não se trata, aqui, de fazer um estudo de duas línguas em contato, nem de um estudo sobre falantes de língua estrangeira, onde tal análise se realizaria num plano **intercultural** (um brasileiro falando alemão, ou um alemão falando português). Diferentemente, este trabalho propõe-se a um estudo **bicultural**, ou seja, da análise de duas línguas estudadas isoladamente.

3.1.2 Normas para transcrição dos corpóra

Nos quadros (8) e (9) a seguir, encontramos as normas de transcrição adotadas neste estudo. Algumas modificações foram efetuadas no que se refere ao corpús do alemão, tal como a notação das siglas dos falantes. A notação sobre a origem dos exemplos transcritos está submetida aos seguintes critérios:

- (a) Português: ex. (D2-334:123-128) = entrevista 334 (n.º da bobina) do NURC-SP do tipo diálogo entre dois falantes, linhas de 123 a 128;
- (b) Alemão: ex. (FK-577, p. 297) = conversação 577 (n.º da bobina) do *Freiburger Korpus*, página 297 da transcrição original do corpús. A transcrição em alemão não prevê número de linhas.

Quadro 7

NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO DO CORPUS EM PORTUGUÊS⁸³

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Incompreensões de palavras ou segmentos	()	do nível de renda... () nível de renda nominal....
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	e comé/ e reinicia
Entonação enfática	maiúscula	porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s.r)	:::podendo aumentar para ::: ou mais	ao emprestarem os... êh::: ... o dinheiro
Silabação	-	por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	e o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	são três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((maiúscula))	((tossiu))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição: desvio temático	-- --	... a demanda da moeda – vamos dar essa notação – demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes	ligando as linhas	A. na casa da sua irmã B. sexta-feira? A. fizeram lá... B. cozinham lá?
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação	" "	Pedro Lima... ah escreve na ocasião... "O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREIRA entre nós"...

⁸³ Modelo de transcrição segundo o Projeto NURC. Exemplos retirados dos inquiridos NURC/SP n.º EF e D2-SP-338 (cf. Preti, 1993)

NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO DO CORPUS EM ALEMÃO⁵⁴

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Elementos não lexicalizados, indiadadores de algum tipo de articulação ou fragmento de palavra	+g+	und der Irrtum so vieler junger Burschen glaub +g+ ist der
Sinais de pausa	+p+	+g+ ,+ wenn man +g+ heute +g+ sehr +p+ deutlich die Veröffentlichungen liest
Correções ou frase de formulação irregular	/	/ ich würde nun die Frage stellen +p+ etwas ft-formalhaft s+ kann man die Berechtigung zum Geschlechtsverkehr an die +g+ und die üblichen Vorformen noch an die Eheschließung binden ? +s
Entonação enfática	:	ich habe gro: ßes Mitloiid mit ihnen mit vielen ,+ weil sie nämlich die Erotik überhaupt nicht erleben +. .
Incompreensão de palavras ou segmentos	...	/ das weist ja zurück auf die +g+ den Anfang unseres Jahrhunderts durch diese ... sogenannte z+ Glas-Wasser-Theorie +z
Sigla de falante não identificado ⁵⁵	L?	L? (nee +f) (+ nee +f)
Sigla de falante não identificado do sexo masculino	Lm	Lm (ja)
Sigla de falante não identificado do sexo feminino	Lf	Lm eben
Oração subordinada acompanhada de conjunção ou pronomo relativo	,+ +.	/ (ja) aber ich muß da +g+ da dem eigentlich entgegenhalten ,+ +g+ daß das natürlich Ergebnisse sind +. .
Oração subordinada sem pronomo relativo ou conjunção	s+ +s	das heißt s+ sie haben schon siebzehn Jahre lang in einer bestimmten Umgebung gelernt ,+ +g+ welche Rolle sie eigentlich zu vertreten haben +. +s .
Oração reduzida de infinitivo	it+ +i	/ und it+ von da aus jetzt zurückzu+g+ schließen auf +g+ Anlagen +i denn das ist es ja ,+ was man man man macht im Grunde ja +. ,+ wenn man sagt von Natur aus +. .
Sequência em dialeto ou em língua estrangeira	ft+ +f	/ +g+ ich sehe eben auch +g+ in der Tatsache ,+ +g+ daß gesellschaftliche Normen +g+ von den Jugendlichen speziell vor allem von den Mädchen ft+ internalisiert +f werden

⁵⁴ Normas de transcrição segundo o Projeto de Freiburg (*Freiburger Korpus*). Exemplos retirados do inquérito FK-577 (Os. 1974:48).

⁵⁵ A notação referente às siglas dos falantes foi adaptada ao modelo utilizado pelo Projeto NURC, uma vez que a forma presente na transcrição original do corpus é muito extensa.

Nome próprio ou citação	z+ +z	<p>a. / sie +g+ (Fräulein z+ Hausländer +z) k+ +g+ meinten vorhin</p> <p>b. ich möchte nur etwas zitieren ausnahmsweise . z+ s+ die Anstalten .+ sagte der Minister +. seien in vieler Hinsicht benachteiligt +s +z . z+ dreiundvierzig Prozent der Patienten liegen in Sälen mit mehr als fünfzig Betten +z .</p>
Superposição de vozes	k+ +k	<p>L? (...) / sie +g+ (Fräulein z+ Hausländer +z) k+ +g+ meinten vorhin</p> <p>M Hauswedel +z) (bitte) +k</p>
Oração principal embutida em uma seqüência	,+ +.	s+ und gerade aus diesem Grunde .+ scheint mir +. +g+ wird das Mädchen mit seinem ersten Liebeserlebnis +g+ unmittelbar immer den Wunsch zur Ehe verbinden
Construção parentética	()	man konstatiert in den Sexualuntersuchungen (Arbeitersexualität Studentensexualität und jetzt wohl Schulersexualität) eine deutliche Entfernung von der traditionellen Moral.
Observações do documentador	ttttt	und ,+ insofern eigentlich+g+ nur +g+ sozusagen ttttt+g+ heißt-versch +g+ die Ehemoral nur verschoben ist auf die voreheliche Zeit +. .

3.2 Análise do Córpus

3.2.1 Marcadores da gestão dos turnos

Os MCs no plano da gestão dos turnos funcionam como elementos pontualizadores da ordenação seqüencial das contribuições dos falantes. Neste nível da análise, é importante reconhecer dois papéis básicos desempenhados sob forma de intercâmbio entre os protagonistas: o *status* de falante e oposição ao *status* de ouvinte. Centrados nesta condição básica, procedemos à análise dos MCs a fim de verificar que tipo de estratégias são utilizadas pelos falantes numa e noutra língua de forma a gerenciar o evento conversacional. Daí falarmos, basicamente, de **marcadores do falante** e de **marcadores do ouvinte**. Cabe lembrar que os MCs são elementos muitas vezes multifuncionais e as ocorrências descritas nestes níveis poderão ser analisadas também nos outros planos por nós evidenciados (gestão dos turnos e modalização do discurso).

3.2.1.1 Marcadores do falante

Entre os sinais intermediários usados para a sustentação do turno, é possível encontrar elementos suprasegmentais caracterizados como marcadores, mas por nós não analisados. O aumento na tessitura da voz e os sinais extralingüísticos, tais como o olhar e o gestual, desempenham um papel bastante importante na interação verbal. Naturalmente, em cada uma de nossas línguas, o uso deste recurso é bastante distinto e revela características culturais bastante significativas, juntamente com a entonação crescente ou decrescente, que acabam, de uma maneira ou de outra, demarcando as funções aqui elencadas para os diversos marcadores: organização do turno, dos tópicos e a modalização da enunciação.

- (2) L2 ... +k . ich wollte noch ergänzen dahin ,+ daß ich sagen würde (*nich wahr*) +g+⁵⁴
 +.s+ ,+ was mißlich ist +. ist ,+ daß also innerhalb des Apparates
 Lm +g+
 L2 sich zu viele um die Ausführung um das Detail kümmern +. +s .⁵⁷
 (FK-573, p.299)

Existem muitas formas lexicalizadas, que, apesar de seu uso indicar alguma espécie de modalização, na verdade, são utilizadas pelos falantes a fim de preencher pausas durante a formulação. É o caso de marcadores como *em termos gerais, de uma certa forma, basicamente, na realidade, simplesmente* no português e *sozusagen, tatsächlich, überhaupt, zunächst ja, zunächst mal, zunächst völlig, natürlich, sicherlich, eigentlich*, entre outras, no alemão. Muitas vezes, é difícil reconhecer o caráter de marcador destas formas, uma vez que parecem estar (ou estão mesmo) presas à força ilocutiva do enunciado. Mas é indiscutível este uso, se observarmos o baixo grau de força semântica que algumas destas formas apresentam, como no exemplo abaixo:

- (3) L2 ah sim... a menos que alguém interrompa o processo
 {
 L1 então se você tem de... então *basicamente*
 L2 né? que senão vai continuar
 |
 L1 não muda por exemplo... se você tem uma Idade Média
 (D2SP-343:1208-1211)

Outras formas parecem continuar carregando esta força modalizadora, mas a sua ocorrência em pares revela o seu papel de preenchimento da formulação em curso, como no exemplo que segue:

- (4) L5 wir haben zweifellos *natürlich* hier +g+ Auswirkungen *eigentlich* +g+ *gerade* +g+
 von dieser+g+Auffassung her +g+s+ Sexualität habe nur in der Ehe statt/ufinden+s .⁵⁸
 (FK-577, p.321)

⁵⁴ É importante verificar que a notação +g+ indica processos de formulação e reformulação não lexicalizados na transcrição do corpus do alemão, já que não era uma preocupação do projeto, naquele momento. No entanto, seguindo a própria instrução do código de transcrição proposto, podemos reconhecer estas marcas como marcadores do falante ou do ouvinte, de acordo com o contexto em que estão inseridas.

⁵⁷ L2... eu gostaria ainda de acrescentar, que eu diria (não é verdade?) ... o que é desagradável é... é... que *então* dentro da máquina / Lm: (...) / L2: que muitos se preocupam com a aparência e com detalhes.

⁵⁸ L5: nós temos aqui *sem dúvida naturalmente* conseqüências [que vêm] *na verdade justamente* dessa concepção de que a sexualidade possa se realizar somente no casamento.

3.2.1.1.1.1 Sustentação baseada na verificação intermediária

Uma forma de ganhar tempo na formulação é verificar se o ouvinte está acompanhando o que está sendo dito. No corpus do português foram, ainda, encontradas as seguintes ocorrências: *entende?*; *sabe?*; *né?*; *okay?*; *certo?*; *tá?*; *assim, sabe?*; *voce está entendendo, né?*; *não é?*; *não é mesmo?*; *correto?*; *voce entendeu?*.

- (5) L2 você comunica diferentes pontos da cidade quando você:
...sabe? faz com que pessoas que: antes teriam acesso
ou mais difícil ou não teriam... de um ponto para outro
(D2SP-343:430-432)
- (6) M (ja) es gibt +g+ doch Fälle (nicht wahr ?) .+ wenn zum Beispiel die Mutter ihr
Kind ablehnt +, dann ist da sicherlich nicht der richtige Ort i+ um +g+ von einem
Schutz des werdenden Lebens zu sprechen +i .⁹⁹
(FK-568-, p.385)

3.2.1.1.1.2 Sustentação lexicalizada baseada na dúvida

Durante o processamento da informação a ser realizada no plano oral, muitas vezes o falante não tem certeza se a escolha efetuada é a mais adequada para produzir o efeito desejado no ouvinte, daí termos elementos que traduzem esta insegurança, expressa através de marcadores de sustentação da formulação baseada na dúvida.

- (7) L1 crescimento... o Brasil diz-se basicamente
subdesenvolvido e diz-se também que ele está crescendo...
se desenvolvendo... parece que está saindo de uma...
condição de subdesenvolvimento para chegar sei lá numa
de desenvolvido... okay?...
(D2SP-343:499-503)
- (8) L5 (...) und gerade aus diesem Grunde .+ scheint mir +. +g+ wird das Mädchen mit
seinem ersten Liebeserlebnis +g+ unmittelbar immer den Wunsch zur Ehe verbinden
i+ um damit +g+ sozusagen die +g+ (+g+-heißt-Schul) Schuldgefühle .+ die dabei
entstehen +, abzuwehren i+ +s .¹⁰⁰
(FK-577, p. 321)

⁹⁹ M: sim, há... mesmo casos (não é verdade)... quando por exemplo a mãe rejeita seu filho... então com certeza aí não é o melhor lugar para falar-se de uma proteção da vida que surge.

¹⁰⁰ L5: (...) é justamente por esta razão me parece... a mulher irá sempre imediatamente relacionar o seu primeiro encontro amoroso com o desejo de casamento e desta forma ... (digamos)... repelir os sentimentos de culpa (correção do falante)... que surgem daí.

3.2.1.1.1.3 Marcadores de reformulação

A reformulação é um recurso muito usado na oralidade. Juntamente com outras atividades conversacionais, é através dela que os falantes se corrigem, parafraseiam-se ou repetem o que foi dito (para enfatizar ou para sustentar o turno). Muitas vezes, esta atividade vem acompanhada de marcadores que servem de avisos para que o ouvinte esteja atento à reformulação do enunciado.

Destacamos, a seguir, alguns exemplos de auto-correção em português e alemão:

- (9) Doc. bem ... acho que agora nós ... gostaríamos de *falá/* que o senhor falasse um pouquinho sobre ... a cidade ... o comércio vamos dizer assim um assunto ... assim meio aberto ... vamos dizer assim ...
L2 sobre o comércio?
Doc. a cidade o comércio ...
(D2SP-255:1279-1284)
- (10) L2 Agora H. ah:: filme ... água-com-açúcar -- digamos assim -- para a gente ver certas coisas que a gente vê:: americanas principalmente ... antes *A Moreninha* né ?
(D2SP-333:779-781)
- (11) L3 (ja) / ich würde + k ich würde auch sagen , + daß es daß + g + hinkommt + . . / und ich meine , + daß hier natürlich ne große Rolle die + g + (sagen wir mal) gesellschaftliche Befreiung der Sexualität der letzten zehn Jahre wirklich ne große Rolle spielt + . .⁶¹
(FK-577. p. 324-325)
- (12) L5 ich möchte noch mal zurückkommen auf + g +. D die Legitimierung also Rechtfertigung und gleichzeitig Begrenzung der + p + Sexualität auf die Ehe .⁶²
(FK-577. p. 325)

É importante notar, ainda, que muitas vezes as mesmas formas encontradas desempenham o papel de marcadores de correção imediata do dito na unidade

⁶¹ eu diria eu diria também que que _{isso} é assim e eu acho que aqui naturalmente um grande papel _{a_{isso}} (digamos assim) liberação social da sexualidade nos últimos anos com certeza desempenha um grande papel.

⁶² eu gostaria mais uma vez de voltar à _{isso} legitimação _{isso} afirmação e ao mesmo tempo limitação da sexualidade no casamento.

conversacional. No entanto, as mesmas marcas denunciam correções no plano da organização dos tópicos, da qual falaremos mais adiante.

3.2.1.1.2 Marcadores finais de entrega do turno

A interação verbal é negociada a todo instante pelos interlocutores. Desta forma, podemos dizer que há movimentos interacionais na construção do diálogo. Estes movimentos são evidenciados pela presença de marcas que indicam a entrega ou a tomada de turno pelos interlocutores. Analisamos, a seguir, algumas destas marcas que, por excelência, representam bem a classe dos marcadores conversacionais, uma vez que se qualificam como as mais recorrentes, tanto em português como em alemão.

3.2.1.1.2.1 Marcadores finais de entrega de turno requerida

Os marcadores de entrega de turno localizam-se comumente no final da unidade conversacional, denunciando a intenção do falante em passar a vez da fala para o seu interlocutor. Em português, podemos encontrar marcas como *nê?*, *certo?*, *tá?*, *sabe?*, *você não acha?*, *não é?*, *ou não?*, *então...*, *por favor e diga*. Em alemão, encontramos elementos como *also...*, *nicht wahr?*, *nicht?*, *glaube ich, ja?*, *ja, darf ich Sie bitten?* e *bitte*.

Vejamos alguns exemplos:

- (13) L2 não pode haver uma codificação ... num país assim não é?
L1 mas é por isso que eu digo a a às vezes a gente diz
"bom esses artistas deviam de cursar ... a a Escola de
Arte Dramática" ... a maioria dos bons artistas que
nós temos hoje na televisão cursou
escola de arte dramática
(D2SP-333:144-149)
- (14) Doc. a localização da escola ... no centro da cidade ... né? os
alunos ... ahn ... moram aqui perto ... ou não?
L1 (segue a resposta de L1)
(D2SP-255:1393-1395)

- (15) L3 (ja) / ich meine s+ ich kann das ich kann das schlecht für ne große Gruppe sagen +s .
 aber ich ich glaube schon ,+ daß daß die +g+ Bereitschaft vorhanden ist +. i+ dem
 Mädchen hier die gleiche Rolle und eine (ja) +g+ entsprechende Rolle eben in der
 Sexualität +g+ zu überlassen +i (ja)+.
 M sie sind Erziehungswissenschaftler . wie sind da die Ergebnisse etwa ?.⁶³
 (FK-577.p.316)

3.2.1.1.2.2 Marcadores finais de entrega consentida

No exemplo (16), vemos como o falante L2 parece, inicialmente, consentir na entrega do turno, utilizando o marcador *nicht?*, como que verificando a reação do ouvinte e deixando-o falar, mas, logo em seguida, L2 retoma a sua fala após alguns turnos inseridos, causados pela sua deixa, e o faz, também usando outro marcador *wenn ich vielleicht noch schnell...*

- (16) L2 /,+ wenn Frauen .+ die sich hier gemeldet haben und bekanntgegeben haben +. .+ daß
 sie eine Abtreibung begangen hätten +. ,überführt werden in einer Hauptverhandlung
 .+ wenn es also dem +g+ (ttttt+g+-heißt-Richt Gericht der Nachweis als ausreichend
 scheint +. wird das Gericht eine Strafe aussprechen müssen
 M (müssen ?)
 L2 .+ wenn die Tat nicht verjährt sein sollte +. ,+ was denkbar wäre (nicht ?) +. ttttt-
 Stimmen-im-Hintergrund
 L3 darf ich eine k+ Frage stellen ? . / in den letzten
 L? ... +k
 M (Augenblick) (Augenblick)
 L2 ,+ wenn ich vielleicht noch schnell die k+ rechtlichen
 M (ja) +k
 L2 Ausführungen abschließen darf (...)⁶⁴
 (FK-568. p.377)

Frequentemente podemos observar pausas atuando como marcadores de passagem de turno consentida. Em (17), L1 parece ter concluído o seu pensamento e

⁶³ L3: (é), eu acho... eu posso eu não posso dizer isso para um grande grupo... mas eu eu já acho, que que há a disposição de conceder à jovem o mesmo papel e um (é) ...de conceder um papel correspondente justamente na sexualidade (ta) M: o senhor é pedagogo... como são assim os resultados [nessa área]?

⁶⁴ L2: se mulheres como as que se colocaram aqui ...e que divulgaram que teriam praticado um aborto fossem levadas a uma audiência... se isso servir à (correção do falante) lei como uma prova suficiente... a lei deveria proferir uma pena. / M: (deverá?) / L2: se o crime não prescrever... o que seria de se cogitar (não?) (vozes) / L3: posso fazer uma pergunta? / nos últimos... / L?... / M: (Um momento) (um momento) L2: se eu [puder] [falar] rapidinho sobre as (questões) legais / M: (sim) / L2 puder terminar de falar sobre as questões (...)

abre uma pausa para que o documentador possa fazer o movimento tópico: a introdução da seqüência “funcionamento do transporte aéreo”.

- (17) L1 a minha última viagem eu... fiz uma cobertura de::
catorze estados em dezessete dias ... de maneira que
50 nessas condições só poderia ter sido de avião realmente...
o único trecho ... não aéreo em todo percurso foi um
trecho ... Fortaleza-Teresina ... feito ... durante a
madrugada ... de maneira que o avião acaba sendo o meio
de transporte ... único possível nas atuais circunstâncias
55 mas também o preferido por mim... eu realmente... talvez
pela circunstância em que viajo ... venha a preferir o
avião sobre outro meio ...
Doc. com respeito a ... ao transporte ... aéreo vamos dizer
propriamente dito ... nós gostaríamos que o senhor nos
60 descrevesse ... o ... o atendimento o funcionamento
vamos dizer do ...

(D2SP-255)

A presença de um moderador nas interações em alemão denuncia marcas características da situação formal. É o que demonstra o exemplo abaixo, onde o moderador coordena o movimento entre os turnos.

- (18) M / (vielen Dank) +k k+ die nächste Dame (bitte)⁵⁵

(FK-568, p.389)

3.2.1.2 Marcadores do ouvinte

3.2.1.2.1 Marcadores de sustentação do falante

3.2.1.2.1.1 Marcadores de reforço

Das regras de polidez na produção do discurso interacional fazem parte os marcadores de reforço do ouvinte. Sua função é a de demonstrar que está acompanhando o que o falante diz, permite-lhe, assim, que este detenha o turno. Naturalmente estas marcas são curtas, muitas vezes duplicadas (*ahn ahn, uhn uhn, isso*

⁵⁵ M: / (muito obrigado) ... a próxima senhora (por favor)

isso; ja ja, eben eben, aha aha); já que procuram não interromper o raciocínio do falante.

- (19) L1 mas não em termos de terapia em termos... a terapia é um
veículo de solução do problema no caso certo
L2 uhn uhn
L1 problema emocional para a cidade seria... saneamento...
despoluição... seria analogia de terapia com o indivíduo...
você entendeu?... acho que eu estou comparando um:
um:: um um macro com um micro...
(D2SP-343:218-223)

- (20) L3 kleine Zwischenfrage wie stehen sie zu der Tatsache ? (...). k+ finden
L4 (ja) +k
L3 sie das verantwortlich ? .
L4 +g+ das würde ich damit erklären +g+ ,+ daß (...) ⁶⁶
(FK-568, p.374)

- (21) M (ja) wir haben jetzt nur das: +k negative Bild mitgezeigt . + daß da +g+ dem
gegenüber auch sehr positive Beispiele gestellt werden können +. ist ganz klar .
L2 k+ (ja)
M aber +k leider +g+ ist auch ein derartiger Saal oben keine +p+ absolute Ausnahme .
L2 das wollte ich grade sagen . s+ fünfzig Prozent . +g+ schätze ich +. unsrer
Krankenabteilungen (...) ⁶⁷
(FK-334, p.142)

3.2.1.2.1.2 Marcadores de concordância

Outra forma de referendar o que o falante diz, encorajando-o a permanecer na posse do turno, se faz através do uso de marcas como *sim, claro, ve::rto, i::sso, é isso aí, tá, ah sim* em português e *ja, eben, sicher, selbstverständlich, das ist richtig, genau, ja ja, ja ja eben, das meine ich, gut e jawohl* em alemão.

- (22) L1 me esqueci o nome da da coreógrafa em que apresenta
os Aládia Centenário ...
L2 uhn
L1 da da Tupi ... é Aládia Centenário e o João Carlos
Berarti é o da::
(D2SP-333:374-378)

⁶⁶ I.3: uma pequena pergunta... qual a sua posição a respeito do fato? (...) acha / L4: (sim) / L3: o senhor (acha que) isso é justificável?... / L4: eu poderia explicar dizendo que (...).

⁶⁷ M: (sim) nós mostramos até agora somente o lado negativo... que aí... em contrapartida há também exemplos muito positivos que podem ser contrapostos, é claro. / L2: (sim) / M: mas infelizmente uma sala assim também não é com certeza nenhuma exceção absoluta. / L2: era isso que eu justamente queria dizer... cinquenta por cento ...eu acho... de nossas seções de doentes (...)

- (23) L1 (ja) , das ist das Ergebnis +g+ doch unserer Planungsuntersuchungen (nich ?)
 Lm +g+ ⁶⁸
 (FK-573, p.295)

3.2.1.2.1.3 Marcadores de aviso

Uma forma de atenuar a interrupção por parte do ouvinte realiza-se no recurso de “avisar” o locutor em questão de que ele como ouvinte irá a qualquer momento tomar a palavra. Formas como *eh::, olha, por exemplo, oh, mas, acho que, não, bom, é o seguinte, eu vejo assim, sim tudo bem, ah... mas, então... mas, agora, não sei, é mas, espera aí, posso?* e *Augenblick, Moment, ja, darf ich?* são as mais recorrentes no *cópus*.

- (24) L2 o que eu Acho... assim...
 L1 por exemplo
 |
 L2 ahn
 L1 você acha que um indivíduo... tendo trabalho ou não tendo trabalho é... é a mesma coisa?... você não acha que um indivíduo que tem onde trabalhar:... e ganha melhor ele não está... emocionalmente melhor que um indivíduo que não tem onde trabalhar e:... et cetera?... você acha que não?
 (D2SP-343:541-549)
- (25) L4 (...) und diese Prioritätenfestsetzung
 Lm (ja) (darf ich vielleicht ...?) +k
 L4 die scheitert eben leider Gottes immer wieder daran ,+ daß (...) ⁶⁹
 (FK-573, p.300)

3.2.1.2.1.4 Marcadores de pedido de esclarecimentos (verificação)

Os marcadores de pedido de esclarecimento ou verificação do dito, tais como *oi?, como?, ahn?, hein?, opa?* e *wie bitte?, was?, ahn?*, tratam-se de recursos simples

⁶⁸ L1: (sim)... este é certamente o resultado de nossas avaliações de planejamento (né?) / Lm: uhn.

⁶⁹ L4: (...) e essa definição de prioridades / Lm: (sim) (posso talvez...?) / L4: ela falha sempre [infelizmente] meu Deus porque (...)

para obter uma paráfrase ou qualquer outro tipo de reformulação do que foi enunciado pelo falante.

- (26) L1 de:: tipo... morrer grande parte da população e o resto continuar vivo... então poderia surgir uma solução do tipo todos se arrebetarem ao mesmo tempo...
 Doc. no penhasco né?
 []
 L2 para a sobrevivência da raça né?
 L1 ahn?
 Doc. no penhasco... em vez do mar... quer dizer uma outra solução eles achariam...
 L1 não eu estou dizendo que... seria fácil o pifar a solução deles que é um sistema simples... para o no::sso por ser um sistema mais complicado
 (D2SP-343:1658-1668)
- (27) L4 / aber woher sollen sie + k das wissen? + g +
 L1 (wer?) +
 L4 / woher sollen das die jungen Frauen wissen? , + wenn sie die Erziehung bedenken, , + nach der heute + g + immer noch Kinder erzogen werden sexualfeindlich¹⁰
 (FK-573, p. 321)

A repetição de um elemento chave muitas vezes desempenha este papel de verificação, como é o caso da ocorrência abaixo, onde o verbo modal *müssen* (*dever, ser necessário*) é repetido de forma interrogativa.

- (28) L2 / ,+ wenn Frauen ,+ die sich hier gemeldet haben und bekanntge-geben haben + ,+ daß sie eine Abtreibung begangen hätten + , überführt werden in einer Hauptverhandlung + ,+ wenn es also dem +g+ tttttt-+g+-heißl-Richt Gericht der Nachweis als ausreichend erscheint + , wird das Gericht eine Strafe aussprechen müssen
 M (müssen ?)
 L2 ,+ wenn die Tat nicht verjährt sein sollte + ,+ was denkbar wäre (nicht ?) + , tttttt-Stimmen-im-Hintergrund¹¹
 (FK-568, p.376)

3.2.1.2.2 Estratégias de tomada e assalto ao turno

A distribuição dos turnos durante o evento interacional é negociada constantemente. Daí serem necessários mecanismos que pontuem as trocas, de forma a

¹⁰ L4: / mas como elas vão saber disso? / L1: quem? / L4: / como as jovens podem saber disso? ... se o senhor levar em consideração a educação hoje cada vez mais as crianças são educadas de maneira hostil ao sexo.

¹¹ L2: / se mulheres como as que se colocaram aqui ... e que divulgaram que teriam praticado um aborto fossem levadas a uma audiência... se isso servir à (correção do falante) lei como uma prova suficiente... a lei deverá proferir uma pena. / M: (deverá?) / L2: se o crume não prescrever... o que surta de se cogitar (não?) (vozes)

que sejam respeitadas as máximas de polidez de que fala Grice (1975). Os marcadores aqui utilizados trazem consigo a força ilocutiva e a força retórica como elementos importantes para a negociação do tema abordado no evento conversacional. Observando o exemplo abaixo, nota-se o conflito na distribuição dos turnos, quando muitos falantes tentam tomar o turno usando vários recursos conversacionais.

- (29) L1 (...) und .+ daß nun nicht noch eine dritte schwerfällige dritter schwerfälliger Apparat k+ geschaffen werden muß +. .
 M / (ja) schwerfällig soll er nich sein
 Lm (nein) soll er nich sein im Gegenteil im Gegenteil
 Lm (sehr richtig) .
 Lm aber sie haben den ... vergessen
 Lm (ja) (ja) (eben)
 L1 ich habe meine Erfahrung mit dieser Art der Apparate .
 M / aber ich glaube s+ schwerfälliger als der bisheriger +k könnte er gar nicht werden schwerfälliger als der bisherige +s .
 L2 / +g+ denn sonst ist ja nie auszu+g+schließen . + daß beispielsweise (nicht wahr ?) daß +g+ die Kulturabteilung zum Teil auch i+ um sich seiner Haut zu wehren gegenüber den Mittlerorganisationen +i eine gegen die andere ein bißchen ausspielt: +. . / (nicht ?) das is nie nie von der k+ Hand zu weisen
 M (wir müssen) (ja) +k
 L2 wenn sie nicht so ein ein k+ Koordinierung .⁷²

(FK-573, p.303-304)

Neste exemplo, comenta-se a respeito do momento no qual começaria a vida fetal. A importância e a divergência relativas ao tema estão expressas nas inúmeras inserções, expressas, portanto, no uso incoerente de marcadores de tomada e assalto ao turno:

- (30) L1 darum geht s +k doch nicht (Herr z+ Losetz +z) . / es geht im den doch k+ darum . + wann wann die
 L2 (doch) (sie sagten s ja gerade) +k
 L1 Grenze des strafrechtlichen Schutzes zu setzen ist +. . k+ darum geht s .
 L2 (ja) +k das sagt ja k+ das Grundgesetz .
 L1 beginne ich schon +k bei der Befruchtung ? . k+ oder beginne ich bei der
 L2 (in dem Augenblick) +k
 L1 Einnistung ? . das: ist doch das Problem .
 L2 (ja) und das sagt ja das Grundgesetz . in dem Augenblick .+ in dem wir Leben vor uns haben +. ist es durch Artikel zwei geschützt . es ist ja nicht an dem .+ daß ich kein

⁷² L1: (...) e que então não deva ser criada um terceiro mais uma terceira máquina / M: / (slm) lenta ela não pode ser / Lm: (nao) não deve ser ao contrário ao contrário / Lm: (muito bem) / Lm: mas o senhor esqueceu o... / Lm: (sim) (sim) (isto) / L1: eu tenho experiência com este tipo de máquina / M: mas eu acho mais lenta que a atual não daria pra ser mais lenta que o atual / L2: porque senão pode-se concluir que ... por exemplo (não é?) ... que o departamento de cultura em parte também para salvar a sua pele contra as organizações intermediárias que ela joga uma um pouco contra a outra (né?) isso não dá não nunca para negar / M: (nos prectissimos) (sim) / L2: se o senhor não assum ... uma uma coordenação.

Verständnis hätte für die Frauen +, . ttttt-Gelächter aber ich muß sagen ,+ wie die Rechtslage ist +, . / k+ +g+ [...] ¹³

(FK-568, p.383-385)

No trecho abaixo, a negociação para a troca também parece conflituosa:

- (31) L1 [...] ... todas
as pessoas que trabalham com o Sílvia Santos os artistas
e tudo ... todas essas pessoas testemunham que ele é um::
um dos ... melhores empresários do mundo ... que ele
paga na hora paga muito bem ... e é muito bom é um::
sob (qualquer) ponto de vista ...
L2 |
| ele é uma boa pessoa ...
apenas eu lamento que não haja ... ()
L1 |
| sob o ponto de vista ... não deixa eu
dizer ...
L2 acaba ...
L1 deixa eu terminar ...
L2 depois eu tenho ()
L1 sob eu eu lamento muitas coisas mas eu estou expondo
o que se diz dele...

(D2SP-333:1076-1090)

No trecho transcrito a seguir, podemos observar a presença de marcadores conversacionais indicando a tomada e o assalto de turno. Como já anunciamos anteriormente, determinadas ocorrências acumulam funções tanto organizadoras da distribuição de turnos entre os falantes, como funções de algum tipo de modalização, como é o caso dos marcadores abaixo.

- (32) L1 ou seja... na hora que o indivíduo vai procurar... um::...
uma terapia o superego dele está levando o corpo dele...
para a tcrapia...
L2 sim tudo bem
L1 o governo levaria a cidade... () medidas restritivas
|
L2 mas... isso aí é:: é:: a:: o
sancamento para mim ((tosse)) se continuar com essa
analogia seria ((ruidos provenientes de defeito técnico
de gravação)) e você:: elimina os sintomas o que
acontece?... aparecem outros

¹³ L1: não se trata disso mesmo (senhor Losotz) ... trata-se mesmo de no... o... quando... quando o / L2 (c[er]ro) (o senhor disse agora mesmo) / L1: de estabelecer o limite do amparo penal... é disso que se trata. / L2: (sim) é isso que diz a constituição / L1: começo já no momento da concepção? ... ou começo no / L2: (no momento) / L1: acasalamento?... é esse o problema. / L2: (sim) e isso está dito na constituição... no momento em que temos a vida diante de nós... ela está protegida pelo artigo dois... não é que eu não tenha compreensão com as mulheres (risos) mas eu devo dizer qual é a situação legal.

- L1 não eu acho que você já já saiu do () você já está
 [
- L2 não eu...
- L1 ()...
- [
- L2 eu vejo assim...
- L1 () a eliminação de sintomas?
- L2 não mas... o saneamento... sabe você não vai eliminar
 causa que provocou a a poluição por exemplo... () pensar
 em termos de:: culpa coletiva por exemplo

(D2SP-343:234-251)

A análise dos MCs feita acima demonstra que, tanto em alemão como em português, os falantes fazem uso de estratégias bastante semelhantes para assumir, manter e entregar o papel de falante. Pudemos verificar, ainda, que MCs usados para o monitoramento dos turnos são elementos de pouca extensão, muitas vezes realizações de formas não lexicalizadas ou de marcas lexicais às vezes vazias de sentido, outras vezes não (*basicamente, especialmente, hauptsächlich, eben*). Cabe ressaltar, ainda, a respeito destas marcas que, sob outro ponto de vista, as mesmas podem desempenhar funções distintas, sendo, portanto, multifuncionais. Difícil, no entanto, seria caracterizar qual a função predominante, se a de organização dos turnos, dos tópicos ou como elemento modalizador do discurso. Na seção seguinte, estaremos falando a respeito de MCs como marcas da organização tópica do discurso, em cujo nível a análise do papel argumentativo inerente aos mesmos revela um caráter semântico-sintático mais evidente destas marcas.

3.2.2 Marcadores de gestão dos tópicos

A partir daqui, analisamos os MCs sob o ponto de vista da organização temática dos eventos conversacionais por nós estudados. Destacamos as funções desempenhadas por articuladores, tal como os definimos em (2.3.2) e pelos demais MCs. O recorte da análise neste plano se resume à organização dos segmentos tópicos no todo do evento (relações intertópicas), e à organização interna na ordenação das UDs constitutivas destes mesmos segmentos (relações intratópicas).

Na análise que segue, destacamos alguns trechos ou mesmo segmentos tópicos inteiros que nos servem de exemplo para expor os vários tipos de MCs no plano do monitoramento dos tópicos. Uma vez que estas ocorrências só possam ser detectadas mediante a análise de um contexto maior, é natural que uma grande variedade de marcadores vá aparecendo no contorno das UDs. Estas marcas podem ser facultativas, multifuncionais (marcadores de gestão do turno e dos tópicos ao mesmo tempo) e co-ocorrentes (articulador + marcador, articulador + articulador ou marcador + marcador). Uma análise isolada de cada um dos casos em questão parece impraticável e improdutiva, pois assim procedendo, estaríamos nos privando de fazer observações pertinentes à análise de cada um dos elementos. Desta forma, optamos por ir já introduzindo os vários tipos de marcadores, à medida que forem surgindo nas sequências selecionadas.

3.2.2.1 Marcadores na organização das unidades discursivas

Iniciamos a descrição dos exemplos encontrados no plano da organização das UDs a fim de efetuar a progressão lógico-sequencial UD → segmento tópico → quadros tópicos. Assim como ficou definido no modelo de análise (2.3.2), falamos de **marcadores paratáticos** distribuídos em duas categorias básicas: MCs de continuidade tópica linear, indicando a continuidade no plano sequencial e os MCs de continuidade

tópica hierárquica, demarcando a continuidade no plano hierárquico quando da retomada de tema interrompido. De outro lado, temos os **marcadores hipotáticos**, definidos como MCs da descontinuidade tópica linear, demarcando as margens das digressões e dos parênteses. Também por ocasião da descrição do modelo, ressaltamos a necessidade de reconhecer MCs hipotáticos em digressões não apenas como marcas de interrupção, já que muitas vezes o todo do evento conversacional revela que tais “investidas” permitem um agrupamento por suas propriedades de centração (concernência, relevância e pontualização).

3.2.2.1.1 Marcadores paratáticos

3.2.2.1.1.1 Marcadores paratáticos de continuidade tópica linear

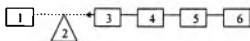
Dentro de um segmento podemos encontrar seqüências de UDs desenvolvidas de forma linear. Trata-se de construções coordenadas, expressões através de um encadeamento natural da conversação, ou seja, quando há uma progressão natural desenvolvida pelos interlocutores. Abaixo, encontramos um exemplo onde fica clara a noção de coordenação linear de UDs.

- (33) *Doc.* bem nós gostaríamos de começar esta nossa conversa ...
falando sobre transportes e viagens ...
L1 {1} bom eu já viajei pelo país inteiro... ahn:: dando cursos ... {2}
{principalmente como autor de livro didático ... tenho
a responsabilidade e até a incumbência de: ... dar
cursos ... promovidos pelas minhas editoras ...}^{-1} {3} e nessas
circunstâncias eu só não tive no estado do Acre ...
e nos territórios federais ... {4} e:: naturalmente em todos
os demais estados em alguns estados e muitas cidades ...
do interior {5} e naturalmente na própria capital ... {6} eh::
assim... em termos tuRiSticos eu viajo muito raramente ...
até porque essa ... obrigatoriedade de uma viagem
sistemática quase todo ... janeiro ... em termos de :: ...
compromissos com as editoras ... tira:: disponibilidade
de tempo e até interesse em viagens... de cunho
meramente turístico... o R. não sei se... viaja bastante ou
igual proporção ...

(D2SP-255:1-17)

⁷⁴ A partir daqui, os colchetes [...] nos citações representam qualquer tipo de construção parentética.

No trecho acima, encontramos a ocorrência de quatro seqüências parataticamente coordenadas: de {3} a {6}. O esquema que segue evidencia as relações estabelecidas entre as UD's.



onde:

- = UD's concernentes entre si
- △ = construção hipotática (inserção)
- = relação de continuidade sequencial linear
- - - = relação de continuidade hierárquica (de descontinuidade sequencial linear)

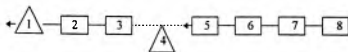
Em {1}, L1 toma o turno através do uso do **articulador paratático** *bom* que funciona aí também como uma espécie de continuador, pois valida a pergunta do documentador. Em {2}, há uma digressão de explicação do motivo da freqüência de suas viagens. Depois disso, L1 reengata em {3} o tema da questão através do **articulador paratático de continuação** *e* e do marcador *naturalmente*. Segue-se, então, de {4} a {6}, uma seqüência paratática, introduzida pela repetição dos articuladores *e* e pelos marcadores *naturalmente, eh:* e *assim*.

Abaixo, encontramos um trecho em alemão, no qual também ocorrem **marcadores paratáticos de continuação linear**:

- (34) M {1} +g+ aber sehen sie . gerade das . + daß es eben auch Divergenzen zwischen den anderen +g+ mehr oder minder frei schwebenden Kultureinrichtungen gibt + . + die im Ausland arbeiten + {2} das zeigt doch + daß der Vorschlag . + daß man hier zu einer gewissen Koordinierung untereinander kommt +. gar nicht so schlecht wäre +. {3} ich mein s+ diese +g+ (tttt-Wortfragment-heit-Koord Koordinierung {4}) (haben sie selber gesagt) {5} die sieht dem z+ Auswärtigen-Amt +z eigentlich in diesem Fall gar nicht zu . + was die einzelne Programmplanung betrifft +. +s. {6} / so aber plant man nebeneinander her in verschiedene Richtung {7} und macht {8} dann gibt dann auch Geld aus . + das man viel besser

konzentrieren könnte +, + wenn man sich erstmal vorher k+ richtig über die Pläne besprechen würde +.⁷⁵

(FK-573, p.294)



No trecho acima, o articulador *aber* {1} assume dois papéis ao mesmo tempo: o de **marcador de tomada de turno** e **marcador articulador de continuidade tópica hierárquica**, introduzindo uma digressão baseada no enunciado sob a forma de expansão de um tópico anteriormente desenvolvido. Este articulador pode ser reconhecido como um **topicalizador**, pois o moderador pretende reforçar um tema que foi atenuado pelo falante anterior. Ele é acompanhado pelo marcador metadiscursivo *sehen sie* e este tema é **continuado** em {2} na presença do marcador de opinião *das zeigt doch daß*, expandido em {3} por uma construção derivada dos enunciados anteriores, introduzida pelo marcador *ich mein*. Através deste comentário (de {1} e {2}) um novo tema, *a coordenação dos projetos no exterior*, é desenvolvido por meio de várias construções paratáticas, brevemente interrompido pelo parêntese em {4} e retomado sem a ocorrência de marcadores a partir de {5} em diante. Na seqüência de {6} a {8}, podemos observar a ocorrência dos **continuadores** *so, aber, und e dann*.

Os exemplos apresentados acima demonstram, de forma resumida, a possibilidade de ordenação linear de UD's. Não pretendemos, aqui, fazer uma análise ampla de todas as ocorrências deste tipo presentes nos corpóra, pois os mesmos não foram submetidos a uma análise detalhada de sua estruturação tópica, uma vez que nos dedicamos tão somente à análise dos MC's.

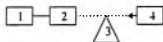
⁷⁵ M: (1) mas veja o senhor justamente isto que haja mesmo também divergências entre outras ... instituições culturais mais ou menos flutuantes que trabalham no exterior (2)... isto mostra que a proposta que se chegue a uma coordenação comum não seria de maneira alguma tão ruim (3)... eu acho que essa / ttttt-fragmento da palavra significa-coorde / M: coordenação (4) {... (o senhor mesmo disse)} (5)... ela não compete justamente neste caso no ministério do exterior no que se refere a cada plano de programação (6)... mas aí planeja-se paralelamente em direções diferentes (7)... e se faz (8)... então se gasta também o dinheiro que se poderia concentrar muito melhor se antes se conversasse melhor sobre os planos.

3.2.2.1.1.2 Marcadores paratáticos de continuidade tópica hierárquica

Para que possamos reconhecer melhor uma construção de **continuação hierárquica**, observemos o seguinte trecho, no qual os falantes L1 e L2 respondem à pergunta do documentador *vocês têm saído ultimamente?*.

- (35) L2 tenho saído sim ... assim em termos mas eu acho por exemplo::... de sair::... êh::... sabe sair por aí:: descobrir
- L1 {
- L2 uhn
- L2 lugares novos e tal acho que meu conhecimento de São Paulo é muito restrito se comparar com papai por exemplo...
- L1 {1} eu fui:: quinta-feira... não foi terça-feira à noite fui lá no () né? lá na Celso Furtado
- L2 êh::
- L1 {2} passei ali em frente à:: Faculdade de Direito {3} [...então estava lembrando... que eu ia muito lá quando tinha sete nove onze... (com) a tia sabe?...] {4} e:: está muito pior a cidade... está... o aspecto dos prédios assim é bem mais sujo... tudo acinzentado né?

(D2SP-343:10-24)



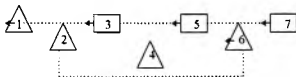
onde ◀◻ = relação paratática de continuidade tópica hierárquica

Observe-se que L1 inicia a resposta ao M em {1} e em {2}. Em seguida, faz uma digressão {3} *quando eu tinha nove anos*) que é introduzida pelo articulador *então* e pelo marcador metadiscursivo *estava lembrando... que* e é fechada por outro marcador de verificação *sabe?...*. Quando ele retoma o tema anterior {4} *passear pelo centro da cidade = ver poluição*, ele o faz usando o articulador *e::* como um **articulador de continuidade hierárquica** do tópico em evidência, ou seja, a *descontinuidade* só se apresenta aí na ordenação linear, pois a unidade {4} está cindida a {1} e {2} pela propriedade de *centração tópica*.

Vejamos agora, um exemplo de **articulador de continuidade hierárquica** em alemão. É importante notar como L3 influencia a direção temática que a conversação deve tomar através de algumas construções parentéticas usadas para validar a sua argumentação.

- (36) L3 {1}+g+ Herr Professor z+ Schulte +z sprach eben davon ,+ daß +g+ eine ganze Reihe von +g+ Kräften in der Psychiatrie tätig sind und rübrig sind und das beste tun . / {2} [und +g+ mir wurde gerade im Zusammenhang mit meinem Bericht vorgeworfen ,+ daß ich durch Berichte dieser Art +g+ die Kräfte ,+die +g+ die möglich +g+ die * potentiell zu gewinnen wären für die Arbeit +, daß ich die also in einer +g+ drastischen Weise verprellt habe +, .] {3} nun würde ich die Frage +g+ stellen ,+ ob es denn +g+ sinnvoll ist ,+ i+ zu verheimlichen +i ,+ welche Situationen in den Landeskrankenhäusern {4} [(und das ist nun das größte +g+ therapeutische Potential ,+ was für die Kranken k+ da ist +,)]
- M +g+ +k
- L3 {5} welche Verhältnisse dort auf sie zukommen +, . / {6} [denn ,+ wenn man mir sagt +, +g+ s+ ich verprelle damit +g+ die möglichen Hilfskräfte +s dann +g+ würde ich sagen s+ spätestens ,+ wenn sie dann anfangen im im Krankenhaus +, treffen sie doch die Situation +s .] {7} und es sollte doch darum gehen +i hier festzustellen +i ,+ ob die Situation eben sehr schlecht ist eben wirklich ein nationaler Notstand ist oder nicht +, .⁷⁶

(FK-334, p.144-145)



Após referir-se ao comentário de outro interlocutor {1} *multos bons profissionais na psiquiatria*, L3 introduz uma digressão {2}, retomando a acusação que lhe foi imputada *intimidar os profissionais de psiquiatria dos hospitais públicos* (expansão de tópico anterior) e faz a retomada do tópico introduzindo uma pergunta {3} ao interlocutor em questão através do articulador *nun* e do marcador metadiscursivo *würde ich die Frage stellen*. A introdução desta pergunta indica uma **transição** no desenvolvimento do tópico iniciado em {1}. Após uma nova interrupção {4}, um parêntese na forma de um comentário avaliador *hospitais são os inimigos potenciais para tratamento dos pacientes*, L3 retoma o tópico em {5} sem a presença de qualquer marcador, o que evidencia o *status* de parêntese da inserção {4}. Em {6} o articulador *denn* introduz uma nova inserção sob forma de análise que se liga a {2} pela concernência de seus elementos. É interessante observar que a descontinuidade promovida pelas inserções atende à intenção de L3 de validar a sua pergunta que em {7}

⁷⁶ I.3: {1} o senhor professor Schulze disse há pouco que um grande número de profissionais estão atuando na psiquiatria e que são empreendedores e que fazem o melhor que podem... {2} [... *grau* agora me acusaram em relação ao meu relatório que através de relatórios deste tipo eu iludi os profissionais que potencialmente poderiam ser aproveitados para este trabalho] {3}... *grau* eu gostaria de fazer a seguinte pergunta, se é sensato esconder que situação nos hospitais estaduais {4} [...(e este aí é o grande potencial terapêutico que há para os doentes)] / M: ... +k / L3: {5} ... que condições os esperam... {6} [... *nois* se me disserem que eu iludi os prováveis profissionais então eu diria que no mais cedo ou mais tarde quando eles começarem no hospital eles vão encontrar sim a situação] {7}... *g* deveria tratar-se de verificar se a situação é mesmo ruim e mesmo uma calamidade nacional ou não.

é reapresentada em uma nova transição com um tema derivado das interrupções: *médicos irão reconhecer o estado dos hospitais*. Tal movimento é marcado pelo articulador continuador *nun* e pela presença do marcador *es sollte doch darum gehen*. Resumidamente, temos as seguintes ocorrências de **marcadores paratáticos de continuidade hierárquica**: *nun würde ich die Frage stellen* em {3}; *denn* em {6} e *und es sollte doch darum gehen* em {7}.

3.2.2.1.2 Marcadores hipotáticos

Como foi dito nas seções anteriores, os marcadores hipotáticos podem ser utilizados em construções parentéticas, introduzindo algum tipo de digressão ou parêntese sob forma de justificativa, comentário, correção, paráfrase ou adjunção. Tais inserções podem representar um fator de descontinuidade tópica no plano da seqüencialidade, mas no plano vertical funcionam como elementos que colaboram para a coesão do discurso e que são interligados pelas propriedades da centração: concernência entre os elementos integrantes, relevância pela referência inter-tópica de seus elementos (tema-rema), embora estejam distribuídos (pontualização) de maneira desordenada no plano horizontal. Assim, como os marcadores de continuidade tópica linear, seu *status* funcional só pode ser delimitado em face a um contexto maior. Dentre deste grupo, distinguimos dois mecanismos de inserção diferentes: os parênteses e as demais digressões baseadas no enunciado.

3.2.2.1.2.1 MCs em parênteses

O fenômeno de parentetização no português falado foi estudado recentemente em um artigo por Clélia Jubran (*in* Castilho & Basílio, 1996), no qual a autora ressalta a função acentuadamente pragmática do parêntese e as propriedades identificadoras dos mesmos. A autora revela que os parênteses, diferentemente das outras formas de digressões baseadas no enunciado, caracterizam-se por ser unidades de menor extensão do que as outras e que atuam para uma suspensão breve do tópico em desenvolvimento, podendo muitas vezes quebrar a interromper a seqüência lógica da UD. Dentre as

propriedades elencadas pela autora, destacam-se, entre outras, as pausas antes e depois do encaixe; a ausência de conectores do tipo lógico, que possam estabelecer relações lógico-semânticas entre os parênteses e o enunciado e mudanças prosódicas abruptas em contraste com o contexto onde se encontram inseridas.

No exemplo que segue, encontramos uma construção parentética de **comentário lateral**. Ao ser perguntado sobre a gravidade do problema dos hospitais psiquiátricos na Alemanha, L3 inicia referindo-se à dificuldade de apontar a melhor explicação. No entanto, para preservar o seu papel de especialista no assunto, ele acrescenta o comentário *und das war der Gegenstand meiner Untersuchung* (e esse foi o objeto de minha pesquisa). Nota-se, então, a presença do articulador *und*.

- (37) M was scheint ihnen +g+ das Gravierendste zu sein ? . +p+
L3 (ja nun) das ist eine sehr +g+ komplexe Frage . / ich würde +i+ um es erst mal kurz darzustellen +i+ sagen .+ daß nach meiner: Meinung [(und das war der Gegenstand meiner Untersuchung)] daß nach meiner Meinung derzeit noch keine menschlichen +g+ Lebens-zustände in den deutschen Landeskrankenhäusern herrschen +. .+ daß derzeit der Patient noch keine Rolle als ernstgenommener Partner des Arztes und des Pflegers besteht +..⁷⁷

(FK-334. p.139)

Além da quebra da concernência entre os elementos integrantes dos dois enunciados, outro indicio que nos permite conferir-lhe o caráter de parêntese está demarcado pela repetição do operador *daß (que)* e do marcador de opinião *nach meiner Meinung*, que reinsere a formulação anteriormente interrompida.

O exemplo abaixo, exemplifica uma ocorrência, mais freqüente em alemão, de ordenação do tipo *marcador · articulador*. L3 introduz uma **avaliação epistêmica** através da inserção do tema *man müßte also hier über das Vorurteil überhaupt sprechen* (*seria preciso então aqui se falar sem dúvida sobre o preconceito, de como ele surge*). O articulador *also* assume aqui também o papel de operador de conclusão (*se... então*),

⁷⁷ M: o que parece ser o mais grave para o senhor? / L3: (bom aí) esta é uma questão muito... complexa. Eu ... primeiro para esclarecer ... diria que na minha opinião [...(e este foi o objeto da minha pesquisa)] ...que na minha opinião atualmente não impera nenhuma forma de condições humanas nos hospitais estaduais alemães ... que atualmente o paciente ainda não é levado a sério como parceiro do medico ou do enfermeiro.

embora o operador inicial *wenn (se)* não tenha sido mencionado antes. A atenuação do enunciado fica expressa através do marcador *man müßte (seria preciso)*.

- (38) L3 +g+ ich seh darin aber auch etne gewisse (ja) Zudeckung von Problemen . denn sehen sie . +g+ wer wird denn wahrscheinlich mitarbeiten +g+ an der therapeutischen Arbeit im weitesten Sinne vielleicht nur in Randbereichen zunächst ? . / ich finde .+ daß diejenigen ,+ die die härtesten +g+ Vorurteile haben +, [(man müßte also hier über das Vorurteil überhaupt sprechen ,+ wie es zustandekommt +.)] +g+ daß die wahrscheinlich draußen bleiben werden +.⁷⁸

(FK-334, p.153)

3.2.2.1.2.2 MCs em digressões

O exemplo abaixo demonstra uma digressão baseada no enunciado. L3 compara a situação dos hospitais psiquiátricos na Alemanha e na Grã-Bretanha e faz uma justificativa *und das geht also auf das was sie eben auch sagten (isto refere-se ao que o senhor disse anteriormente)*, introduzida pelo articulador *und* e pelo marcador *das geht also auf das*.

- (39) L3 auch +k ein Zitat war von dem englischen Gesundheitsminister +g+ . Professor z+ Hefner +z hat in einem Vortrag vor +g+ etwa drei Jahren folgendes gesagt . / +g+ der derzeitige Stand der psychiatrischen Krankenversorgung in z+ Großbritannien +z weist strukturell [(und das geht also auf das ,+ was sie eben auch sagten +.)] weist strukturell bereits einen so einen beachtlichen ein bereits einen so beachtlichen Modernisierungsstand auf ,+ daß er mit den Verhältnissen in der z+ Bundesrepublik-Deutschland + nicht mehr vergleichbar ist +.⁷⁹

(FK-334, p.143)

No exemplo abaixo, através da adjunção de avaliações introduzidas pelos articuladores *und*, L3 topicaliza brevemente um tema abordado anteriormente, as pequenas unidade psiquiátricas que trabalham com cerca de dezoito pacientes, mas,

⁷⁸ ... eu vejo nisso também um certo assim... encobrimento dos problemas pois o senhor veja ... então quem é que irá talvez colaborar com o trabalho terapêutico num sentido mais amplo talvez primeiro so em áreas paralelas ?... eu acho que esses que têm os preconceitos mais fortes [...(seria preciso então aqui se falar sem dúvida sobre o preconceito, de como ele surge)] ... que talvez eles fiquem de fora.

⁷⁹ uma outra citação também foi a do ministro da saúde inglês professor Hefner que disse o seguinte em uma palestra faz mais ou menos três anos... o estado atual da assistência psiquiátrica na Grã-Bretanha acusa estruturalmente [...(e isso então se refere ao que o senhor disse há pouco)]... já acusa estruturalmente uma estado assim bastante notável um estado assim já bem notável de modernização... e que ele não vê mais comparação com as condições na República Federal da Alemanha.

logo em seguida, fecha a digressão duplicada para retomar a comparação com os grandes hospitais na Inglaterra.

- (40) L3 (...) / aus diesem Grunde +g+ habe ich +g+ das Beispiel eines englischen Landeskrankenhauses gewählt i+ um zu zeigen +i .+ daß man dort auch auf dieser großen Ebene mit einem Mammutkrankenhaus {1} [(und mit denen haben wir es natürlich derzeit noch zu tun)] {2} [(und die sind nicht wegzudiskutieren)] daß man dort auch sozialpsychiatrisch arbeiten kann +. / k+ aber das hat

L2?

80

(FK-334, p.150)

Os remas *mit denen* em {1} e *die* em {2} caracterizam estas digressões como inserções baseadas no enunciado imediatamente desenvolvido, o que nos impede de considerá-los parênteses, justamente por seus aspectos de relevância e concernência entre os elementos constituintes de ambos os enunciados.

Dentre as funções que as digressões podem desempenhar, destacamos uma em especial que retrata bem a intenção avaliadora do falante. No trecho abaixo, o moderador comenta a atuação do diretor do departamento pessoal de um hospital psiquiátrico em relação à sua capacidade de julgar os candidatos às vagas de médico e enfermeiro. Seu comentário avaliador é feito através da digressão, o que acentua o caráter proposicional do enunciado.

- (41) M .+ wenn man +k alles dann dem individuellen Gespür dieses Stellenleiters überläßt +. [(und der Stellenleiter hat eben ein schlechtes individuelles Gespür)] k+ ist die
L4 (das ist richtig) +k
M Arbeit schlecht .+ die dort k+ gemacht wird +. ⁸¹

(FK-573, p.299)

Abaixo encontramos um trecho que demonstra o valor argumentativo desempenhado pelas inserções no fluxo da formulação.

- (42) L2 {1} / (nein) +k ich glaube s+ ich möchte noch mal zu der Aktion {2} und zwar ich möchte noch mal zu ihnen sagen +s .+ daß es uns wirklich vor allen Dingen auch um das psychische Wohl der Frau geht.+. {3} / und .+ solange dieser Paragraph besteht {4} und solange +. {5} [.+ wenn sie auch sagen +. s+ nicht viele Frauen werden

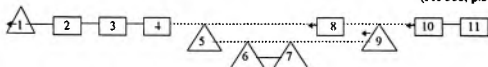
⁸⁰ (...) por esta razão ... eu escolhi ... o exemplo de um hospital inglês para mostrar que lá neste âmbito maior se pode (trabalhar) [...(e com os quais nós hoje naturalmente temos que ver)] [...(e eles não podem ser esquecidos na discussão)] ... que lá também se pode trabalhar psiquiatricamente de uma forma social ... mas isso tem / 1.2...

⁸¹ M: se se deixar tudo a critério do fãro individual deste diretor [... (e o diretor tem mesmo um péssimo fãro individual)] ... / L4: (está certo) / M: o trabalho que está sendo feito lá está errado.

dabei also praktisch erwünscht +s) {6} [aber unter den Bedingungen , + unter denen heute Abtreibungen stattfinden +, {7} [und außerdem +g+ sie sind eben für die Frau wahnsinnig demütigend] . {8} / und solange sie {9} [zum Beispiel die Ärzte die die fühlen sich von diesem Paragraphen so konkret bedroht , + daß auch , + wenn nicht viele Frauen hier in z+ Deutschland +z +g+ erwünscht werden +, daß die Frauen eben im Ausland gehen müssen +, + weil die deutschen Ärzte ihnen eben keine Hilfe leisten +, .] {10} und solange ,+ wie eben die Ärzte sich abgeschreckt fühlen +, ist auch dieser Paragraph für z+ Deutschland +z noch sehr sehr gültig ,+ {11} auch wenn k+ nur wenige bestraft werden +, .

M / (vielen Dank) +k k+ die nächste Dame (bitte)⁸²

(FK-568, p.389)



Em {1} temos uma ocorrência de marcador metadiscursivo, funcionando como marcador continuador (de expansão de tópico), *ich glaube ich möchte noch mal zu ...*. O tópico é continuado em {2} através dos articuladores *und zwar* em co-ocorrência com outro marcador metadiscursivo *ich möcht noch mal zu ihnen sagen...*. Os articuladores em {2} indicam a intenção de reforço imputada por L? à inserção em curso. As unidades {3}, {4}, {8} e {10} equivalem a enumerações iniciadas pela repetição do articulador continuador *und* e o operador de condição *solange* (*enquanto*). A escolha sintática da construção com este operador (*solange*) feita por L? cria-lhe alguns problemas no encaixe da enumeração, daí surgirem inserções de adjunção⁸³ em {5} e {9}. Na adjunção {5}, o falante topicaliza uma informação dada por outro interlocutor através do MC *wenn sie auch sagen*. Em seguida, surge um novo desengate pela inserção de

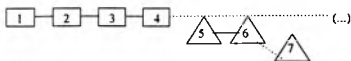
⁸² L?: {1} (não) eu acho ... eu gostaria mais uma vez ... sobre o projeto{2}... e inclusive eu gostaria mais uma vez de lhe dizer que para nós antes de tudo trata-se também do bem-estar da mulher {3}... e enquanto perdurar este parágrafo {4}... e enquanto {5} [...*se o senhor mesmo diz* ... nem tantas mulheres assim são praticamente apanhadas] {6}[... mas sob as circunstâncias sob as quais hoje são feitos os abortos] {7}[... e além do mais ... para as mulheres eles são absolutamente ultrajantes] {8}... e enquanto eles {9} [... *por exemplo os médicos eles se sentem tão ameaçados com este parágrafo que mesmo que muitas mulheres não sejam apanhadas aqui na Alemanha ... que as mulheres precisem então ir ao exterior porque os médicos alemães não lhe concedam nenhuma ajuda*] {10}... e enquanto como os médicos de fato se sentem intimidados esse parágrafo ainda é mesmo muito muito válido para a Alemanha, {11}... mesmo que somente poucos sejam punidos. / M: (muito obrigado) ... a próxima senhora (por favor).

⁸³ A adjunção é um fenômeno de reconstrução, que "provoca um retardamento na progressão temática. A reconstrução por adjunção ocorre quando, no desenvolvimento de uma unidade discursiva, o falante se dá conta da falta de uma informação importante relativa ao assunto em pauta, ou sente a necessidade de enfatizar ou, ainda, reavivar na mente do interlocutor uma informação já presente no universo do discurso, o que o leve a acrescentar a posteriori ou a reapresentar tais informações sob forma de "adendos" ou aposições." (Koch in Castilho, 1990:172)

{6}, onde o articulador *aber* inicia uma **digressão de caráter avaliativo**, continuada em {7} pela coordenação demarcada pelo articulador *und* e o MC de opinião *außerdem*. A outra adjunção ocorre em {9} quando L? tenta voltar à enumeração, mas introduz novamente um **digressão na base de um comentário-exemplo** com o MC de exemplo *zum Beispiel* até que o reengate seja feito mais adiante em {10} com a repetição do articulador *und* e do operador *solange*.

Encontramos no inquério D2SP-255 um exemplo análogo ao do alemão no que se refere à intenção do falante em validar a sua argumentação através inúmeras **inserções com valor exemplificação**. No trecho abaixo, L2 discorre a respeito do *significado da compra para o grupo social*. Ele destaca dois planos: o *valor comunicatório da compra* e o *valor simbólico da compra*. Para evitar a rejeição de sua tese sobre o valor simbólico, ele introduz uma enfiada de inserções:

- (43) L2 está se comunicando quando você compra né?
 L1 | acho que é você vai...
 fala... faz uma fofquinha... ou vai com fulano... né?
 () cerimônia
 L2 | uhn uhn mas fora isso eu acho que são duas coisas diferentes uma é o valor co/ o:.... o **valor comunicatório** que vo/ que existe quando você... compra alguma coisa você está trocando dinheiro por uma coisa que outra pessoa te dá... vocês estão num acordo né?... estão se relacionando agora outra coisa é o **valor simbólico** que têm as coisas que você compra... {1} eu acho que tudo o que você tem:: de material tem um valor simbólico... sabe?
 {2} você usar um:: pulôver de:::argentino de :::: eh:: *cashmere*... {3} o fato de você estar usando já está dizendo para as outras pessoas que você tem um determinado nível social:: {4} esse isqueiro eh::: sabe... esses móveis essa casa... é mágico né?... {5} [que nem:: numa tribo o cara sabe que usa... caça tanto:: ou usa::: sei lá... colar de dente de não sei o quê... também tem um certo valor todo mundo olha ele meio assim... {6} se bem que aí acho que é mais:: mais espontâneo porque é mais primitivo *né?* {7} la Lais... - sabe o Lais (...) uma amiga minha que faz medicina e ela vai sempre para o Xingu... (...) ela estava contando do::: (...)
- (D2SP-343: 710-735)



A opinião sobre o valor simbólico do que se tem é introduzida através do marcador *eu acho que* em {1}, que é controlada no final do enunciado através do marcador de verificação *sabe?*. Há uma **continuidade enumerativa** em {2}, {3} e {4}. Em {5} ocorre uma digressão evidenciada pela mudança de centração tópica e iniciada pelo **marcador de comparação** *que nem* e expandida em {6} em uma atenuação marcada pelo **articulador de contraposição** *se bem que* e pelo **marcador de opinião** *acho que* e também controlada pelo **marcador de verificação** *né?*. Uma outra digressão ocorre em {7} sob a forma de uma exemplificação reforçada pela adjunção do **marcador de exemplificação** sob forma de narração. Este exemplo mostra bem que a inserção serve bem para introduzir a mudança da tipologia do discurso: de dissertativo para narrativo.

No exemplo seguinte, encontramos uma ocorrência de **digressão de justificativa**: *não gostar de viajar de avião*. A digressão é introduzida pelo **marcador hipotático** *quer dizer*. O falante L2 restringe o motivo de suas viagens de avião à necessidade imposta pela profissão, uma das razões pela qual não gosta deste tipo de viagens.

- (44) L2 já ... viajei de avião há dez anos atrás eu trabalhava com um jornal e:: ... não era professor ... então minha atividade era ... mais diversificada ... então viajei bastante de avião ... andei MUITO também por aí afora de avião ... e:: ... mas não gostava assim como ... parece que o C. gosta né C.? *[quer dizer minhas viagens de avião eram mesmo por negócio ... estritamente ...]* quando eu podia fazer viagem de automóvel ou por outro meio eu prefiro ... sempre dei preferência ...

(D2SP-255:82-90)

Outro **articulador hipotático** bastante frequente nos inqueritos analisados é o **porque**, usado muitas vezes para introduzir alguma forma de **justificativa**, **opinião** ou **comentário**. Abaixo encontramos uma exemplo de inserção iniciada por este articulador.

- (45) L1 então se joga esgoto em rios.. et ceteras... que isso ainda eu considero grandes poluições né?... não tem controle aqui... então na hora que São Paulo ficar pior ainda... *[porque (quando) eu vou para a ci: para o centro... se eu vou de moto eu choro... sai lágrimas (tossu)...]* então inicialmente eu pensava bom é que estou andando sem óculos... tal... então sai água... aí eu reparci que

quando eu vou pra:: estrada vou para o interior de
 moto... eu pego mais vento e não hora nada então eu
 chego à conclusão que não é o vento que... que faz
 sair lágrimas e:: é a poluição arde o olho...

(D2SP-343:165-175)

O articulador *porque*, acompanhado pelo operador temporal *quando*, desempenha a função, neste exemplo, de mudança de centração aferível no desaparecimento dos remas de *São Paulo*, alterado no enunciado em questão para o tema *eu*. A digressão é expandida no enunciado seguinte, iniciado pelo articulador *então* que desencadeia um novo foco dissertativo.

Os exemplos (46) e (47) abaixo demonstram algumas ocorrências dos articuladores hipotáticos *inclusive*, *mas* e, *então* introduzindo alguma forma de comentário à parte:

- (46) L1 (...)

... mas aqui nós não temos os *Concertos para a Juventude*

da Globo? ... e não temos boas orquestras também

() ... [*inclusive na Tupi temos boas orquestras*] e temos

... e no que tange a nossa música popular eu acho que::

agora a televisão está abrindo as portas ... para a nossa

música popuLAR

(D2SP-333:327-341)

Em (47), L2 faz uso de várias inserções-comentários que acabam tornando o seu enunciado bastante descontínuo. A organização interna do segmento selecionado fica bastante comprometida pelo excesso de interrupções.

- (47) L2 ahn ahn... mas isso já está acontecendo você vê você deve

conhecer uma experiência que fizeram com ratos de

amontoar rato em:: em gaiolas pequenas e deixar

reproduzir reproduzir...

L1 ahn

L2 chega uma hora quando essa popula/população está

assim que... [uh:: mesmo tendo comida à vontade... mas

esPAço vital de cada um muito restrito...] que deixam

de:: reproduzir [... não tem mais necessidade sexual né?]

[inclusive começam a se matar uns aos outros... uhn uhn

[

L1 então é óbvio... [mas o sistema é simples não dá colapso

de população total..].

L2 uhn

- L1 para nós [... *como está ficando tudo muito complicado*]
 pode dar um colapso total [... *então o que eu acho é o seguinte... pode ser uma questão de probabilidade... surgir alguma coisa que dê colapso total...*] vê começa a
- L2 | pode ser
- L1 juntar muita gente na cidade [então... *a::través de que atividades começa a planejar mais alimen::to et cetera*]
 [então *não tem nada disso de... diminuir a população certo?* ...] vem chegando mais gente chegando mais gente chegando mais gente... [mas *ainda é um problema assim* ()
- (D2SP-343:1509-1531)

Em (48), L2 apresenta um resumo do que disse anteriormente através de um **marcador hipotático de síntese**:

- (48) L2 *lich möchte mich +k ganz kurz k- noch ... fassen*
 M ganz kurz noch Herr z+ Losotz +s und dann +k
 L2 Problem des Beginns des Lebens . es ist richtig . es gibt heute Rechtswissenschaftler .+
 die die Auffassung vertreten (z+ Bockelmann +z zum Beispiel) +. .+ daß die
 Einnistung der Beginn des Lebens sei +. .+ während andere Wissenschaftler die
 Auffassung vertreten +. s+ mit +g+ der Befruchtung des Eis beginne das Leben +s . k+
 das
 L1 darum geht s +k doch nicht (Herr z+ Losotz +z).⁸⁴
- (FK-568, p.386)

3.2.2.2 Marcadores de organização dos segmentos tópicos: marcadores de superordenação hierárquica

Na apresentação do modelo de análise, discorremos a respeito da necessidade de diferenciar as funções de articuladores e outros MCs nos dois planos de organização dos tópicos: o plano interno do segmento, o da organização das UD's, como o fizemos na seção anterior, e o plano da organização dos segmentos tópicos, do qual tratamos a partir daqui. Daí podermos detectar articuladores e MCs que operam num nível mais alto de organização do discurso. Dentre os articuladores que desempenham esta função

⁸⁴ L2: *eu gostaria de resumir bem rápido ainda...* / M: bem rápido então senhor Losotz e depois / L2: o problema do início da vida... está certo... hoje há juristas que defendem a opinião... (o senhor Bockelmann por exemplo)... que o acasalamento já é o início da vida... enquanto outros juristas sejam da opinião que com a fertilização do óvulo é que a vida começa... isso... / L1: não se trata disso mesmo (senhor Losotz)...

podemos enumerar os seguintes: *agora*, *então*, *bom*, em português, e *nun*, *also*, *jetzt* e *da*, em alemão.

Um dos articuladores do português falado que por excelência introduz uma digressão num nível mais alto da estrutura hierárquica dos quadros tópicos é o *agora* que tem seu equivalente em alemão sob a forma de *nun*. O fenômeno de superordenação já havia sido estudado para o *agora* por Risso (in Castilho, 1993) e para o *then* em inglês por Schiffrin (1987 e 1992) e por Redeker (1991). Através destes articuladores, os falantes procuram introduzir um novo supertópico na conversação. Dessa forma, funcionam como desencadeadores de centração em um novo tema (*falávamos de teatro, agora falemos de transportes...*). Tanto nos inquiridos em português como nas entrevistas em alemão, estes elementos são normalmente utilizados pelo moderador, que cumpre o papel de orientador da conversação:

- (49) Doc. raridade né? agora outros meios de transporte ... vocês se utilizam de alguns meios de transportes ... agora existem Outros que vocês conhecem né? por ... mar ... (D2SP-255:130-132)
- (50) Doc. agora ... e:: c a as conduções aqui em São Paulo ... por exemplo? (D2SP-255:180-181)
- (51) M *darf ich da noch fragen? . / eine Zusatzfrage* sie nun als Vertreter der jungen Generation männlich glauben sie? + daß die Mehrzahl ttttt-kurzes-Lachen-von-L3 ihrer Kollegen ihrer Freunde dem Mädchen gegenüber bereit ist +. i+ dem Mädchen eine gleichberechtigte Rolle zu vermitteln auch im Bereich der Sexualität +i +p+ zuzugestehen⁸⁵ (FK-577. p. 316)
- (52) M Früher haben alte Moralhandbücher gesagt s+ die Verlobung ist eine notwendige Verführung zur Sünde +s. heute sieht man es vielleicht etwas weniger metaphysisch. / *ich würde nun die Frage stellen*⁸⁶ (FK-577. p.320)

⁸⁵ M: *posso perguntar uma coisa aqui? ... uma pergunta mais* ...o senhor agora como representante da geração jovem masculina ... o senhor acha que a maioria (breve riso de l.3) de seus colegas ... de seus amigos está de acordo em reconhecer mulher um papel igualitário para a mulher ... de reconhecê-lo também no âmbito da sexualidade?

⁸⁶ M: antigamente os manuais da moral diziam que o noivado era uma sedução necessária ao pecado... hoje isto é visto de maneira menos metafísica... *eu queria agora fazer uma pergunta*

- (53) M da *habe ich jetzt eine Frage anzuschließen* , es geht vielleicht an Frau Doktor z+ Hachenburg+z und Herrn Pfarrer z+ Utters +z ,+ weil sie das in ihrer Predigt über Sex und Kirche angesprochen haben +. ⁸⁷
- (FK-577, p.327)

O *agora* também pode ser usado para introduzir outra perspectiva ou mudar a orientação do enunciado, focalizando outro aspecto ou outro elemento de exemplificação, como ocorre nos exemplos abaixo:

- (54) L1 e e isso e todavia falam:: MUI::to Araci Balabanian é
uma das poucas que falam bem ... e ela
- |
- L2 fala por exemplos
- L1 é de Mato Grosso ... e ela é de Mato Grosso ...
Araci não é paulista ...
- L2 mas ela fez o curso aqui
- |
- L1 ela veio para São Paulo fazer a EAD aqui ...
mas ela é de Mato Grosso ... *agora* os ou/ o Juca de
Oliveira ele fala feito um caipira do interior do Estado
... você reparou? é uma pronúncia absolutamente
caipira ...
- (D2SP-333: 153-155)
- (55) LI (...)... então eu
compreendo porQUE a televisão ... acaba naturalmente
por apeLAR em função de uma programação que atinja
o GRANDe público ... *agora* o a circunstância de
compreender não faça com que eu justifique ... e
enDÓsse esse ponto de vista ... eu acho que a televisão ...
ao se implantAR no Brasil e para criAR e como
efetivamente criOU ... aquele Mto de dependência que
o R. se reportou muito bem para com o espectador ...
- (D2SP-255: 577-585)

Em suma, podemos dizer que os MCs de monitoramento dos tópicos exercem duas funções básicas: organizar as UD's no plano sequencial linear e organizar as UD's no plano da hierarquia tópica. Pela exemplificação exposta acima, podemos comprovar o papel primordial desempenhado pelos articuladores discursivos para a ordenação das UD's e dos segmentos tópicos. Concorrem, ainda, para a gestão dos tópicos, outros elementos, como as categorias de MCs paratáticos e hipotáticos, que, tal como os articuladores, são usados pelos falantes para a negociação dos tópicos. Verificamos, ainda, que marcas homônimas podem desempenhar funções distintas dentro da

⁸⁷ M: *ai eu tenho agora uma pergunta a acrescentar...* talvez para a senhora doutora Hachenburg e para o senhor padre Utters... porque eles mencionaram isso na sua pregação sobre sexo e igreja

perspectiva de análise proposta nesta seção. A exemplificação de mecanismos de inserção apresentadas aqui representam apenas um extrato da grande gama de MCs do português e do alemão. Na seção seguinte, explicitamos a função modalizadora dos MCs, e nela completa-se a análise em três níveis a que nos propusemos.

3.2.3 Marcadores modalizadores

Outra propriedade bastante importante dos MCs reside no caráter argumentativo que conferem ao enunciado a que se aderem. Esta propriedade revela-se, portanto, através da exteriorização da atitude do falante em face a seu enunciado. No modelo de análise, dissemos que a modalização pode ser expressa através dos MCs nas seguintes categorias: marcadores epistêmicos, deônticos e afetivos. A análise que segue procura evidenciar algumas ocorrências desses tipos de modalização. A partir daqui, chamaremos estas ocorrências carregadas de alguma forma de modalização de **marcadores modalizadores** (MMods).

3.2.3.1 Marcadores modalizadores epistêmicos

Em (1.2.5), dissemos que os modalizadores epistêmicos indicam a avaliação do valor de verdade do conteúdo proposicional de seu enunciado de três formas diferentes: os modalizadores epistêmicos asseverativos (*é verdade que P*), os modalizadores quase-asseverativos (*é provável que P*) e os modalizadores delimitadores (*do ponto de vista X acho que P*).

3.2.3.1.1 Marcadores epistêmicos asseverativos

Os Mmods epistêmicos asseverativos são utilizados pelos falantes para indicar a certeza que os mesmos depositam sobre o conteúdo proposicional de seu enunciado. Para detectá-los, é possível fazer uso da paráfrase: *É verdade, certo, seguro que P*.

Os exemplos que seguem demonstram algumas ocorrências de MCs asseverativos na posição inicial da UD.

- (56) (...) ... é evidente que: a partir do
alcançe desta prioridade ... nós poderíamos pretender
alcançar outras ... que estariam diretamente subordinadas
a essa ... (D2SP-255:1450)
- (57) L2 ich weiß ,+ daß die Dunkel+g+ziffer sehr groß ist +, +k . aber (...) ⁸⁸
(FK-568, p. 378)

Marcadores asseverativos também podem ocorrer na posição final tanto em português quanto em alemão, e desempenham a mesma função de avaliação sintetizadora do que foi dito anteriormente. Castilho (1987) já havia apontado a distinção na função executada pelos modalizadores nas posições inicial e final:

"as margens veiculam avaliações do falante a respeito do que ele fez constar no núcleo ou contém instruções que orientam a interação e organizam as formas do desenvolvimento temático. A margem esquerda orienta-se para a elaboração do assunto; ela tematiza o núcleo e preside a organização textual da unidade discursiva (UD). A margem direita orienta-se para o interlocutor, através dos fáticos ou então oferece espaços para os segmentos ideados posteriormente à expressão do núcleo (afterthoughts) e para os anti-tópicos. As margens representam como que os andaimes da construção linguística, deixando à mostra os processos de sua constituição. Elas receberão aqui o nome de marcadores discursivos." ⁸⁹

A introdução da pergunta, em (58), é encerrada por *certamente*, demarcando uma avaliação de conclusão, ou seja: *o interlocutor é professor, portanto, pode-se concluir que lê jornal*.

- (58) Doc. professor C. ... o senhor:: lê jornal certamente ... como
o senhor começa a leitura de um jornal?
L1 eu começo pela leitura de todas as manchetes ... (D2SP-255:1093)
- (59) sempre recebi todo o apoio ... e toda a:: ... a:: ... assim
... todas as:: ... propostas que eu fiz aqui de trazer
pessoas ... de fazer seminários ... de resolver sempre
encontraram apoio da direção ... sem nenhuma restrição
... pelo contrário ... até ajudando ... estimulando ... essa
coisa toda ... isso é verdade mesmo ... (D2SP-255:1387-1392)

⁸⁸ L2: eu sei que o número de casos não registrados é bem grande mas (...)

⁸⁹ grifó nosso, *apud Ilari et alii* (1990:123)

Em (60), a seguir, também encontramos um exemplo de Mmod asseverativo em posição final. A construção é longa e, segundo o teste proposto por nós, corre o risco de não ser considerada MC, mas a repetição do mesmo elemento, embora reformulado, por parte do alocutário, eleva-o ao *status* de marcador no contexto da interação. Observe-se, ainda, que o recurso da repetição do interlocutor deve-se a uma reação adversativa à proposição de L1, continuada pelo operador *aber* (*mas*):

- (60) L1 (...) / ich glaube ,+ daß irgendwo eine zentrale Arbeitsstab is +, ,+ der in k+ engster Zusammenarbeit
 Lm +g+ +k
 L1 mit diesen Organisationen darüber befindet +, darüber dürft k+ eigentlich kein Zweifel bestehen
 Lm (ja) ...
 M darüber is +k kein Zweifel / aber ...⁹⁰
- (FK-573, p. 296)

Podem ser encontrados, ainda, Mmods asseverativos apresentando também a função de marcadores do ouvinte, como nos exemplos de (61) a (64):

- (61) L2 sem dúvida o telefone representa assim um:: fator de integração ... como a como o rádio e a televisão ...
 (D2SP-255. L.:900-901)
- (62) ... mas ... o mesmo veículo que pode ter ...
 causar este mal poderá causar um bem ...
 L1 | perfeito ...
 L2 na medida em que levar uma mensagem realmente de integração levar uma cultura
 L1 | exato ...
 (D2SP-255:650-655)
- (63) M da sind wir eben bei den Vorurteilen . und k+ dazu müßten
 L2 (natürlich) +k
 M wir einfach einmal feststellen s+ wie steht es denn ?⁹¹
 (FK-334, p.151)

⁹⁰ L1: (...) ... eu acho que em algum lugar há uma equipe central que através de um trabalho conjunto estreito / Lm: ... / L1: decide sobre tal com estas organizações... não poderia haver dúvida na verdade sobre isso / Lm: (sim) ... / M: sobre isso não há dúvida ... mas...

⁹¹ M: na verdade agora estamos falando sobre preconceitos... e aí precisaríamos / L2: (naturalmente) / M: simplesmente verificar como fica isso então?

- (64) L1 ja darf +k ich sie fragen ? wie denn (Entschuldigung) ,+ wenn sie die medizinische Indikation also die erhebliche Gefahr für Leib oder Leben der Mutter zulassen + ,
 L2 (ja) (selbstverständlich) .⁹²

(FK-568, p. 384)

3.2.3.1.1.1 A co-ocorrência com articuladores discursivos

Em termos argumentativos, além de um valor de certeza dado pelo falante (do tipo *eu sei que P*), a asseveração pode introduzir algum ponto conflituoso na relação entre os falantes. Desta forma, é de se esperar que outros elementos concorram no enunciado para reforçar a certeza, a constatação ou as posições contrárias. Isto fica confirmado, se observarmos a grande frequência de articuladores do tipo *mas*, *então*, *porque*, em português, e *aber*, *also*, *dem*, em alemão. É o que pode ser observado nos exemplos de (65) a (69) abaixo:

- (65) L2 nem sempre M. você vai:... assim:: o povo americano não é um povo feliz... em termos de condições materiais:: está ótimo está está:: muito bem mas... realmente eu não sei te dizer se... se... se faz tanta diferença assim... ((barulho de motocicleta))
 (D2SP-343:515-520)
- (66) (...)... mas a verdade é esta ... é no no
 ... por exemplo ... se ... estão gravando agora este ...
 está passando está passando agora em São Paulo *O Grito* não é? no Brasil
 todo aliás *O Grito* de Jorge Andrade
 (D2SP-333:84-87)
- (67) ... porque morando na cidade a gente
 costuma designar de sítio todo terreno um pouco maior do
 que as dimensões habituais daqueles em que se vive mas
 na realidade é uma chácara ...
 (D2SP-255:318-321)
- (68) L1 então é óbvio... mas o sistema é simples não dá colapso
 de população total...
 (D2SP-343:1519-1520)

⁹² L1: é posso perguntar-lhe algo?... então como (desculpe)... se o senhor admite a indicação médica assim o imenso perigo para o corpo ou a vida da mãe... o senhor quer isso? / L2: (sim) (evidentemente)

- (69) L1 man kann über die Formulierungen streiten . aber der Sache nach ist es richtig.⁹³
(FK-334, p. 139)

No exemplo abaixo, o *porque* não é um marcador conversacional, uma vez que estabelece uma relação lógico-sintática (complementadora) da sentença anterior, portanto, ele deve ser considerado como operador lógico em sentido estrito:

- (70) L1 diz que é um filme também nesta linha brasileira ... até achei graça uma amiga minha disse ... "eu gostei muito do filme ... *porque* ele tem *sobretudo* ... uma cafonice bem brasileira ((rindo)) ...
(D2SP-333:667-660)

A asseveração pode ser introduzida num crescendo. É o que mostra o exemplo (71), no qual podemos verificar a co-ocorrência dos asseverativos *ja*, *auch* e *einmal* com o quase-asseverativo *wahrscheinlich*. A enumeração introduzida pelo articulador *zunächst* é fechada mais adiante com outro articulador, o conclusivo *also*, e a certeza é reforçada com a repetição do asseverativo *einmal*.

- (71) M / *zunächst* ist ja *wahrscheinlich* auch einmal eine +g+ finanzielle Forderung zu erheben .+ daß man +g+ den der Psychiatrie insgesamt *einfach* mehr Geld zur Verfügung stellt +. / das ist also +g+ einmal sind das bessere räumliche Voraussetzungen.⁹⁴
(FK-334, p. 144)

A asseveração demonstra um grande envolvimento do sujeito com seu enunciado, não é raro, portanto, que o falante, além dessa avaliação, expresse também a sua emoção. Temos um exemplo disso em (72). A força asseverativa, indicada pelo articulador *aber* e pelos Mmods *auch* e *eben*, vem acompanhada da expressão da emotividade através do Mmod afetivo *leider* (*infelizmente*):

- (72) M aber +k *leider* +g+ ist auch ein derartiger Saal eben keine +p+ absolute Ausnahme.⁹⁵
(FK-334, p. 142)

⁹³ L1: pode-se discutir a respeito das formulações... mas em tese isto está certo.

⁹⁴ M: / primeiro é bem isso talvez na realidade seja preciso arrecadar apoio financeiro... para que realmente se coloque mais dinheiro à disposição do da psiquiatria... então é assim na verdade pressupõe-se melhores instalações.

⁹⁵ M: mas *infelizmente* uma sala realmente assim não é mesmo nenhuma exceção absoluta.

No plano da organização da formulação (gestão dos turnos), os marcadores desempenham freqüentemente a função de elemento “evitador de silêncio”, de sustentação do turno. No plano da expressão do conteúdo proposicional de um estado de coisas, o falante procura a forma de modalização que melhor se adapta a seu posicionamento em relação ao que vai ser enunciado. Nesse sentido, a própria atitude em face do que vai ser dito, por vezes, antecede a realização seqüencial do enunciado. Desta forma, encontramos alguns casos em que a própria modalização parece estar pronta antes mesmo que o enunciado da proposição. Percebe-se isto através das pausas separando os Mmods do resto da sentença no exemplos de (73) a (76):

- (73) (...) ... e eu acho que
então começaram a querer (ver) que ca/ o que cada povo
tinha a oferecer como cinema ... evidentemente ... pessoas
que chegam ao Brasil ficam encantadas com aquele
cenário do Rio de Janeiro ... com a nossa música
popular ... houve naturalmente uma aproximação ... com
... o nosso grande poetinha ... Vinicius de Moraes não é?
(D2SP-333:733-739)
- (74) (...) ... é óbvio que ... assim como ...
falando-se apenas em termos de São Paulo ... *Noticias
Populares* ... com o seu sensacionalismo tem o seu público
... o *Jornal da Tarde* também tem o seu público dentro
de outra linha ...
(D2SP-255:968-972)
- (75) psicologicamente não me sinto preparado ... então acho
detestável sob os aspectos ... e as experiências que tive
foram sempre ... ahn MUÍto desagradáveis ... evidente
que ... e as experiências agradáveis não foram registradas
(D2SP-255:188-201)
- (76) L2 Problem des Beginns des Lebens . es ist richtig , es gibt heute (...) ⁹⁶
(FK-568, p.383)

Outros Mmods são tão autônomos que uma pausa é necessária, devido ao seu valor conclusivo:

⁹⁶ L2: [sobre] o problema do início da vida... está certo... hoje há (...)

- (77) (...)... aí o que fizeram? construíram a caixa do tamanho do corpo de uma pessoa e puseram ratos lá dentro ...lógico... não teve efeito nenhum... rato é pequenininho não... sabe? se fizesse uma caixa desse tamanho talvez funcionasse...
(D2SP-343:1643-1647)
- (78) né?" aí vieram três pajés e ficaram duas horas suan::do ali em cima... mas fazendo os maiores estardalha::ços e tal acabaram tirando:... (acho que) uma pena uma pena de passarinho uma galinha... um negócio assim... pronto sarou... mas ((ri)) ficaram duas horas ali em cima
(D2SP-343:760-765)

Pode-se até argumentar que os asseverativos *lógico* e *pronto*, nos exemplos acima, demarcam o final das UDs, mas seu *status* de autonomia semântico-sintática elevam-nos quase ao caráter de sentenças (*pode-se concluir então o seguinte*).

Em alemão, detectamos algumas ocorrências de asseverativos do tipo acima, desempenhando múltiplas funções. Nos exemplos de (79) a (81), os MCs assumem, além da função modalizadora (asseverativa), a função de marcadores de concordância e, ao mesmo tempo, de tomada do turno:

- (79) M (also) mancher +k Fortschritt +g+ scheitert auch an der Einstellung der Gesellschaft
k+ an den Vorurteilen der Gesellschaft.
L1 (unbedingt) +k an den großen Vorurteilen .+ die da existiere (...) ⁹⁷
(FK-334, p. 147)
- (80) M praktisch kommen wir aber doch wieder zu dem Personalnotstand zu dem finanziellen
Notstand . der steht ja immer wieder dahinter +g+ sehen sie das auch so ?
L1 k+ (ja)
L2 (ja) +k
L1 (genau) ich meine unter diesen personellen Voraussetzungen (...) ⁹⁸
(FK-334, p. 151)
- (81) L8 (ja) . und zwar hätte ich gerne gewußt s+ wie definiert die Gesprächsrunde den Begriff
Ehe ? +s . / +g+ ist damit für sie nur der also der +p+
L7 der legalisierte Anspruch auf Sexualität (oder wie wollen sie s ? +g+)
L8 (jawohl) und zwar im Rahmen der Ehe (...) ⁹⁹
(FK-577, p. 330)

⁹⁷ M: (bom) às vezes o progresso sucumbe mesmo por causa da atitude da sociedade dos preconceitos da sociedade.
/ L1: (com certeza) por causa dos grandes preconceitos que existem aí (...)

⁹⁸ M: mas praticamente nós chegamos mesmo à questão do flagelo pessoal do flagelo financeiro... ele certamente sempre está por trás disso... os senhores também vêem isso assim? / L1: (sim) / L2: (sim) / L1: (exatamente) ... eu acho que por trás desses pressupostos pessoais (...)

Em (81) acima, *jawohl* confirma a proposição de L7 e marca a retomada do turno, seguida por uma inserção iniciada pelos articuladores *und zwar*. Em português, encontramos um exemplo análogo:

- (82) o resultado é que a
Televisão Cultura não consegue audiência *realmente*
né?
Doc. claro ... então o senhor falou do: ... da importância do
rádio né? então se nós fizéssemos uma comparação rádio
televisão?

(D2SP-255:702-707)

A questão da polidez, de um lado, e a de preservação da face, de outro, são outros aspectos que tangem a argumentatividade e que devem ser ressaltados quanto aos Mmods asseverativos. Uma vez que a asseveração compromete o locutor com o valor de verdade de seu enunciado em alto grau, é comum observar mecanismos de atenuação co-ocorrendo com os Mmods asseverativos. De (83) a (88), encontramos alguns exemplos de atenuação da asseveração (*eu tenho a impressão que, eu não sei exatamente qual...*):

- (83) L2 *eu tenho a*
impressão que ... eu tenho a impressão que o comércio ...
na verdade ... desvirtua até as coisas que são mais
CAras e mais SÉrias como por exemplo o Natal né?

(D2SP-255:1290-1294)

- (84) L2 *uma empresa ... eu não sei exatamente qual é a estrutura*
jurídica mas o fato é que houve uma reformulação nos
sistemas de correios... e:: ... nessa reformulação ... a
minha impressão é de que houve uma melhora ... até
mesmo essas críticas de terceiros que a gente sempre ouvia
dizer que a carta não chega e tal ...

(D2SP-255 812-817)

- (85) L1 *ch ... tem enfim tem :: dobermans tem diversas ... eh::*
diversas ... diversos cruzamentos né ? até que se chegue ...
àquele cachorro corajo::so do caboclo que era
negligenciado ... que de repente começou a ((risos)) ...
foi catalogado como um:: ... uma espécie muito rara e
MUIta e sobretudo parece que muito valente e muito
fiel ... então os ingleses estão importando os filas

(D2SP-333:1051-1057)

⁹⁹ L8: (é) e além do mais eu gostaria de saber como a mesa [de discussão] define o conceito casamento? ... para o senhores ele é só bom o... / L7: o ansio legalizado pela sexualidade... (ou como o senhor quer saber?) / (isso)... além do mais em relação ao casamento (...)

- (86) heute +g+ ist es doch so (so kann man durchgängig in den Veröffentlichungen auch auf katholischer Seite feststellen) ,+ daß +g+ der Mensch nicht um so mehr Mensch wird +, ,+ je mehr er sich vergeistigt +, ,+ sondern je mehr er i+ die Einheit zwischen Leib und Geist zu leben +i versucht +, .¹⁰⁰
(FK-577, p. 318)
- (87) M darüber is +k kein Zweifel / aber der zentrale Arbeitsstab der sollte sich wahrscheinlich doch so miteinander zusammenschließen ,+ daß er tatsächlich mit diesen einzelnen im Ausland k+ arbeitenden (...) Leuten etwas zu tun hat.¹⁰¹
(FK-573, p. 296)
- (88) / ich finde s+ man +g+ vertuscht eben doch Entscheidendes ,+ wenn man s nicht tut +, +s ,+ das nur die: überhaupt +g+ erkennen läßt +, ,+ was notwendig ist +, .¹⁰²
(FK-334, p. 156)

A ocorrência redobrada de asseverativos também é constatável e funciona para reforçar o valor de verdade do enunciado (*é verdade que é verdade que P*):

- (89) quando era ... menino ... acredito
que os primeiros livros que li eram livros:: ... da coleção Vampiro ... livros policiais e tal e sempre ... sempre me considerei o detetive em potencial ... na expectativa das descobertas ... que realmente ... nunca acabavam ... efetivamente acontecendo eu sempre me enganava na última hora ...
(D2SP-255:553-560)
- (90) Doc. e a dona I. também ...
L2 ah sim naturalmente nem há nem há dúvida ... nem há dúvida
(D2SP-333:1216-1217)
- (91) L1 / letzten Endes +g+ bedingt Partnerschaft +g+ doch wirklich das Sich-Einpendeln Sich-Einspielen auf den anderen und auf seine Gegebenheiten.¹⁰³
(FK-577, p.317)
- (92) M k+ sondern wir müssen tatsächlich auch gesellschaftspolitisch auf dem Stand unseres Wissens sein.¹⁰⁴
(FK-568, p. 390)

¹⁰⁰ hoje em dia realmente é assim ... (pelo menos é o que se pode ver frequentemente nas publicações da parte da igreja católica) que o ser humano não é mais ser humano por ser mais religioso... mas muito mais se ele procura uma harmonia entre o corpo e a alma.

¹⁰¹ M: não há dúvida disso ... mas a equipe central deveria quem sabe mesmo unir-se entre si de forma a que de fato ela tenha algo em comum com as pessoas que trabalham no exterior.

¹⁰² eu acho que na verdade realmente muita coisa decisiva é escamoteada se isso não for feito... que só mesmo através DEla é que se pode reconhecer o que é necessário.

¹⁰³ no final o que define a parceria é com certeza realmente o oscilar-se o equilibrar-se de acordo com o outro e com suas características.

¹⁰⁴ M: ao contrário nós precisamos de fato com certeza ... socio-politicamente falando... permanecer no nosso nível de nosso conhecimento.

- (93) L6 (ja) darf ich mal +k +g+ den Begriff Partnerschaft hier einführen ? . und Partnerschaft heißt ja nun wirklich nicht ,+ daß jeder die gleiche Rolle spielt¹⁰⁵
(FK-557, p. 317)
- (94) +s . / und darum +p+ ist es zweifellos doch so ,+ daß ein +g+ geschlechtlicher Verkehr der nicht aus wirkliche Liebe (natürlich nicht Liebe im Sinne von Sexualität) +g+ ein geschlechtlicher Verkehr der nicht aus wirkliche Liebe geschieht mit allem +. ,+ was dazu gehört +. der ganzen Verantwortung für die Part: ner +p+ daß der: verhängnisvolle Folgen haben kann +. ¹⁰⁶
(FK-577, p. 319)

Ocorrências homônimas de partículas de nuance (*Abtönungspartikeln*) do alemão nem sempre podem ser agrupadas na mesma categoria de modalização. É o caso do Mmod *wohl* que, dependendo do contexto em que está inserido, poderá ser um Mmod epistêmico (asseverativo ou quase-asseverativo) ou um Mmod deôntico. No cópús em alemão, foram encontradas as seguintes ocorrências de *wohl* como Mmod asseverativo:

- (95) *neueste Untersuchungen mit radio+g+aktiv markierten Substanzen zeigen sogar ,+ daß wohl: Beziehungen zwischen der Frucht vor der Nidation und dem mütterlichen Organismus und umgekehrt bestehen +. ¹⁰⁷*
(FK-586, p. 382)
- (96) (das ist nicht an sie an ihre Adresse persönlich gerichtet +g+ (liebe verehrte Glaubensgenossin) wohl aber an einige andere)¹⁰⁸
(FK-568, p. 386)

Em (95), a força ilocucionária de asseveração vem acompanhada de outros elementos ditos asseverativos: a exemplificação baseada em fonte científica (*neueste Untersuchungen ... zeigen*) e um outro Mmod asseverativo anteposto (*sogar*). Em (96), a especificação do alvo de crítica específico (*an einige andere*) como sendo outro que não o interlocutor imediato (*nicht an sie*) dão a *wohl* o status de Mmod asseverativo.

¹⁰⁵ L6: (é) posso introduzir aqui o conceito de parceria? ... e parceria não quer dizer mesmo agora realmente que cada um desempenha o mesmo papel.

¹⁰⁶ e por isso sem dúvida é mesmo assim um ato sexual que não [é feito] com amor verdadeiro ... (naturalmente não amor no sentido sexual) ... um ato sexual que não acontece com amor verdadeiro ... com tudo que faz parte disso ... de toda a responsabilidade para com os parceiros ... que ele pode ter consequências fatídicas.

¹⁰⁷ novas pesquisas com substâncias radioativas mostram até que sem dúvida há relações entre o feto antes da nidificação e o organismo materno e vice-versa.

¹⁰⁸ (isso não se refere à senhora pessoalmente... (com correligionária)... mas sem dúvida a alguns outros).

3.2.3.1.1.2 A questão da ordenação dos modalizadores

Outro aspecto muito importante a ser analisado na comparação dos corpóra nas duas línguas refere-se à questão de ordenação dos Mmods. Na explanação do modelo de análise fizemos uma ressalva a respeito da organização dos MCs fora do padrão de posicionamento nas margens das UDs (posições 1 e 2 como prototípicas no português). Lembramos que é possível reconhecer usos paragógicos dos MCs demarcando concomitantemente o escopo da sentença e um constituinte. Abaixo, encontramos alguns exemplos de Mmods asseverativos usados desta forma.

- (97) **sobretudo porque** neste ...
espaço de tempo ... sobreveio a compra do sítio ...
e através dessa compra **naturalmente** uma outra forma
de motivação ... ahn e conseqüentemente vamos:: ...
(D2SP-255:393-396)
- (98) programa de auditório **realmente** eu não gosto
(D2SP-255: 483)
- (99) L1 (ja) das ist sicherlich das allerschwierigste Problem **überhaupt**.¹⁰⁹
(FK-334, p.144)
- (100) / aber das ist sehr bewußt geschehen **einfach** deshalb ,+ weil wir wissen +, ,+ wie
ungeheuer verschieden und differenziert k+ die (...) ¹¹⁰
(FK-573, p. 298)
- (101) der springende Punkt ist **einfach** der die Rolle der politischen Entscheidung in der
auswärtigen Kulturpolitik.¹¹¹
(FK-573, p. 295)

Em português também foi encontrada uma ocorrência em que o Mmod asseverativo aparece no interior da UD. Ilari (1990:130) adverte que tais ocorrências podem estar sendo geradas pela presença de verbos do tipo “instrumento gramatical” ou

¹⁰⁹ L1: (é) esse é com certeza o problema mais complicado mesmo.

¹¹⁰ / mas isto aconteceu sabidamente **naturalmente** [por isso]... porque nós sabemos como [são] tremendamente diferentes e distintas as (...).

¹¹¹ o ponto principal é **naturalmente** o a papel da decisão política na política cultural exterior.

“nacionalmente vazios”, tais como os tradicionalmente chamados verbos de ligação *ser*, *estar* e *ficar*:

- (102) ... com a nossa música
popular ... *houve naturalmente* uma aproximação ... com
... o nosso grande poetinha ... Vinicius de Moraes não é?

(D2SP-333:737-739)

Mas é preciso, nesta altura da análise, observar um dado bastante relevante que importa para a comparação de qualquer aspecto das duas línguas, que dependa de relações sintáticas. Trata-se da ordenação dos constituintes, que pode influenciar na distribuição de elemento como os MCs.

Diferentemente da ordenação canônica do português (SVO), o alemão apresenta três tipos básicos de organização dos constituintes na sentença, cuja ordenação é determinada pela posição pré-fixada da forma finita do verbo, de acordo com o tipo de sentença em que estão inseridos (declarativa, interrogativa, imperativa; oração subordinada ou posições de orações principais). Este esquema é resumidamente apresentado a seguir:

A. Sentenças declarativas:

$$[]s_1 []Vf []s_3 []x []y []n \{ []Vp \}$$

onde:

s_1, s_3 = sujeito na posição 1 ou 3

Vf = forma finita do verbo (principal ou auxiliar, se houver, sempre na segunda posição)

{Vp} = verbo principal em forma infinita (forma usada em tempos compostos)

x, y, n = outros constituintes

a. Sentenças declarativas, sem a presença de elementos topicalizados (top), complementizadores (co), marcadores discursivos (md) não contáveis para a ordenação

dos elementos (*dann, deswegen, daher*) ou com a presença de (md) não contáveis (*und, also, denn*)¹¹²:

Er **liest**_{Vf} das Buch heute.
Er **hat**_{Vf} gestern das Buch **gelesen**_{Vp}.¹¹³

b. Sentenças declarativas iniciadas por (top) ou (md) do grupo de *dann* (contáveis para a ordenação):

Das Buch_(top) **liest**_{Vf} er heute.
Heute **liest**_{Vf} er das Buch.
Dann(md) **hat**_{Vf} er das Buch **gelesen**_{Vp}.

B. Orações interrogativas e orações principais pospostas:

[]Vf []s []x []y []n { []Vp }

a. Orações interrogativas com ou sem a presença de complementizadores ou marcadores discursivos (Vf sempre em posição inicial):

Liest_{Vf} er das Buch?
Hat_{Vf} er gestern das Buch **gelesen**_{Vp}?

b. Orações principais pospostas às subordinadas:

Wenn er nach Hause kommt, **liest**_{Vf} er das Buch.
/quando ele para casa vier. lê ele o livro/
Quando ele vier para casa ele lê o livro.

C. Orações subordinadas introduzidas por (co) subordinativo (*weil, obwohl, während*):

[]co []md []top []s []x []y []n { []Vp } []Vf

Orações subordinadas introduzidas por (co) subordinativo, com a presença ou não de (md) ou (top):

..._(co) **daß**_(co) er das Buch **liest**_{Vf}.
..._(co) **daß**_(co) er gestern das Buch **gelesen**_{Vp} **hat**_{Vf}.

¹¹² Entre os complementizadores, consideraremos as conjunções subordinativas *weil, daß, nachdem* etc., e entre os marcadores discursivos são consideradas as ocorrências dos mesmos como articuladores conversacionais, p. ex. *denn, also, und*.

¹¹³ Ele **lê** o livro hoje. Ele [**há**] ontem o livro [**lido**] = Ele **leu** o livro.

Ilari (1990:125) propõe o seguinte esquema para as posições possíveis dos advérbios sentenciais no português, considerando a ordenação canônica SVO:

$$[]_{co} []_{md} []_{top} (1) [s []_s (3) [p []_v (4) x (4) y (4) n]_p]_s (2)$$

As posições (1) e (2) dos advérbios modalizadores referem-se à colocação prototípica inicial e final na sentença (S), antes do sujeito (s) e do predicado (p). (3) representa a posição anterior ao verbo (v) e (4) antes de qualquer outro constituinte (x,y,n).

Como anteriormente assumimos os advérbios modalizadores também como Mmods, principalmente aqueles em posição inicial ou final (1 ou 2), é de se esperar que, em vista da ordenação sintática do alemão, segundo os esquemas acima, o posicionamento dos MCs deverá ser revisto para esta língua. Dai:

Posição dos marcadores modalizadores em alemão
A. (1) []_s (3) []_Vf (4) []_s (4) []_x (4) []_y (4) []_n (3) []_Vp (2)
B. (1) []_Vf (4) []_s (4) []_x (4) []_y (4) []_n (3) []_Vp (2)
C. []_co []_md []_top (1) []_s (4) []_x (4) []_y (4) []_n (3) []_Vp []_Vf (2)

Naturalmente, existem muitos outros fenômenos que importam para a ordenação dos elementos tanto no português como no alemão, como é o caso da negação. No entanto, as breves considerações acima mencionadas nos bastam para evidenciarmos algumas diferenças básicas entre o uso dos MCs no português e seu uso no alemão. Uma das diferenças que salta aos olhos, mesmo não tendo sido feito um levantamento estatístico do fenômeno, deve-se ao fato de que, em alemão, tanto nas sentenças do tipo A, como B ou C, os MCs tendem a ocupar mais as posições (4) no interior da sentença.

Isto efetivamente decorre das razões sintáticas mencionadas em (1.2.7) a respeito da ordenação das partículas (*Partikeln*) e das palavras modais (*Modalwörter*) em alemão. Estas considerações valem para todos os Mmods. Abaixo, podemos encontrar alguns exemplos de Mmods na posição (4).

- (103) (C) (...) und warum soll man das immer beim Alten lassen? .+ wenn man jetzt **sowieso** **nen neuen Anfang** einigermaßen machen will +.¹¹⁴
(FK-573, p. 312)
- (104) (A) e (C) (...) und zweitens möchte ich ihnen entgegen (Herr z+Müller-Emmert) s+ die neuen biologischen Erkenntnisse sind noch keinesfalls am Ende +s . und es steht noch **kei:nesfalls so fest** ,+ wie sie sagen + ,+ daß im Moment der Befruchtung +g+ keine Beziehung zwischen dieser Frucht und dem mütterlichen Organismus besteht .¹¹⁵
(FK-568, p.381)
- (105) (B) / und da wär eigentlich konsequent .+ wenn man schon lamentiert um den +g+ um den vergeudeten Samen (nicht) ? + , . da k+ fängt s an.¹¹⁶
(FK-568, p. 388)

Muitos outros fenômenos poderiam ainda ser mencionados e exemplificados aqui a respeito do que estaria privilegiando esta ou aquela posição tanto em português como em alemão, tal como a natureza do verbo, como já foi citado (ex. 102), a presença ou ausência de (md), (top) ou (co). No entanto, nosso estudo se restringe apenas a arrolar e a descrever os diversos tipos de Mmods em alemão e em português, de forma a detectar ocorrências de MCs de “proximidade” semântica, uma vez que não podemos encontrar elementos semanticamente “iguais”, no seu sentido estrito, quando falamos de comparação de línguas.

Resumidamente, podemos dizer que os asseverativos são frequentemente atenuados ou pela presença de outros Mmods epistêmicos de valor quase-asseverativo ou delimitador, ou por outro algum outro tipo de mecanismo atenuador, mencionados anteriormente, tal como entonação, sinestese, escolha de tempo ou modo verbal, etc.

¹¹⁴ M: (...) e por que temos que permanecer sempre com o antigo?... se agora se quer na **realidade** um novo começo.

¹¹⁵ (...) ... e ... segundo ... eu gostaria de retrucar ... (senhor Müller Emmert)... as novas descoobertas biológicas ainda não estão de **forma alguma** no final... e ainda não se sabe pode afirmar de jeito nenhum... como o senhor diz... que no momento da fertilização não haja nenhuma relação entre o feto e o organismo materno.

¹¹⁶ e aí seria evidentemente sensato se se lamentasse sobre o sêmen desperdiçado (não)?... é aí que começa.

Quando a intenção pretendida pelo falante é primordialmente asseverativa, pode haver a co-ocorrência de mais Mmods asseverativos na mesma UD. Nesta seção, levantamos alguns pontos críticos relevantes para a análise de todas as categorias de Mmods: presença ou ausência de articulador juntamente com o Mmod, funções da co-ocorrência com outros Mmods, importância da ordenação prototípica dos Mmods (1) em português e (1 e 4) em alemão, devido a fatores sintáticos específicos de cada uma das línguas. Na análise das demais categorias de Mmods, retomaremos somente o questionamento referente aos dois primeiros fenômenos, já que a questão de ordenação envolve um embasamento especificamente sintático que não cabe no escopo deste trabalho.

3.2.3.1.2 Marcadores epistêmicos quase-asseverativos

Os Mmods quase-asseverativos fazem parte de outro grupo de modalização epistêmica, o do plano do *indeciso*, *contestável* ou *plausível*. Através de seu uso, os falantes indicam uma determinada incerteza quanto ao valor de verdade de seu enunciado. Juntamente com o grupo dos Mmods delimitadores, os quase-asseverativos representam alguma forma de atenuação do enunciado. Desta forma, são usados como mecanismos de preservação da face para evitar alguma conotação negativa produzida pelo enunciado, para demonstrar polidez interativa, e assim provocar a adesão do ouvinte aos argumentos apresentados. Este grupo revela um sem número de expressões que podem ser parafraseadas por *eu acho que P*, *é provável que P*.

3.2.3.1.2.1 A co-ocorrência com articuladores discursivos

Como mecanismo de atenuação, é possível encontrá-los acompanhados de articuladores do tipo lógico adversativo ou conclusivo, muitas vezes representados em português através de *mas* e *então*. Em alemão encontramos a mesma estratégia, acompanhada dos articuladores *aber* e *denn*.

(106)

... eu ... sou um indivíduo que: ...
não me envergonho em determinadas circunstâncias ... de
ter que: me humilHAR para obter algumas coisas ainda
que esta humilhação seja em termos assim marcados por

uma certa:: condição de nobreza ... mas acho que apanhar um táxi em São Paulo ... ou enfrentar as filas de ônibus corresponde a uma humilhação ... para a qual eu ... ahn psicologicamente não me sinto preparado ...

(D2SP-255:190-200)

- (107) L1 (né? então) eu Acho que ela não está conseguindo nem atuar sobre o que vai existir...

(D2SP-343:98-99)

- (108) aber etwas anderes .+ glaube ich +. +g+ bewirkt ,+ daß das junge Mädchen in vie: len Fällen nicht das große Erlebnis haben kann +,¹¹⁷

(FK-334, p. 328)

- (109) denn: ich meine g+ ein Embryo eine befruchtete Eizelle ist schon nicht mehr eigener Körper der Frau sondern ist schon etwas anderes +s.¹¹⁸

(FK-568, p. 372)

Também como os Mmods asseverativos, é possível encontrá-los com articuladores do tipo continuadores, tais como *bom*, *e* ou *agora*, em português, e *also* e *und*, em alemão:

- (110) L2 é meio incontrolável né? e acho que :... acho que esse negócio se repete ou acaba se repetindo em qualquer cidade que... atinge um certo tamanho se bem que em São Paulo acho que tem um problema específico de:...

(D2SP-343:104-107)

- (111) bom ... eu::... tenho a impressão seguinte ... eu ... eu não sou propriamente jornalista

(D2SP-255:983-984)

- (112) und mir scheint eben .+ daß gerade auch die einzelnen Goethehäuser die Außeninstitute ihre Bedürfnisse jetzt richtig artikulieren sollten¹¹⁹

(FK-573, p. 305)

- (113) L4 (ja) (also) ich meine s+ wir sind hier natürlich bei einem außerordentlichen zentralen Problem +s.¹²⁰

(FK-577, p. 316)

¹¹⁷ mas outra coisa... eu acho confirma que a jovem em muitos casos não pode ter a grande emoção.

¹¹⁸ então ... eu penso... um embrião uma célula fertilizada já não é mais parte do corpo da mulher e sim uma outra coisa.

¹¹⁹ e me parece na verdade que na verdade mesmo cada um dos Goethe... dos institutos estrangeiros agora deveriam articular as suas necessidades de maneira adequada.

¹²⁰ (é) (então)... eu acho... nós chegamos aqui naturalmente a um problema extremamente importante.

3.2.3.1.2.2 Os quase-asseverativos e a atenuação

Assim como foram elencados por Margaret Rosa (1992), os marcadores de atenuação podem ser realizados através de expressões verbais e locuções adverbiais:

- (114) ... **de maneira que eu suponho ... que** nesta proporção
(...) que:: à medida que vai
a distância aumentando vai naturalmente aumentando
o preço da passagem
(D2SP-255:74-77)
- (115) L2 **eu vejo**
L1 **acho que** a economia é mais forte do que a lei... ainda...
L2 **é meio incontrolável né? e acho que** ::... **acho que** esse
105 **negocio se repete ou acaba se repetindo em qualquer**
cidade (...)
(D2SP-343:102106)
- (116) **me parece que** o papel exatamente seria o de promover o crescimento ...
(D2SP-343:675)

Ocorrências do mesmo tipo também podem ser encontradas em alemão:

- (117) und dieser Informationsfluß +k scheint mir also ganz wesentlich zu sein für die
weitere Entwicklung.¹²¹
(FK-334, p. 150)
- (118) +, s+ sondern wir müssen doch +, glaub ich +, heute +g+ wohl allmählich +g+
daran festhalten +, daß die Geschlechtlichkeit +g+ integriert werden muß in die
Gesamtpersönlichkeit +, +s.¹²²
(FK-577, p. 319)

Outro tipo de ocorrência, já detectada também por Margaret Rosa, realiza-se sob a forma de prefácios ou posfácios indicadores de opinião, também usados como atenuadores:

¹²¹ e esse fluxo de informações **me parece assim** bastante importante para um desenvolvimento futuro.

¹²² mas nós devemos mesmo... **eu acho** ... hoje cada vez mais entender que a sexualidade precisa ser integrada ao todo da personalidade.

- (119) (...) você pode inclusive dizer que o nível geral de... sei lá de ansiedade das pessoas vai aumentar... eu acho provável isso... (D2SP-343:1291)
- (120) L1 mas aí tem muita coisa por trás né? ([...])¹²³ (é o que eu penso) hoje em dia (...) (D2SP-343:1606-1607)
- (121) vielleicht mag es darauf zurückzuführen sein ,+ daß die sogenannte Dunkelziffer größer geworden ist +, aber sicher auch darauf ,+ daß die Abtreibung nicht mehr das Problem ist +, + wie es früher war¹²⁴ (FK-568. p. 378)

Note-se que em (121) acima, o prefácio atenua a adversativa à direita de *aber*.

Os Mmods também podem ser multifuncionais e ocupar ao mesmo tempo o *status* de Mmod e de marcador de formulação ou reformulação do enunciado. Em português, (122) e (123), estas marcas são realizadas através de expressões como *sei lá*, *não sei bem*, *digamos assim*, *assim*. Em alemão, encontramos uma forma homônima do articulador *also* usada como atenuador, como no exemplo (71) acima.

- (122) mas talvez assim por uma questão de pensamento (D2SP-255:1407)
- (123) (...) seria interessante se alguém fizesse experiências diferentes com os lemingues para ver se... não tem mar o que faria:... sei lá alguma:: mudan::ça de de de esquema... como reagiria (D2SP-343:1627-1630)

3.2.3.1.2.3 A atenuação e o contraste tipológico dos *cópora*

Na apresentação dos *cópora* já tínhamos indicado que os inquiridos FK apresentam uma formação discursiva em alguns pontos diferenciada dos D2. Entre estes pontos, destaca-se o aspecto de contração num único supertópico (aborto, sexo antes do casamento, política cultural e assistência a doentes mentais), o que torna as discussões mais fixas e uniformes no que se refere à organização hierárquica dos subtópicos. Outro

¹²³ A notação (...) indica uma superposição de voz não transcrita no exemplo.

¹²⁴ talvez isso possa ser atribuído ao fato de que a assim chamada "cifra negra" acabou ficando maior... mas com certeza também ao fato de que o aborto não é mais o problema que era antigamente.

aspecto importante deve-se ao fato de que os protagonistas dos FK eram especialistas do assunto e que justamente por esse motivo foram convidados para um debate, o que evidencia um discurso de força argumentativa mais visível. Este foi um dos pontos que não nos permitiu submeter os dados a uma análise estatística. O número maior de interlocutores exigiu que o moderador atuasse para uma distribuição dos turnos mais equilibrada. Tal dado valida o uso de expressões metadiscursivas do tipo *vielleicht könnten Sie dazu etwas sagen...* (talvez o senhor pudesse dizer algo a respeito disso...), usadas pelos falantes para entregar ou tomar o turno. Nestas expressões encontramos a ocorrência do Mmod quase-asseverativo *vielleicht*, que na maioria dos casos têm seu uso aproximadamente equivalente ao *talvez* do português, mas que, nessas expressões, parece desempenhar mais o caráter de atenuador.

(124) *vielleicht geben wir das Wort weiter an die junge Generation.*¹²⁵ (FK-577, p. 329)

(125) *(ja) ich darf das vielleicht kurz wiederholen.*¹²⁶ (FK-577, p. 330)

(126) *lassen sie mich vielleicht schließen mit dem Eindruck .+ den ich aus dieser Diskussion gewonnen habe*¹²⁷ (FK-334, p. 157)

(127) *die Tatsache +k daß ich für (kann ich vielleicht darauf eingehen) die Tatsache. daß (...)*¹²⁸ (FK-568, p. 378)

Outros usos de *vielleicht* como ocorrência prototípica de Mmod quase-asseverativo também podem ser encontrados, usados de forma equivalente ao *talvez* do português:

(128) *vielleicht is es möglich i+ also eine Art +g+ (ja) Informationssekretariat zu schaffen.*¹²⁹ (FK-573, p. 307)

¹²⁵ quem sabe passamos a palavra à geração jovem.

¹²⁶ (é) será que eu poderia repetir rapidinho.

¹²⁷ me deixe quem sabe encerrar com a impressão com a qual eu fiquei da discussão.

¹²⁸ o fato é que eu para... (posso... quem sabe ... falar sobre isso) o fato de que (...).

¹²⁹ talvez seja possível assim ... (é)... criar uma espécie de secretaria de informação.

(129) ... não sei ...talvez outros possam ter outras críticas

(D2SP-255:836-837)

Assim como foi evidenciado por Koch e Oesterreicher (1990), nas línguas românicas as equivalências das partículas de nuance (*Abtönungspartikeln*) são realizadas através de outros procedimentos usados para atenuar o enunciado. Daí ser impraticável encontrar, para o português, uma equivalência exata dessas partículas do alemão. Um dos Mmods desse tipo é o *wohl* do alemão, cuja realização em português nem sempre poderia ser demarcada por um MC e sim por um outro mecanismo modalizador de forma a marcar a atenuação introduzida pela quase-asseveração. A presença de *wohl* em sentença interrogativa em (130) confirma a modalização da incerteza. E o fato de estar acompanhado de outros dois Mmods asseverativos (*doch* e *auch*) reforça a idéia de atenuação.

(130) M +g+ ich glaube +g+ s+ das Thema war teilweise schon angesprochen +s . vielleicht wird es noch mal klarer artikuliert . *ich nehme an* +g+ ,+ daß die jüngere Generation +p+ hier in dieser Beziehung doch wohl auch für die voreheliche Sexualität plädiert im Sinne einer partnerschaftlichen Tendenz + . ?¹³⁰
(FK-577, p. 330)

Em (131), a seguir, *wohl* vem acompanhado de um delimitador (*zum Teil*) reforçando a idéia de dúvida quanto ao enunciado. Outros elementos presentes no trecho selecionado concorrem para comprovar a modalização da incerteza, tais como outros delimitadores como *bis zu einem gewissen Grade* (*até certo ponto*), *etwas* (um pouco) e o verbo *anmuten* (*dar a impressão de*).

(131) L1 (nun) die Angst rührt *zum Teil wohl* daher .+ daß dieses ganze Gebiet *bis zu einem gewissen Grade* unbekannt *etwas* unheimlich *anmutet* +.¹³¹
(FK-334, p. 152)

Em suma, podemos afirmar que, além de co-atuarem para a expressão de incerteza ou dúvida do falante, os Mmods quase-asseverativos desempenham também o

¹³⁰ M: eu acho que o tema já foi falado de alguma forma... talvez ele ainda seja articulado melhor... *eu suponho* que a geração mais jovem aqui em relação a isso que ela sem dúvida... quem sabe mesmo seja a favor do sexo antes do casamento no sentido de uma tendência de parceiros?

¹³¹ L1: (agora) o medo tem a ver em parte... assim ...que toda essa área parece *até certo ponto* desconhecida meio escondida.

papel de atenuadores do enunciado, uma vez que o evento conversacional é regido por normas específicas de polidez e cooperação entre os protagonistas. No que se refere à comparação específica dos corpóra aqui apresentados, ficou evidenciado que a formação discursiva das entrevistas em alemão exige dos participantes expressões do tipo *darf ich mal unterbrechen, kann ich vielleicht darauf eingehen*, denunciando alto grau de polidez, imposto naturalmente pelo contexto em que as mesmas estão inseridas e pelo baixo grau de familiaridade entre os falantes. Tais condições não permitiram, portanto, uma análise estatística das ocorrências de MCs encontradas.

3.2.3.1.3 Marcadores epistêmicos delimitadores

A modalização introduzida pelos *hedges* delimita a perspectiva do ponto de vista do qual deve ser visto o enunciado, ou seja, o falante orienta o interlocutor no modo como este deve interpretar o conteúdo proposicional de seu enunciado. A denominação **delimitadores** introduzida por Castilho (1992b) dá conta da idéia de que os *hedges* são elementos que circunscrevem o âmbito de interpretação dos enunciados, daí decorre a sua força ilocucionária, maior até que a dos asseverativos e quase-asseverativos, pois eles confirmam certos traços do enunciado (do falante ou do que já foi dito) e apagam outros.

Abaixo, encontramos alguns exemplos de Mmods delimitadores:

- (132) (...) ... haja visto o exemplo que eu dei né? do
Silvio Santos ... que é um homem do comércio ... e que
acabou se transformando até num DOno de televisão
praticamente ... então o que representa isso de
(D2SP-255:1330-1334)
- (133) você mexe...([...]) fundamentalmente ([...] com os indivíduos né?
(D2SP-343:534)
- (134) L1 crescimento... o Brasil diz-se basicamente
subdesenvolvido e diz-se também que ele está crescendo...
se desenvolvendo... parece que está saindo de uma...
condição de subdesenvolvimento para chegar sei lá numa
de desenvolvido... okay?...
(D2SP-343:499-504)

Em (132), o falante confirma o papel de homem de televisão desempenhado por Sílvio Santos através de *praticamente*, ressalta ainda o seu *status* de dono de televisão. Percebe-se ainda a intenção no aumento da tessitura de voz em *DOno*. Em (133), o falante delimita a natureza do “objeto” com o qual se mexe: indivíduos. Ele o faz de forma genérica, através do uso de *fundamentalmente*. Em (134), o falante afirma que, do ponto de vista de desenvolvimento, o Brasil se considera *basicamente* subdesenvolvido.

Em alemão, também podemos encontrar exemplos de Mmods delimitadores desempenhados por advérbios de sentença:

- (135) M .+ obwohl sie +g+ praktisch abhängig ist vom Kreislauf der Mutter und in der k+ nur: in der Mutter existieren kann +, +g+¹³²
(FK-568, p.372)
- (136) das heißt s+ sie haben schon siebzehn Jahre lang in einer bestimmten Umgebung gelernt ,+ +g+ welche Rolle sie eigentlich zu vertreten haben +, +s . / und it+ von da aus jetzt zurückzu+g+ schließen auf +g+ Anlagen +i denn das ist es ja ,+ was man man macht im Grunde ja +, + wenn man sagt von Natur aus +, . +z dann macht man eine Annahme darüber ,+ wie Sexualität vor irgendwelchem Lernprozess +g+ in dem Einzelnen angelegt sei +,¹³³
(FK-577, p. 317)
- (137) / aber grundsätzlich würde ich sagen s+ es wäre ein Unglück +s .+ wenn man nun +g+ sich +g+ die Aktivität darin erschöpfte +, it+ nun wiederum nur Großkrankenhäuser zu bauen +i +,¹³⁴
(FK-334, p. 148)

O uso de *praktisch* em (135) indica o caráter conclusivo dado pelo moderador ao seu enunciado, é como se ele dissesse *isto só pode ser compreendido deste ponto de vista*. Em (136), o falante orienta seus interlocutores para que interpretem seu enunciado sob a perspectiva: *o aprendizado sobre a sexualidade é um processo natural pelo qual os indivíduos im Grunde (fundamentalmente) passam*. A ocorrência de *grundsätzlich*,

¹³² M: embora ela *praticamente* dependa da circulação da mãe e possa existir na só na mãe.

¹³³ quer dizer elas já aprenderam durante dezessete anos em um determinado meio que papel elas na verdade devem representar... e a partir daí agora para relacionar com tendências... então é isso mesmo o que se se faz no fundo mesmo como se diz por natureza... então supõe-se que a sexualidade está condicionada em cada um antes mesmo de qualquer processo de aprendizado.

¹³⁴ / *mas* ...basicamente eu diria que seria uma pena se se esgotasse a atividade assim só construindo grandes hospitais.

em (137), toma como escopo não só o enunciado que segue, mas também o contexto anterior (não transcrito), no qual se falou sobre que tipo de melhorias poderiam ser produzidas no campo da psiquiatria. O falante, então, avalia a situação e orienta seus interlocutores para o fato de que somente construir hospitais não seria uma solução satisfatória.

Os exemplos acima confirmam a grande força ilocucionária presente no uso dos *hedges* delimitadores. Eles evidenciam um linha argumentativa fundamentada no contexto ou na exemplificação.

Nos corpóra, encontramos, ainda, exemplos de delimitadores confirmadores de parte do enunciado do falante anterior, ou seja, o falante atual aceita em parte o que foi dito pelo interlocutor, mas nega outra parte, como nos exemplos de (138) a (141).

- (138) embora o que o C. falou seja
verdade numa certa medida quer dizer conforme a hora e
conforme o bairro conforme a linha que a pessoa se serve
... é um sacrifício realmente imenso né?
(D2SP255:228-231)
- (139) L1 (...) considero anedotas ... ahn
muito pouco engraçadas ... mas:: como anedotas válidas
... o horóscopo e outras partes dos jornais né?
L2 é eu:: ... de certa forma também ... parte recreativa do
(D2SP-255:1241-1245)

As ocorrências de *schon* em alemão vêm inclusive acompanhadas do operador adversativo *aber* (*mas*). Percebe-se, então, que o Mmod nestes casos foi usado como forma de atenuação do enunciado, ou seja, o falante preserva a sua face, ao aceitar parte da argumentação do seu interlocutor.

- (140) ich glaube ,+ daß da schon bestimmte Konzeptionsvorstellungen erarbeitet werden
müssen +, ,+ die +g+ hinzukommen zu der spontanen Tätigkeit der einzelnen Leute +,
. /*aber* eine direkte Frage doch mal an Herrn z+ Wasener +z(...) ¹³⁵
(FK-573, p. 301)
- (141) und ich glaube eben ,+ daß so eine koordinierende Stelle +g+ diesen sanften Zwang
+g+ wirklich ausüben würde +, . / denn es hat sich einfach gezeigt ,+ daß die

¹³⁵ eu acho até que determinadas posições devam ser repensadas ... que tenham a ver com a participação espontânea de cada uma das pessoas... *mas* [eu queria] mesmo [fazer] uma pergunta ao senhor Wasener (...).

verschiedenen Organisationen die zum Teil auch ,+ wie Herr z+ Wasener +z sagt +, +g+ durchaus schon Dinge ,+ die in den neuen Leitsätzen drinstehen +, tun *aber* sie doch nebeneinander tun und +g+ zum Teil gar nich bewußt sondern unbewußt +g+ gegeneinander tun +, ¹³⁶

(FK-573, p. 302)

Outra forma de restringir o âmbito de interpretação dos enunciados reside no uso da especificação do domínio de conhecimento humano. Dessa forma, os falantes procuram respaldo científico para o seu enunciado, o que torna a sua argumentação mais forte. Os exemplos de (142) a (146) abaixo demonstram bem este uso.

- (142) em termos diferentes ... a maneira de falar do amazonense
... isto geograficamente tem uma importância muito grande ... hoje a gente percebe que a televisão ... está ...
(D2SP-255:626-628)
- (143) ... ((vozes)) porquê? porque a comunidade dos homens
ela não é biologicamente levada a viver junto *mas* é (...)
(D2SP-255:1524-1525)
- (144) L4 weder +k Eizelle allein noch die Samenzelle allein ist ein neues Lebewesen . *den* rein biologisch gesehen haben beide als Keimzellen nur den halben Chromosomensatz und damit das halbe Erbgut. ¹³⁷
(FK-568, p. 373)
- (145) und es ist nichts obszöner (für mich ist obszön vor allem ,+ was politisch obszön ist +, und ,+ was Mord ist +, ,+ was Leben tötet +.) es ist nichts obszöner als i+ hier eingzugreifen in die gewiß oft sehr tragische Dimension +i +p+ k+ ... ¹³⁸
(FK-568, p. 386)
- (146) ich plädiere für n dritten Monat ,+ weil das gesellschaftspolitisch *meiner Ansicht nach* das ethischste wäre +, ¹³⁹
(FK-568, p. 390)

¹³⁶ e eu acho que um departamento assim coordenador na verdade iria desempenhar uma pressão leve... pois ficou claro que diferentes organizações que... em parte como o senhor Wasener diz... sem dúvida até já fazem coisas que estão nas linhas básicas... *mas* mas elas atuam por fora em parte não conscientemente... mas inconscientemente atuam umas contra as outras.

¹³⁷ L4: nem o óvulo isolado nem o espermatozóide isolado é um ser novo... *pois* ... falando bem biologicamente... ambas as células só têm a linha de cromossomos ... e dessa forma a metade da hereditariedade.

¹³⁸ e para mim não há nada mais obsceno (para mim sobretudo o mais obsceno ... o que politicamente é obsceno e que é assassinato... que mata a vida) ... não há nada mais obsceno que intervir aqui nessa dimensão ... certamente sempre trágica...

¹³⁹ eu sou a favor do terceiro mês porque socio-politicamente... *na minha opinião*... isso seria o mais ético.

Algumas vezes, o argumento baseado na fundamentação científica vem expresso através de parênteses ou digressões, como em (142), (144) e (145). Em (143), temos uma resposta explicativa iniciada por *porque*, que acaba funcionando também como uma espécie de digressão explicativa, assim como em (146).

Através do exposto acima, podemos dizer que os Mmods delimitadores representam um recurso argumentativo usado tanto para atenuar o enunciado como para dar crédito ao enunciado, fundamentando-o em algum domínio do conhecimento. A atenuação por eles introduzida indica uma aceitação de parte do que foi dito pelo interlocutor, evitando, assim, a negação absoluta que, em termos conversacionais, iria contra as regras de polidez e cooperação entre os falantes. Os Mmods também orientam os ouvintes para que tomem como escopo da interpretação somente uma parte do conteúdo apresentado pelo enunciado. Podemos afirmar, ainda, que, quanto mais genérica for a forma de modalização introduzida pelos Mmods delimitadores (*assim em termos gerais, de certa maneira, de certa forma; zum Teil, im allgemeinen, im ganzen*), menos asseverativa será a proposição, e quanto mais específica (*teoricamente, geograficamente, em termos políticos: wissenschaftlich, politisch gesehen, biologisch*), mais asseverativo será o enunciado.

3.2.3.2 Marcadores deonticos

Como foi anteriormente comentado em (2.4.1), os modalizadores deonticos incidem sobre o enunciado de maneira a acentuar o grau de obrigatoriedade ou de necessidade com que o conteúdo da proposição deve ocorrer. Dado esse valor argumentativo, os deonticos devem, naturalmente, ocorrer em contextos mais imperativos, quer dizer, onde a noção do valor de obrigatoriedade dos enunciados seja relevante. Imagina-se, então, que devem ser comuns em relações assimétricas (pai-filho, professor-aluno, médico-paciente, especialista-leigo) ou, ainda, em discussões onde a argumentatividade é baseada em conceitos morais circunscritos a um determinado conjunto de conceitos culturais. Os inqueritos do tipo de D2 do NURC não apresentam estas características como base de sua formação discursiva, embora possamos detectar

ainda determinadas ocorrências, como veremos a seguir. Como ficou claro na apresentação dos corpóra em (3.1.1.1), o próprio contexto político-social em que estavam inseridas as entrevistas do NURC não permitiriam de forma alguma que fossem feitas gravações centradas em assuntos do tipo que foram feitas para o projeto de Freiburg (*aborto, sexo antes do casamento*, etc.). Assim, é de se esperar que tenhamos uma maior frequência de Mmods deónticos no corpús do alemão falado.

Tanto em português como em alemão, os Mmods foram usados, de um lado, como elementos demarcadores de opinião contrária à do interlocutor e, de outro, como marcas da expressão de necessidade de realização ou de compreensão dos conteúdos apresentados no enunciado, sob o ponto de vista do falante. Como marcas de opinião contrária, temos os seguintes exemplos:

(147) L2 é... mas aí você tem que ver que:... é isso justamente que contém talvez o uso... da coisa não sei pode acontecer mas... é...
(D2SP-343:1582-1584)

(148) L1 então sempre de... olhar para um outro você já sabia você já sabia esse cara é valoroso ou não... correto?... será que para nós para a gente isso não muda?
L2 [é mas tem que ver que tudo é relativo né?
(D2SP-343:1162-1166)

(149) L4 / (ja) aber ich muß da +g+ da dem eigentlich entgegenhalten ,+ +g+ daß das natürlich Ergebnisse sind +, + die durch Befragung +g+ von +g+ Personen gewonnen werden +.¹⁴⁰
(FK-577, p. 317)

(150) M / aber da ... ich muß da noch eine Gegenfrage stellen.¹⁴¹
(FK-573, p. 293)

(151) L2 (ja) und das sagt ja das Grundgesetz . in dem Augenblick ,+ in dem wir Leben vor uns haben +, ist es durch Artikel zwei geschützt . es ist ja nicht an dem ,+ daß ich kein

¹⁴⁰ L4: (é) mas aí na verdade eu preciso retrucar que isso naturalmente são resultados conseguidos através de uma pesquisa com pessoas.

¹⁴¹ M: mas aí ... eu preciso fazer uma [contra-]pergunta.

Verständnis hätte für die Frauen +. . ttttt-Gelächter aber ich muß sagen ,+ wie die Rechtslage ist +. ¹⁴²

(FK-568, p. 384)

Vemos que todos os exemplos vêm acompanhados dos articuladores adversativos *mas* e *aber*. As ocorrências em (149), (150) e em (151) representam expressões metadiscursivas que introduzem o enunciado adversativo. Em (147), o falante ainda atenua através dos Mmods quase-asseverativos *talvez*, *não sei*, *pode acontecer*, mas acaba retomando a negação em *mas... é*.

Em (152), o falante explica, através do Mmod deôntico, que parte do conteúdo da proposição deve *necessariamente* ser a mais relevante:

- (152) ... é uma comédia engraçada e ao mesmo tempo muito amar::ga na sua solução ... mas com essa interpretação maior da Irene Ravache ... eu acho que é a única coisa que eu devo assinalar ... agora outro dia esteve aqui (...)

(D2SP-333:875-880)

Ai esgotam-se as ocorrências de deônticos no corpus do português. Em contrapartida, justamente pelo que foi abordado acima, em alemão o número de Mmods deôntico é muito maior e , por conseguinte, apresenta uma maior variedade de realizações de reforços metadiscursivos introduzindo o que se vai dizer, de (153) a (155), e de elementos indicadores de restrição do que deve necessariamente ser interpretado, de (156) a (164), tais como as digressões explicativas e correções (164), que exemplificamos de maneira resumida, abaixo, sem uma transcrição mais apurada do contexto em que aparecem.

- (153) gerade bezüglich des letzten Begriffs muß ich nur noch ganz kurz sagen ,+ daß (...)¹⁴³

(FK-568, p. 370)

- (154) L1 (ja) +g+ +k ,+ wenn ich schon wieder was sagen soll +, +. aber ich will ja auch nicht zuviel reden.¹⁴⁴

(FK-577, p. 320)

¹⁴² L2: (sim) e isso é o que diz a constituição... no momento em que temos a vida diante de nós ela está protegida pelo artigo dois... não quer dizer que eu não tenha compreensão com as mulheres (risos)... mas eu devo dizer qual é a situação legal.

¹⁴³ justamente em relação ao último conceito eu preciso só dizer rapidinho que...

¹⁴⁴ L1: (é) seu eu tiver que dizer algo ... mas eu não quero mesmo falar muito.

- (155) **da muß ich sie unterbrechen** (Kollegin). z+ Hypokrates +z hat davon nichts gesagt¹⁴⁵
(FK-568, p. 390)
- (156) **und wir müssen festhalten** ,+ daß der Zeitpunkt der Unterbrechung immer ein gesellschaftspolitisches Problem ist +, ¹⁴⁶
(FK-568, p. 390)
- (157) **und etwas auch vor allem +g+** ,+ was betont werden muß +, das Mädchen wünscht im allgemeinen Dauer.¹⁴⁷
(FK-577, p. 315)
- (158) die Jugend heute wird früher +p+ geschlechtlich reif (...). **das muß erklärt werden.**¹⁴⁸
(FK-577, p. 325)
- (159) **und da muß man erinnern** ,+ daß die Frauen ,+ die die Pille heute nehmen (...)¹⁴⁹
(FK-568, p. 388)
- (160) L1 **und man muß vor allem darauf bedacht sein** ,+ daß (...)¹⁵⁰
(FK-334, p. 155)
- (161) **und dazu ist un:bedingt notwendig** ,+ daß (...)¹⁵¹
(FK-334, p. 144)
- (162) L2 / und da kann mit muß man noch weiter vorstoßen . es ist notwendig . es ist aber auch notwendig i+ einmal die Laien miteinzubeziehen +i. (...)¹⁵²
(FK-334, p. 151)
- (163) M (wir müssen) (ja) +k
L2 wenn sie nicht so ein ein k+ Koordinierung .
M / s+ wir müssen hier etwas erklären k+ .+ *glaube ich* +.¹⁵³
(FK-573, p.303)
- (164) / und ich gebe ihnen auch: (...) recht ,+ daß +g+ die Vorschrift (...) alt ist und zu einem Zeitpunkt geschaffen wurde +, ,+ zu dem die wissenschaftlichen Zusammen-

¹⁴⁵ **ni eu preciso interromper** (colega)... Hipócrates não disse nada disso.

¹⁴⁶ **g nós precisamos ver** que o momento da interrupção sempre é um problema sociopolítico.

¹⁴⁷ **g uma coisa antes de mais nada que precisa ser acentuada** ...a jovem na maioria das vezes deseja estabilidade.

¹⁴⁸ a juventude de hoje fica sexualmente madura mais cedo (...). **isso precisa ser esclarecido.**

¹⁴⁹ **g ni é preciso lembrar** que as mulheres que hje tomam pilula (...).

¹⁵⁰ **g é preciso levar em consideração** que (...).

¹⁵¹ **g para isso é absolutamente necessário** que (...).

¹⁵² L2: e aí pode-se deve-se ir mais adiante... é necessário... mas também é necessário sem dúvida incluir os leigos...

¹⁵³ M: (nós devemos) (sim) / L2: se o senhor não [levar em consideração] uma uma coordenação assim. / M: / nós devemos esclarecer algo aqui *eu acho*...

hänge (*ich muß besser sagen die biologischen Zusammenhänge*) der +g+ Zeugung und der Menschwerdung wissenschaftlich noch nicht hinreichend bekannt waren+...¹³⁴
(FK-568, p. 381)

Os marcadores deônticos metadiscursivos parecem intensificar o impacto da asserção que os segue, servem como “chamadores” de atenção do falante para o conteúdo do que se propõe através do enunciado. Esta propriedade pode ser observada tanto em português, apesar da exemplificação exígua, como em alemão. Naturalmente, não encontramos aqui expressões do tipo *you must do P*, ou mesmo de Mmods deônticos em sentenças imperativas, o que imputaria ao discurso um caráter altamente ditatorial, aceitável apenas em relações pessoais mais estreitas, tais como as de contexto mais familiar, onde a assimetria também está baseada na diferença da faixa etária dos falantes envolvidos no evento.

3.2.3.3 Marcadores afetivos

Os Mmods afetivos representam o último grupo de marcadores que analisamos aqui. Como já foi dito antes, eles indicam alguma forma de reação emotiva do falante diante do conteúdo proposicional de seu enunciado. Eles predicam não só o referente do enunciado como também o próprio falante, que exterioriza, através dos Mmods afetivos, a sua atitude emocional.

Em ambos os corpos, foram achados poucos exemplos desses modalizadores, talvez pelo fato de que a sua ocorrência indique uma exteriorização de traços muito particulares dos falantes, que nem sempre querem ver esse dado de sua individualidade externados. A evitação desses elementos indica também uma forma de preservação da face, assumindo que a argumentação baseada na emotividade seja bem menos eficaz, além de comprometedora, se comparada a outros mecanismos de convencimento dos interlocutores.

¹³⁴ e eu concordo com o senhor que a lei é velha e que foi criada num momento no qual as circunstâncias científicas ... (devo melhor dizer as circunstâncias biológicas)... da gestação e da criação... cientificamente falando... ainda não eram conhecidas adequadamente.

Os Mmods afetivos podem ser encontrados também sob a forma de advérbios modalizadores como em (165) e (166), sob a forma de expressões verbais, como nos casos exemplificados de (167) a (172).

- (165) (...) ... mas depois de ter criado esta dependência ...
 poderia ter a pretensão de elevar o seu nível e fazer com
 que o público chegasse evidentemente ... a este tipo de
 nível ... **Infelizmente** ... não é o que ocorre ... então ...
 (D2SP-255:587-590)
- (166) (...) ... e:: então agora ...
 no cinema parece também que está havendo essa
 desvinculação ... do figurino europeu do figurino
 americano ... **infelizmente** há muito também da chamada
 pornochanchada não é ? ...
 (D2SP-333:670-675)
- (167) L2 [ele é uma boa pessoa ...
 apenas eu lamento que não haja ... ()
 (D2SP-333:1082-1083)
- (168) L2 é ele tira o dinheiro
 L1 isso
 L2 mas parece éh ...
 L1 para a economia popular *eu acho*
 [tenho ouvido dizer que não é ...
 L2 não não não isso é terrível
 L1
 (D2SP-333 :1109-1113)
- (169) Doc. **pena que se espere tanto né?... para tomar as medidas**
sérias...
 (D2SP-343:184-185)
- (170) { não me } chame de madame -- porque ela só me chamava de
 madame -- eu acho muito desagradável () você me
 chame dona H. não me chame de madame" ... aí ela
 (D2SP-333:291-293)
- (171) L1 absolutamente ... ANti televisivo uma pessoa falando
 em fa/ ... em face das câmeras sem ilustração sem
 nada ... não é ? ... quer dizer era o ... era o o era o: a
 conferência ... filmada assim era então ... foi uma
 coisa terrível e a outra também era um OÚtro professor
 também dando uma aula não sei do qué...
 (D2SP-333:327-333)
- (172) L1 (qual) mais?... -- como é que estamos no tempo? --
 Doc. **está está ótimo (ri) mais... vinte... não trinta minutos**
 (D2SP-343:1065-1066)

Também em alemão foram encontradas muito poucas ocorrências de Mmods afetivos:

- (173) M und das ist um so bedauerlicher .+ da die Chancen der medizinischen Versorgung ja erheblich gestiegen sind +. ¹⁵⁵
(FK-334, p. 140)
- (174) M aber +k leider +g+ ist auch ein derartiger Saal eben keine +p+ absolute Ausnahme.¹⁵⁶
(FK-334, p. 142)
- (175) heute ist es also doch leider so .+ daß in den psychiatrischen Anstalten insgesamt nicht die: Fortschritte der Medizin überall zum Tragen kommen +. ,+ wie es eigentlich nötig wünschenswert und möglich wäre +. ¹⁵⁷
(FK-334, p. 144)
- (176) ebenso sind die Grobkrankenhäuser .+ auf die wir leider: (wie Herr Professor z+ Schulte +z ja sagte) nicht verzichten könnten +. ¹⁵⁸
(FK-334, p. 148)
- (177) L2 ... +k . ich wollte noch ergänzen dahin .+ daß ich sagen würde (nich wahr) +g+ +.
Lm s+ .+ was mißlich ist +. ist .+ daß also innerhalb des Apparates
L2 +g+
L2 sich zu viele um die Ausführung um das Detail kümmern +. +s. ¹⁵⁹
(FK-573, p. 292-293)

Em alemão, é possível ainda demonstrar espanto, surpresa ou entusiasmo através das partículas de nuance tal como nos exemplos abaixo. *Dem* (178), na repetição da pergunta retórica do falante anterior, deixa transparecer um certo posicionamento afetivo do falante em relação ao enunciado, indicando surpresa.

¹⁵⁵ M: o isso é mais lamentável ainda porque as chances de assistência médica aumentaram mesmo significativamente.

¹⁵⁶ M: mas infelizmente uma sala assim também não é com certeza nenhuma exceção absoluta.

¹⁵⁷ hoje infelizmente ... então é desse jeito as instituições psiquiátricas no geral não assumem os progressos da medicina como seria necessário, desejável e possível.

¹⁵⁸ da mesma forma os hospitais mais rudimentares dos quais infelizmente não podemos abrir mão (como o professor Schulte mesmo disse).

¹⁵⁹ L2: ... eu queria acrescentar ainda que eu diria que ..(não é verdade?)... que o que é desagradável é que é que ...assim... dentro da máquina / Lm ... / L2: muitos se preocupam com a aparência com detalhes.

- (178) / das andere was zu der anderen Frage ,+ die sie vorhin stellten +, was muß man denn am Apparat ändern ? i+ um nun den neuen Gegebenheiten Rechnung zu tragen +i .
/ da würde ich sagen (...) ¹⁶⁰
(FK-573, p. 309)

O Mmod afetivo *ja* usado pelo falante em (179) deixa transparecer o estado emocional da personagem criada na digressão (*das Mädchen*) que representa o grupo feminino no debate sobre a sexualidade.

- (179) sie sind nämlich kolossal gespannt s+ werde ich es denn auch als etwas so Herrliches erleben? +s . s+ sonst : .+ so glaubt sie +, bin ich ja nicht normal: +s . / es ist aber durchaus normal ,+ wie viele Psychologen und auch Mediziner +g+ meinen ¹⁶¹
(FK-577, p. 328)

L1 em (180) também usa o recurso da digressão para introduzir uma modalização do tipo afetiva. Tal ocorrência é feita na base de uma expressão com valor de interjeição, principais elementos através dos quais se pode exprimir emoções como advertência, alegria, alívio, reprovação, etc. É interessante observar que o “personagem” da digressão, em (180), é um outro “eu”, usado de forma a não comprometer a sua postura de falante inserido no contexto atual da interação em curso.

- (180) Doc. e como vocês vêem a evolução da TV?
L1 (...)... então
quando se pede à TV... a altura o nível ... de uma televisão
eu/ européia ... digo “meu Deus mas porque só a televisão tem que ter esta altura ...
(D2SP-333:301-307)

Comportamento semelhante também pode ser observado nos seguintes exemplos do alemão, onde, através do afetivo em (181) e (182), fica expressa lástima, e em (183), reprovação:

- (181) L4 die scheitert eben leider Gottes immer wieder daran .+ daß (...) ¹⁶²
(FK-573, p. 300)

¹⁶⁰ a outra coisa em relação à pergunta que o senhor fez anteriormente...mas o que se deve mudar então na máquina? tendo em conta as novas circunstâncias... aí eu diria que (...).

¹⁶¹ elas ficam na verdade enormemente tensas “será que eu vou vivenciar algo maravilhoso?” ou então ela pensa “mas será que eu sou normal?” ... mas é absolutamente normal como pensam muitos psicólogos e também muitos médicos.

¹⁶² LA: ela falha justamente [infelizmente] meu Deus sempre porque (...)

- (182) sie sehen also s+ die Verhältnisse sind (leider Gottes) nicht auf die Bundesrepublik in dieser negat+g+iven Weise beschränkt +s .¹⁶³
(FK-334, p. 143)
- (183) (ja) (um Gotteswillen) davon wollen wir nichts hören . und das ist ja mit die stärkste Belastung die größte Schwierigkeit das Vorurteil der Gesellschaft gegenüber den psychisch Kranken (Herr z+ Fischer +z) .¹⁶⁴
(FK-334, p. 149)

Pelo exposto acima, podemos concluir que também fazem parte dos Mmods afetivos as expressões com valor de interjeição (*ja, dem!*) ou as interjeições explícitas.

Procuramos, nesta última seção, demonstrar o caráter múltiplo dos MCs, expresso através das propriedades organizadoras por eles desempenhadas. Notamos que os movimentos provocados pelos articuladores também estão carregados desta força argumentativa inerente ao “Jogo de Linguagem” (*Sprachspiel*) e que sua co-ocorrência com outras realizações de Mmods orienta os protagonistas no que há de social dentro do evento conversacional: a atenuação, exercida pelos Mmods quase-asseverativos e pelos delimitadores em co-ocorrência com os asseverativos e deônticos, e a intensificação na duplicação dos Mmods asseverativos. Notamos, também, que classes diferentes de palavras (partículas de nuance e palavras modais no alemão) usadas como Mmods podem ter realizações distintas em uma e outra língua (locuções adverbiais, expressões verbais, prefácios, posfácios e frases estereotipadas em português).

¹⁶³ o senhor pode ver então as circunstâncias ([infelizmente] meu Deus) não se restringem à Alemanha nesse lado negativo.

¹⁶⁴ (sim) ...[por Deus]... não queremos ouvir falar disso... e isso [acontece] mesmo com... a pressão mais forte a maior dificuldade o preconceito da sociedade diante dos doentes mentais (senhor Fischer).

4. Conclusões

Na introdução deste trabalho, propusemos algumas questões a respeito do estudo dos MCs, as quais, agora, retomamos, a fim de observar quais delas puderam ser satisfatoriamente respondidas e quais hipóteses, ali aventadas, se confirmaram ou não.

No primeiro capítulo, estabelecemos o lugar ocupado pelos MCs nos fundamentos da Pragmática e, em seguida, procedemos a um recorte, concentrando-nos em tópicos específicos da AC. Tais considerações serviram-nos como inspiração para a criação do modelo de análise, explicitado no segundo capítulo. Ali, propusemos um esquema de categorização dos MCs, encaixando-os em dois grupos básicos: marcadores interacionais e marcadores modalizadores. Os primeiros subdivididos em marcadores de gestão do turno e marcadores de gestão dos tópicos. Os outros foram subdivididos em epistêmicos, deonticos e afetivos, segundo o modelo proposto por Castilho (1992b) para os advérbios modalizadores. De antemão, havíamos esclarecido que a proposta de subdivisão dos MCs em interacionais e modalizadores funcionava apenas para diferenciar funções cumulativas que os mesmos desempenham durante o evento conversacional, ou seja, um mesmo MC pode desempenhar funções interacionais, como também está carregado de força modalizadora. A segmentação proposta, portanto, serviu apenas para que se pudesse verificar mais claramente tais funções. Constatamos, durante a análise dos corpórea, que as subdivisões por nós propostas, serviram tanto à análise dos MCs em português como à dos MCs em alemão.

Em (2.1), estabelecemos a diferença funcional específica entre os articuladores discursivos e os outros MCs. Dissemos que os articuladores (*e, mas, porque, agora;*

also, nun, und) atuam simultaneamente como elementos que organizam os turnos e os tópicos, e que podem co-ocorrer com outras formas de MCs.

Em (3.1.1.1), alertamos para a problemática referente à diferenciação tipológica existente entre o *cópus* em português (+privado, +espontâneo, +condicionado pela estrutura dialógica e de temas +cotidianos e -fixos) e o *cópus* em alemão (+público, -espontâneo, +condicionado por especificidade temática e de tema +especialmente preparado). Tais divergências impediram uma análise estatística comparativa dos *cópora*, mas não impediu a acomodação dos MCs encontrados ao modelo proposto. Tal fato comprova, portanto, a adequação do método de análise, ou seja, a própria diferenciação concorre para referendar os métodos. De outro lado, essa mesma diferenciação textual-tipológica evidenciou, em cada uma das línguas, o uso de recursos distintos, no que se refere às questões de planejamento e organização dos turnos e tópicos, e dos diferentes tipos de modalização dos enunciados.

Tanto em português, como em alemão, constatamos a existência de MCs organizando os turnos. Em ambas as línguas, pudemos encontrar ocorrências de pequena extensão atuando como marcas de verificação do dito e de entrega consentida do turno (*né?, sabe?; nicht?, ja?*), e marcas de maior ou menor extensão, funcionando como preenchedores de silêncio ou como marcas do processamento da formulação (*em termos gerais, basicamente, assim; zum Teil, sicherlich, also*). Tanto em alemão, como em português, foram encontradas as mesmas estratégias de manutenção e de tomada dos turnos.

Em (2.3.2), propusemos uma categorização para os MCs no plano da gestão dos tópicos, baseados nas funções exercidas pelos mesmos na organização das UD's e dos segmentos tópicos. A sistematização mostrou-se adequada para a análise dos *cópora* nas duas línguas. As ocorrências encontradas evidenciaram a necessidade de dissociar tais funções desempenhadas pelos articuladores e pelos demais MCs. Procedemos, ainda, a uma subdivisão dos MCs nas margens da UD's, de acordo com a função por eles desempenhadas na organização seqüencial das mesmas. De um lado, constatamos a

ocorrência de articuladores e MCs nas margens de construções paratáticas (de continuidade tópica linear e de continuidade tópica hierárquica), e, de outro lado, verificamos a presença de articuladores e MCs nas margens de construções hipotáticas (de descontinuidade tópica linear), tais como as digressões, que podem ser ampliadas em algum outro ponto do evento, e os parênteses, como breves interrupções que não estabelecem relações de concernência e relevância com outras UDs, e que não são pontualizadas em outro lugar da conversação. Também, aqui, constatamos a adequação do modelo proposto. No entanto, no que se refere ao tipo de digressões encontradas nos corpóra, verificamos que o contexto situacional é decisivo para a negociação dos temas em questão. Em alemão, o número maior de falantes e a fixidez temática regulam a argumentação dos interlocutores de forma a que as inserções, sob forma de digressão ou parênteses, apresentem um caráter argumentativo mais próximo da exemplificação, da avaliação e da síntese, dado que os protagonistas são especialistas do assunto. Em português, o grau mais alto de privacidade e de familiaridade entre os interlocutores e a baixa fixidez temática permitem que haja transições mais constantes e que as mesmas possam facilmente ocupar o *status* de novo subtópico da conversação. Tais considerações a respeito da especificidade das digressões e parênteses foram por nós levadas em conta, a fim de verificar que formas homônimas de MCs ocorrem em diferentes tipos de inserções. Constatamos, ainda a existência de marcadores de superordenação tópica, em português e em alemão (*mas, agora, então; nun, aber, also*), que exercem uma função organizadora em nível mais alto no plano hierárquico dos tópicos.

A análise dos MCs sob a perspectiva da modalização inerente aos mesmos completa o quadro de interpretações possíveis a respeito destes elementos. Através dos Mmods, fica nitido o envolvimento dos interlocutores e o seu comprometimento dentro do evento conversacional. A modalização, assim, fica evidenciada quer através de confirmações curtas em respostas (*certo, exato, claro; eben, doch, natürlich*), quer através de elementos mais elaborados (*eu diria que...; ich wollte nur sagen daß*).

A categorização por nós adotada para os Mmods (epistêmicos, deonticos e afetivos) mostrou-se eficaz, mesmo levando-se em conta a distinção tipológica dos corpóra, pois tanto em português como em alemão, verificamos que a co-ocorrência de Mmods determina que estratégias de negociação foram postas em prática pelos interlocutores. De uma lado, temos ocorrências de Mmods epistêmicos quase-asseverativos e delimitadores juntamente com deonticos. Tal recurso confirma o papel preponderante dos Mmods como mecanismos de preservação da face e de exteriorização da polidez dialógica. De outro lado, encontramos a ocorrência redobrada de epistêmicos asseverativos e deonticos, usados para marcar a intensificação do enunciado.

Tanto em alemão, como em português, foram encontradas poucas ocorrências de Mmods afetivos. Não pudemos evidenciar o verdadeiro motivo de tal fato, mas as condições (*contextual frame*) em que ocorreram as conversações devem ser consideradas um fator determinante para a exiguidade de afetivos, dado que os mesmos conferem aos enunciados um caráter de maior comprometimento emocional dos interlocutores.

No que se refere ao contraste específico entre o português e o alemão falados, verificamos que a tipologia dos corpóra, diferenciada em alguns pontos, provoca usos e realizações diferentes nas duas línguas, tomando determinadas formas de Mmods mais ocorrentes numa língua do que em outra, como é o caso do grande número de deonticos em alemão e de quase-asseverativos em português.

Evidenciamos também, as diferenças relativas ao aspecto sintático que fundamenta a ordenação dos Mmods em português (posições 1 e 2) e em alemão (posição 4). No entanto, justamente no que se refere à questão sintática, reconhecemos a incompletude na interpretação por nós apresentada, uma vez que nos dedicamos mais à elucidação dos aspectos semântico-pragmáticos que envolvem o uso dos MCs.

Também reconhecemos que uma adequação maior dos corpóra, no que se refere ao seu caráter pragmático-constitutivo, possibilitaria uma análise mais uniforme e

consistente do ponto de vista do equilíbrio do número de ocorrências de modalizadores numa e noutra língua. Cremos, porém, ter alcançado os objetivos principais expostos na introdução deste trabalho: a adequação da categorização dos MCs em duas classes distintas de acordo com (1) as funções interacionais, de gestão dos turnos e dos tópicos e (2) a função ideacional-modalizadora inerente aos mesmos.

Com o presente trabalho, não pretendíamos esgotar as possibilidades de classificação dos marcadores conversacionais. No decorrer da análise, verificamos que muito do que se tem dito até aqui sobre os articuladores e sobre a modalização presente nos MCs ainda pode ser ampliado e estudado. No que se refere ao contraste alemão falado culto-português falado culto, cremos que, pelo exposto neste trabalho, pudemos esclarecer algumas relações de semelhanças e diferenças inerentes às duas línguas no uso dos MCs.

A análise feita neste trabalho esteve voltada para a identificação e categorização dos MCs em alemão e em português. No entanto, durante a descrição dos fenômenos encontrados, verificamos que é possível verificar o grau de centração tópica e a predominância deste ou daquele tipo de modalização em ambas as línguas, desde que a análise seja baseada em corpóra de tipologia textual idêntica. Abre-se, aqui, portanto, uma possibilidade de novo estudo contrastivo destas duas línguas. Estudos como estes são significativos para o reconhecimento de estratégias de argumentação nas duas línguas e denotam grande importância para a questão da aquisição de língua estrangeira; questão essa que, inicialmente, nos motivou para o presente trabalho.

Referências Bibliográficas

- ALLWOOD, Jens: *Linguística Communication as Action and Cooperation, a Study in Pragmatics*. Goeteborg, Universidade de Goeteborg, 1976. Tese de Doutorado apresentada à Universidade de Goeteborg.
- AUSTIN, John L.: *Zur Theorie der Sprechakte (How to do things with words)*. Stuttgart, Reclam, 1975.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de: Procedimentos de Reformulação: A Correção. in: PRETI, Dino (org.): *Análise de Textos Oraís de Estudos da Norma Linguística Urbana Culta de São Paulo*. São Paulo, FFLCH/USP, 1993, p. 129-156. (Projeto NURC/SP)
- BOXER, Diana: Social Distance and Speech Behavior: The Case of Indirect Complaints. *Journal of Pragmatics*. vol. 19. 1993. p. 103-125.
- BROWN, Penelope & LEVINSON, Stephen: Universals in Language Usage: Politeness Phenomena. in E. GOODY (ed.): *Questions and politeness*. Cambridge, Cambridge University Press, 1978. p. 56-289.
- BÜHLER, Karl: *Sprachtheorie*. Stuttgart, 1934.
- CASTILHO, Ataliba T. de & PRETI, Dino (org.): *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo*. vol. II: Diálogos entre Dois Informantes. São Paulo, T.A. Queiroz, 1986.
- CASTILHO, Ataliba T.: *Os Adjetivos Predicativos no Português Falado*. São Paulo, 1992a. (mimeografado).
- CASTILHO, Ataliba T.: Advérbios Modalizadores. in ILARI, R. (org.): *Gramática do Português Falado*. vol. II: Níveis da Análise Linguística. Campinas, Editora da Unicamp, 1992b. p. 213-260.
- CASTILHO, Ataliba T.(org): *Gramática do Português Falado*. vol. III: As Abordagens. Campinas, Editora da Unicamp/FAPESP, 1993.
- CHEN, Rong: Responding to Compliments: A Contrastive Study of Politeness Strategies Between American English and Chinese Speakers. *Journal of Pragmatics*. vol. 20.1993. p. 49-75.

- COULMAS, Florian (ed.): *Conversational Routine: Explorations in Standardized Communication Situations and Prepatterned Speeches*. The Hague, Mouton Publishers, 1981.
- FAERCH, Claus & KASPER, Gabriele: *Ja und? - og hva'så - a Contrastive Discourse Analysis of Gambits in German and Danish*. Jacek Fisiak (ed.). *Contrastive Linguistics*. Berlin, Mouton. 1984. p. 69-105.
- FÁVERO, Leonor Lopes: O Tópico Conversacional. in PRETI, Dino (org.): *Análise de Textos Oraís de Estudos da Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo*. São Paulo, FFLCH/USP, 1993. p. 33-54. (Projeto NURC/SP)
- FRASER, Bruce: The Concept of Politeness. Paper presented at the 1985 NWAWE Meeting. Georgetown University. 1975
- FRASER, Bruce & NOLEN, William: The Association of Deference with Linguistic Form. *International Journal of the Sociology of Language*. vol. 27. 1981, p. 93-109.
- FRASER, Bruce: Perspectives on Politeness. *Journal of Pragmatics*. vol.14. 1990a. p. 219-236.
- FRASER, Bruce: An Approach to Discourse Markers. *Journal of Pragmatics*. vol. 14. 1990b. p. 383-395.
- GALEMBECK, Paulo de Tarso *et alii*: Marcadores Conversacionais. in PRETI, Dino & URBANO, Hudinilson (org.): *A Linguagem Falada Culta na Cidade de S. Paulo*. vol. IV: Estudos. São Paulo, T. A. Queiroz, Editor/FAPESP, 1990. p. 58-97.
- GIMENO, Maria Helena: A Nova Retórica: Alguns Aspectos de Ch. Perelman. *Cadernos Lingüísticos*. vol. 10. Campinas, UNICAMP, 1.º semestre de 1986. p.59-80.
- GRICE, Paul: Logic and conversation. in COLE, Peter & MORGAN, Jerry (eds.): *Syntax and Semantics*. vol. 3: Speech Acts. New York, Academic Press, 1975. p. 41-58.
- HELBIG, Gerhard & BUSCHA, Joachim: *Deutsche Grammatik. Ein Handbuch für den Ausländerunterricht*. Leipzig, VEB Verlag Enzyklopädie. 1987.
- HELBIG, Gerhard: *Lexikon Deutscher Partikeln*. Leipzig, Verlag Enzyklopädie, 1990.

- HENNE, Helmut & REHBOCK, Helmut: *Einführung in die Gesprächsanalyse*. Berlin, de Gruyter, 1982. (Sammlung Göschen)
- HILGERT, José Gaston: *A Paráfrase: Um Procedimento de Constituição do Diálogo*. São Paulo, USP, 1990. Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.
- HILGERT, José Gaston: Esboço de uma Fundamentação Teórica para o Estudo das Atividades de Formulação Textual. in CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org.): *Gramática do Português Falado*. vol. III: As Abordagens. Campinas, Editora da Unicamp/FAPESP, 1993a. p. 99-118.
- HILGERT, José Gaston: Procedimentos de Reformulação: A Paráfrase. in PRETI, Dino (org.): *Análise de Textos Oraís de Estudos da Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo*. São Paulo, FFLCH/USP, 1993b. p. 103-128. (Projeto NURC/SP)
- HÖLKER, Klaus: Con and Co: Continuity and Marqueurs in Oral Discourse. in CONTE, M.E. & PETÖFI, E. S. (eds.): *Text and Discourse Connectedness: Proceedings of the Coherence*. Amsterdam, John Benjamins, 1989. p. 83-91.
- HOUSE, Juliane & KASPER, Gabriele: Politeness Markers in English and German. in COULMAS, Florian (ed.): *Conversational Routine: Explorations in Standardized Communication Situations and Prepatterned Speech*. The Hague, Mouton, 1981. p. 157-185.
- ILARI, Rodolfo: Considerações sobre a posição dos Advérbios. in CASTILHO, Ataliba de Teixeira: *Gramática do Português Falado*. vol. I: A Ordem. Campinas, FAPESP/Editora da UNICAMP, 1990. p. 63-142.
- JUBRAN, Clélia Cândida A. S. *et alii*: Organização Textual. in ILARI, Rodolfo (org.): *Gramática do Português Falado*. vol. II: Níveis de Análise Lingüística. Campinas, Editora da Unicamp, 1992. p. 357-398.
- JUBRAN, Clélia Cândida A. S.: Inserção: Um Fenômeno de Descontinuidade na Organização Tópica. in CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org.): *Gramática do Português Falado*. vol. III: As Abordagens. Campinas, Editora da Unicamp /FAPESP, 1993. p. 61-74.

- JUBRAN, Clélia Cândida A. S.: Parênteses: Propriedades Identificadoras. in *Gramática do Português Falado*. vol. IV: Estudos Descritivos. Campinas, Editora da UNICAMP/FAPESP, 1996. p. 411-422.
- KASPER, Gabriele: Linguistic Politeness: Current Research Issues. *Journal of Pragmatics*. vol. 14, 1990. p. 193-218.
- KAYSER, Hermann: A Schema for the Analysis of Communicative Coherence in Interaction, The Organization of Consultations. in CONTE, M.E. & PETÖFI, E. S. (eds.): *Text and Discourse Connectedness: Proceedings of the Coherence*. Amsterdam, John Benjamins, 1989. p. 245-257.
- KELLER, Eric: Gambits: Conversational Strategy Signals. *Journal of Pragmatics*. vol. 3. 1979. p. 219-238.
- KOCH, Ingedore G. Villaça *et alii*: Aspectos do Processamento do Fluxo de Informação no Discurso Oral Dialogado. in CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org.): *Gramática do Português Falado*. vol I: A Ordem. Campinas, Editora da Unicamp/FAPESP, 1990. p. 143-184.
- KOCH, Ingedore G. Villaça: *Argumentação e Linguagem*. São Paulo, Cortez Editora, 1993.
- KOCH, Ingedore G. Villaça *et alii*: A dimensão Illocutória. In CASTILHO, Ataliba Teixeira de Castilho (org.): *Gramática do Português Falado*. vol. III: As Abordagens. Campinas, FAPESP/Editora da UNICAMP, 1993. p.19-30.
- KOCH, Ingedore G. Villaça: *A Inter-Ação pela Linguagem*. São Paulo, Editora Contexto, 1995. (Coleção Repensando a Língua Portuguesa)
- KOCH, Peter & OSTERREICHER, Wulf: *Gesprochene Sprache in der Romania: Französisch, Italienisch, Spanisch*. Tübingen, Niemeyer, 1990. (Romanistische Arbeitshefte 31)
- LARRUE, Janine e TROGNON, Alain: Organization of Turn-Taking and Mechanisms for Turn-Taking Repairs in a Chaired Meeting. *Journal of Pragmatics*. vol. 19. 1993. p. 177-196.
- LEECH, Geoffrey: *Principles of Pragmatics*. Essex, Longman, 1983. (Longman Linguistics Library 30)
- LEVINSON, Stephen C.: *Pragmatik*. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1990. [1983]

- LÖTSCHER, Andreas: The Pragmatics of Nonreferencial Topics in German (and other Languages). *Linguistics*. vol 30. 1992. p. 123-145.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio: Seguir uma Regra. *Cadernos Lingüísticos*. vol. 10. Campinas, UNICAMP, 1.º semestre de 1986. p. 87-96.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio: Marcadores Conversacionais no Português Brasileiro: Formação, Posições e Funções. in CASTILHO, Ataliba (org.): *Português Culto Falado no Brasil*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1989. p. 281-318.
- MASCHLER, Yael: Metalanguaging and Discourse Markers in Bilingual Conversation. *Language in Society*. vol. 23. 1994. p. 325-366.
- MAYNARD, Senko K.: *Discourse Modality. Subjectivity, Emotion and Voice in the Japanese Language*. Amsterdam, John Benjamins, 1993. (Pragmatics & Beyond New Series)
- MEIRELES, Selma Martins: A Negação Sintaticamente Explícita em Diálogos Falados do Português e do Alemão. Dissertação de Mestrado, FFLCH, USP, 1991.
- NWOYE, Onuigbo G.: Linguistic Politeness and Socio-Cultural Variations of the Notion of Face. *Journal of Pragmatics*. vol. 18. 1992. p. 309-328.
- OS, Charles van: *Texte gesprochener deutscher Standardsprache II*. München, Max Hueber Verlag, 1974. ("Meinung gegen Meinung". Diskussion über aktuelle Themen, ausgewählt, redigiert und eingeleitet von Charles van Os)
- PAVLIDOU, Theodossia: Contrasting German-Greek Politeness and the Consequences. In: *Journal of Pragmatics* . vol. 21. 1994. p. 487-511.
- PERELMAN, Ch: *The New Rhetoric and the Humanities, Essays on Rhetoric and its Applications*. Holland, Dordrecht, 1979.
- PRETI, Dino (org.): *Análise de Textos Oraís, Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo*. São Paulo, FFLCH/USP, 1993. (Projeto NURC/SP)
- REDEKER, Gisela: Ideational and Pragmatic Markers of Discourse Structure. *Journal of Pragmatics*. vol. 14. 1990. p. 367-381.
- REDEKER, Gisela: Linguistic Markers of Discourse Structure. *Linguistics*. vol. 29. 1991. p. 1139-1172.

- RJSSO, Mercedes S.: "Agora... o que eu acho é o seguinte": Um Aspecto da Articulação do Discurso no Português Culto Falado. in CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org.): *Gramática do Português Falado*. vol. III: As Abordagens. Campinas, Editora da Unicamp/FAPESP, 1993. p. 31-60.
- RJSSO, Mercedes S.: "O Articulador Discursivo 'Então'". in CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org.): *Gramática do Português Falado*. vol IV: Estudos Descritivos. Campinas, FAPESP/Editora da UNICAMP, 1996. p. 423-452.
- ROSA, Margaret: *Marcadores de Atenuação, Análise da Conversação, Processos de Atenuação na Língua Falada, os Falsos Atenuadores*. São Paulo, Editora Contexto, 1992. (Coleção Repensando a Língua Portuguesa)
- RUNDQUIST, Suellen: Indirectness: A gender study of flouting Grice's maxims. *Journal of Pragmatics*. vol.18. 1992. p. 431-449.
- SACKS, H., SCHEGLOFF, E. E. & JEFFERSON, G.: A Simplest Systematics for the Organisation of Turn-Taking for Conversation. *Language*. vol. 50. 1974. p. 696-735.
- SARANGI, Srikant K. e SLEMBROUCK, Stefaan: Non-cooperation in communication: A reassessment of Gricean pragmatics. *Journal of Pragmatics*. vol. 17. 1992. p. 117-154.
- SCHIFFRIN, Deborah: *Discourse Markers*. Cambridge, Cambridge University Press, 1987.
- SCHIFFRIN, Deborah: Anaphoric *Then*: Aspectual, Textual, and Epistemic Meaning. *Linguistics*. vol. 30, 1992. p. 753-792.
- SCHLOBINSKI, Peter e SCHÜTZE-COBURN, Stephan: On the Topic of Topic and Topic Continuity. *Linguistics*. vol. 30. 1992. p. 89-121.
- SCHOENTHAL, Gisela: Sprechakttheorie und Konversationsanalyse. In: DITTMANN, Jürgen: *Arbeiten zur Konversationsanalyse*. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1979.
- SEARLE, J.: *Speech Acts*. Cambridge, University Press, 1969.
- SOUZA E SILVA, Maria Cecília P. de & KOCH, Ingedore G. V.: A Dimensão Ilocutória. in CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org.): *Gramática do Português*

- Falado*. vol. III: As Abordagens. Campinas, Editora da Unicamp/FAPESP, 1993. p. 19-30.
- URBANO, Hudinilson: Marcadores Conversacionais. in PRETI, Dino (org.): *Análise de Textos Oraís de Estudos da Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo* São Paulo, FFLCH/USP, 1993. p. 81-102. (Projeto NURC/SP)
- WILDNER-BASSET, Mary E.: Intercultural Pragmatics and Proficiency: 'Polite' Noises for Cultural Appropriateness. *IRAL*, vol. XXXII/1, February 1994. p. 3-17.
- WITTGENSTEIN, Ludwig: *Tractatus Logico-Philosophicus, Philosophische Untersuchungen*. Frankfurt a.M., Suhrkamp Verlag, 1984. [1921]
- WITTGENSTEIN, Ludwig: *Tractatus Logico-Philosophicus*. Tradução, Apresentação e Ensaio Introdutório de Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo, Edusp, 1993.